

www.harmonianet.org

JORNADA ESPIRITUAL



**NÉLSON VILHENNA
&
PABLO DE SALAMANCA**

2012

SOBRE OS AUTORES

Nélson Vilhenna nasceu no Rio de Janeiro em 1938, tendo formação de nível superior em engenharia agrônômica, profissão escolhida pela sua ligação com a terra. Graduou-se em 1966 e concluiu mestrado em 1994. Doutorou-se em 2004, após defesa de tese em tema sobre a busca de uma alternativa natural que evitasse a ocorrência de uma toxina perigosa, em amendoim contaminado por fungos. Foi professor universitário entre 1976 e 2008. Quanto ao campo espiritualista, começou suas atividades mediúnicas em 1971, tendo atuado em grupos de diversas orientações, o que lhe propiciou uma vivência bastante universalista. O presente livro, *Jornada Espiritual*, surgiu de uma intuição em que percebeu que seria positivo colocar a sua experiência à disposição de outras pessoas.

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. Através das mãos de Pablo surgiram os seguintes livros até o momento, sendo alguns deles mediúnicos: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011). Na presente obra, *Jornada Espiritual*, a coautoria de Pablo cumpre um papel coadjuvante, pois a jornada apresentada é fundamentalmente de Nélson Vilhenna.

AGRADECIMENTOS

Nélson Vilhenna

Agradeço inicialmente à Grande Mente Universal, que denominamos Deus, pela oportunidade de aprendizado e crescimento espiritual nas várias encarnações que me proporcionou, mas especialmente nesta, em que tive contato com diferentes energias espirituais que ajudaram profundamente no meu entendimento das relações entre encarnados e desencarnados. Sou grato aos meus guias, bem como a todos os guias espirituais com quem tive o prazer de conviver, pelo amparo e orientações e especialmente ao meu Mentor que, pacientemente, tem me ajudado a trilhar o caminho que foi traçado para esta existência física. Agradeço com imenso sentimento de apreço e amor ao eterno amigo P.V. (nome carinhoso com que “batizei” um guia-caboclo), por todo empenho e firmeza com que me orientou. Agradeço ao irmão Tituis Marcicano que me iniciou no mundo do espiritualismo sem preconceitos, ao irmão Pablo que foi um verdadeiro “laboratório de experiências

mediúnicas” esclarecedoras, a Tetê Souza que com sua postura nobre, forte e humilde ajudou no início de minhas transformações interiores, a Rosa Vilhenna, Mariana e Sara que permitiram, através de suas mediunidades, um contato mais próximo com os espíritos. Sou grato a todos os médiuns e frequentadores do C.E.F.J., que ajudaram também nesta jornada. Não posso deixar de agradecer, de forma muito especial, aos nossos irmãos da corrente de Exu que, com sua dedicação e humildade, contribuíram efetivamente não só para o bom andamento dos trabalhos no C.E.F.J., mas também no aperfeiçoamento da minha visão da Umbanda. Deixo também meu profundo agradecimento a todos os espíritos com quem dialoguei nos momentos de “doutrinação”, sem os quais eu não teria alcançado a experiência e o entendimento dessa minha jornada, bem como também não teria a oportunidade de fazer uma “infinidade” de amigos, como tenho agora no Astral. Finalmente agradeço a todos os autores dos livros espíritas/espiritualistas e de autoajuda que li, meditei e discuti com meus pares e que me ajudaram a abrir e desvendar os segredos do meu inconsciente, reconhecendo-me como um espírito eterno percorrendo uma jornada evolutiva.

Pablo de Salamanca

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Néelson Vilhenna e Tetê Souza, pelos anos de convívio e pelo companheirismo nas lides espiritualistas, que possibilitaram a execução deste livro. Por fim, manifesto minha gratidão a todos aqueles que participam ou já contribuíram com o C.E.F.J., pois são atores protagonistas desta obra.

CAPA

A capa é fotografia de **Chance Agrella**, retirada do *site* <http://www.freerangestock.com> (acesso em 08/02/2012), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

DIREITOS AUTORAIS

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido após a autorização de pelo menos um dos autores, depois de contato através do e-mail **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando os autores e a *home page* responsável pela sua manutenção na Internet.

ÍNDICE

<u>Prefácio - Pablo de Salamanca</u>	1
<u>Introdução – Nélon Vilhenna</u>	3
<u>PARTE 1 - Minha jornada espiritual - Nélon Vilhenna</u>	4
Primeiros contatos com o espiritualismo	5
Transição para o papel de dirigente espiritualista	9
Meu caminho como dirigente espiritualista	17
<u>PARTE 2 - Casos espiritualistas interessantes - Nélon Vilhenna</u>	30
1 - Um caso de amparo	31
2 - O comandante	34
3 - Um habitante das sombras	36
4 - Diálogo com um justiceiro	38
5 - O pastor	41
6 - O General das Trevas	44
7 - A invigilância na casa espírita	47
8 - O ébrio	51
9 - Religião	53
10 - Passe a distância	57
11 - O bordel	58
12 - Legião	68
13 - Os escravos	73
14 - Resquícios das Cruzadas - parte 1	77
15 - Resquícios das Cruzadas - parte 2	81
16 - Resquícios das Cruzadas - parte 3	83
17 - Resquícios das Cruzadas - parte 4	85
<u>PARTE 3 - Comentários e reflexões - Pablo de Salamanca</u>	90
Entidades da Umbanda	91
Conexão a distância	96
Viagem astral e atividade mediúnica	98
<u>PARTE 4 - Palavras finais - Nélon Vilhenna & Pablo de Salamanca</u>	102

PREFÁCIO

Conheci Néelson Vilhenna, em 1991, na universidade. Eu era um engenheiro recém-formado e iria iniciar um mestrado. Meu professor-orientador apresentou-me Néelson, que já era professor há muitos anos na instituição, mas só naquele momento teria oportunidade de iniciar seu mestrado. Ambos seríamos colegas de turma. Rapidamente tornamo-nos amigos e conversávamos muito sobre mediunidade e Espiritismo. Ele já tinha larga experiência nesses assuntos e eu era praticamente um neófito. Grande parte do conhecimento que eu detinha sobre o tema era meramente teórico, sendo devido à intensa leitura que vinha fazendo desde a adolescência.

A amizade prosseguiu e se estreitou. Néelson já idealizava a formação de um grupo de estudos e trabalhos práticos espiritualistas. Isto se concretizou em sete de setembro de 1993, num cômodo construído sobre a garagem da residência de Néelson Vilhenna. Este foi o ponto de partida do meu desenvolvimento mediúnico e da ampliação da minha compreensão sobre questões espirituais.

E os anos foram se passando, muito proveitosos para mim, e me possibilitando crescer internamente. A convivência com Néelson Vilhenna trouxe-me, indiscutivelmente, grandes ganhos pessoais. Num determinado dia, uma entidade que se manifestava através da minha mediunidade, falou ao Néelson que nós trabalharíamos espiritualmente num mesmo grupo por apenas alguns anos. O mentor explicou que, no futuro, eu teria que fundar um novo agrupamento espiritualista, pois tinha uma programação particular nesse sentido. Interiormente fiquei triste com a notícia, pois eu e Néelson tínhamos construído forte amizade, provavelmente continuidade de vidas progressas. No entanto, logo me despreocupeí desse aviso, pois acreditava que permaneceria exercendo minhas atividades mediúnicas com o amigo por extenso período.

O tempo passou e o dia da separação física chegou. Havia trabalhado no grupo de Néelson Vilhenna por quase oito anos. Tinha aprendido muito com ele e com a egrégora espiritual do Centro (C.E.F.J.). Posso destacar que um dos maiores aprendizados que tive, foi no campo da humildade, pois o amigo e dirigente Néelson exemplificava muito bem esta tão difícil virtude. Outra característica marcante do professor Vilhenna foi a questão do universalismo. Com ele, entendi como eram irrelevantes alguns preconceitos cultivados no meio espírita/espiritualista. Néelson, enquanto responsável maior pelo C.E.F.J., sempre se caracterizou por um imenso respeito à Espiritualidade e aos vários tipos de trabalhadores e mensageiros desencarnados, desde a mais simples entidade que atuava na higienização do ambiente, até o instrutor mais iluminado. Quanto aos médiuns e frequentadores encarnados, ele sempre teve palavras de estímulo e de orientação, para as mais variadas situações apresentadas, com todo o equilíbrio necessário. Além disso, ainda

tenho o impulso de assinalar o amor e o carinho do amigo Vilhenna, com relação aos espíritos sofredores que se manifestavam no Centro. Não vi nesta minha caminhada terrena, outra pessoa que lidasse tão bem com entidades em desarmonia, durante os diálogos de esclarecimento.

Bem, por fim, convido a todos os leitores que se interessam pelo Espiritualismo Universalista a conhecer a riquíssima “**Jornada Espiritual**” de Nélon Vilhenna, que, com certeza, trará ótimas contribuições a quem se interesse em trilhar por caminhos semelhantes. Sejam bem vindos a esta jornada...

Pablo de Salamanca

9 de julho de 2012.

INTRODUÇÃO

Certa noite acordei de madrugada e, entre outros pensamentos que tomavam o meu tempo de descanso, veio-me uma orientação para que eu escrevesse sobre o contato que eu vinha tendo, desde a infância, com as energias espirituais. Não se tratava de uma autobiografia, mas que eu compartilhasse a minha experiência com as pessoas.

Depois de algum tempo, o sono reparador retornou e adormeci. Pela manhã, antes da oração matinal, lembrei-me daquela orientação e senti um impulso muito forte para executá-la. Durante todo o dia pensei no assunto, amadurecendo as ideias, indo e voltando ao passado, como se a minha mente estivesse programando o roteiro a ser seguido. Realmente foi isso que aconteceu. Tracei um roteiro básico e, durante o fato, materializou-se o objetivo principal a ser atingido: a desmistificação do que as pessoas entendem por Umbanda, considerando “macumba” como seu “sinônimo”. Além disso, eu deveria mostrar que o intercâmbio com os espíritos não é exclusivo de nenhuma vertente filosófico-religiosa isolada. Finalmente, precisaria evidenciar através dos resultados práticos, que a Espiritualidade aproveita todo o conhecimento que nós vamos adquirindo, para amparar os necessitados encarnados e desencarnados, sem qualquer discriminação.

Espero que este livro atinja seus objetivos, chegando a um máximo possível de pessoas com mente e coração abertos.

Nélson Vilhenna

PARTE 1
MINHA JORNADA ESPIRITUAL
(Nélson Vilhenna)

PRIMEIROS CONTATOS COM O ESPIRITUALISMO

Quando éramos crianças, minha mãe tinha o costume de nos rezar, quando tínhamos dor de cabeça, com um copo de água em uma das mãos sobre nossas cabeças e uma faca na outra mão fazendo o sinal da cruz várias vezes, proferindo uma oração que nunca consegui entender seu conteúdo. Em seguida jogava a água, de costas, pela porta da frente, para fora.

Quando se tratava de algo que ela não conseguia resolver (“ventre virado”, “mau olhado”, etc.), nos mandava para uma senhora que nos rezava com um galhinho de arruda. Interessante é que sempre resolvia os problemas.

Na adolescência, eu ia consultar um médium no Morro do Mirante, no Rio Comprido. Também conheci um Centro de Umbanda acompanhando uma vizinha que não podia ir sozinha, mas foi uma experiência curta, pois logo depois nos mudamos de bairro.

Minha tia era médium umbandista, mas estava licenciada por causa de uma cirurgia na barriga, que tirou muito das suas forças físicas normais. Acompanhei-a algumas vezes, sendo que em uma delas, por causa de uma distração do cambono (um ajudante encarnado, que auxilia entidades em manifestação), que não saudou convenientemente o Exu Chefe, o dirigente espiritual da Casa, que se intitulava Ogum Megê, deixou todos os médiuns e visitantes de “castigo”, sem poder sair do Centro até que raiasse o dia. Fiquei revoltado com esta atitude, não vendo coerência nela, e nunca mais voltei lá, ficando longo tempo sem ir a outro lugar. Interessante, que nesta Casa eu tinha o costume de, ao cumprimentar os guias, especialmente os caboclos, os abraçava com dois trancos, batendo fortemente o peito dos médiuns contra o meu. Notava uma força que me impelia para aquilo e que fazia sentir-me “grande” diante deles.

O primeiro livro espírita que li foi o “Espírito das Trevas”, de Celestina Arruda Lanza e, mais tarde, “A Vingança do Judeu”, da Médium Wera Krijanowskie e do Espírito Conde J. W. Rochester. Senti uma atração forte por aquele assunto, mas não tive disposição suficiente para buscar novos livros e me inteirar melhor sobre o Espiritismo. As pessoas que me emprestaram tais livros eram apenas leitores, mas não espíritas.

A minha família passava uma situação econômica difícil e o meu pai conheceu um colega de trabalho, cuja esposa dirigia um grupo de Umbanda, em reunião de gira (termo usado para assinalar uma típica sessão umbandista) quase só de familiares, nos fundos da casa. Este colega tinha interesse no cargo que meu pai ocupava e o influenciou a participar das sessões, dizendo que ele poderia melhorar de vida. Infelizmente, se tratava de uma armadilha para enredá-lo em uma

magia que tirou-lhe o cargo, o emprego e o sossego. Eu acompanhava meu pai e não dei por conta do que estava acontecendo, a não ser depois dos fatos consumados. Fiquei mais uma vez revoltado com aquela religião, não querendo saber de nada referente à “macumba”.

O tempo passou e eu já estava servindo à Aeronáutica, quando um amigo convidou-me e a meu irmão para tomarmos banho de cachoeira em Muriqui. Era um local lindo dentro da mata. O rio descia a serra, passava sobre uma grande rocha e se projetava aos pés dela com grande beleza. Antes dessa queda haviam dois pequenos lagos. Um, no leito arenoso do rio, e outro num buraco na própria rocha, a poucos metros da referida queda. Por ser este mais fundo, preferimos nos banhar nele. Alertei aos dois sobre os cuidados devido àquela proximidade perigosa. Entretanto, o amigo afoito, num momento de desatenção, mergulhou na direção da queda. Ao emergir, o seu corpo foi arrastado para a beirada e, se não fosse uma ação rápida e instintiva da minha parte, que estava de pé dentro do lago, em segurar-lhe pelo pé, teria despencado cachoeira abaixo. Resolvemos abandonar o lago, pois perdemos toda a graça de ali continuar. Para não perder o passeio, decidimos subir o leito do rio e explorar aquele encanto. Junto a uma grande laje, escondemos nossos pertences no meio do mato. Durante a caminhada encontramos alguns obstáculos que avivavam nosso espírito de aventura e em dois deles o meu amigo, mais uma vez, por ser desajeitado, quase que se feriu seriamente. Como a subida começou a ficar difícil e já estava ficando tarde, resolvemos retornar. Ao nos aproximarmos do local onde escondêramos nossos pertences, ouvimos vozes e brados. Pudemos verificar que se tratava de dois homens vestidos de branco, sendo que um deles estava incorporado com uma entidade. Como o meu amigo havia levado uma pistola, começou a dizer que daria uns tiros e colocaria os dois para correr. Entretanto ponderei que não deveríamos tomar nenhuma atitude agressiva. Enquanto nos vestíamos e eu calçava minhas botas, observei que a laje estava coberta de pontos riscados (sinais simbólicos de trabalhos magísticos) com pomba (uma espécie de giz cerimonial), ficando pouco espaço para caminhar entre eles. No momento de deixarmos o local, eu quis retornar pela laje, pois havia sido por lá que nós tínhamos vindo. O amigo “corajoso”, agora já não queria mais enfrentar a situação e sugeriu que déssemos a volta. Novamente, envolvido por aquela energia que eu sentia ao cumprimentar os guias no Centro de Ogum Megê, resolvi firmemente que passaríamos pela laje. O meu amigo e o meu irmão, tão senhores de si, agora estavam amedrontados. Parti na frente e, de cima de uma pedra, após observar bem onde estavam riscados os pontos, pulei num espaço entre eles com os dois pés juntos, para fazer bastante barulho com o impacto das botas na rocha. Ao fazê-lo, o cambono e o guia pararam o que estavam fazendo, e olharam para mim. Fitei-os com destemor, mas com o coração acelerado pela atitude provocadora. O guia chamou-me e disse: - “Você sabe que está errado!” E logo em

seguida falei com firmeza: - “Sei!”. O guia olhou-me em silêncio e depois declarou: - “A sua sorte é que você tem uma grande proteção. Junto de você tem um guia de turbante e com muita luz. Vocês podem ir, mas vou te pedir um favor. Acenda uma vela para mim. Eu sou Exu Caveira”. Abraçou-me e aos outros e nos despedimos em silêncio. Muitos anos se passaram após estes acontecimentos e eu não acendi a vela.

Outro amigo meu, civil da Aeronáutica, iniciou-me no estudo da Espiritualidade. Tinha como base de suas preleções o Evangelho de Jesus, mas enveredava pelas filosofias orientais, mostrando que Deus estava presente em tudo e que a Verdade era uma só. Com ele conheci a Filosofia Yoga e iniciei as suas práticas, especialmente a respiração e a meditação. Foi um pai espiritual para mim.

Um colega de farda convidou-me para passear, durante as férias, em Minas Gerais e conhecer especialmente Congonhas do Campo. Foi uma viagem cheia de imprevistos, mas o mais importante e que eu não sabia, é que um casal que nos acompanhava, estava indo se consultar com o Dr. Fritz, através do médium José Arigó. Foi algo fenomenal, pois tive a oportunidade de ver algumas cirurgias, inclusive no olho do colega que me convidara. A minha experiência pessoal foi notadamente especial, pois me levou à cura de uma sinusite que perdurava há mais de dez anos, com a extração de água limpa do Astral.

Enquanto fazia o Curso Científico à noite, conheci aquela que seria minha esposa e que cursava advocacia. Como o colégio e a faculdade pertenciam ao mesmo dono, nos encontrávamos no recreio e eu aproveitava para passar-lhe todo o conhecimento espiritual que estava absorvendo.

Entrei para o curso de Agronomia e durante minha permanência na universidade, li a Bíblia por completo, mas dediquei-me mais ao Evangelho de Jesus. Pratiquei bastante a respiração yoga, o relaxamento e a meditação. Escrevi várias cartas de estímulo e conforto, tendo como conteúdo original uma mensagem tirada ao acaso da caixa de mensagens bíblicas, com intenção na pessoa para quem eu escreveria. Ouvia diariamente, pelo rádio, as pregações de Alziro Zarur, que também tinham um caráter abrangente. Li também revistas protestantes, retirando delas os melhores conteúdos. Foi um período de grandes aquisições espirituais pessoais. No último ano do curso, ganhei de presente o “Livro dos Espíritos” (de Allan Kardec) e comecei a lê-lo. Para onde ia levava esse livro. Fui fazer o curso de Extensão Rural em Viçosa e ao final do dia revia a matéria ministrada pelos professores, tomava banho, jantava e devorava o livro, que passou a ser o meu livro de cabeceira. O resultado deste esquema de estudo foi a primeira colocação no curso. Um dos professores do curso era pastor adventista e outro sacerdote católico franciscano. Os dois eram muito amigos e acabei me aproximando bastante deles. Este relacionamento fraterno fortaleceu o

meu sentimento universalista.

Fui trabalhar em Inhumas/GO e adquiri a coleção completa de Allan Kardec, tendo lido toda ela. Reli várias vezes, ao acaso, as lições do “Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Casei-me seis meses após empregar-me. Combinei com ela que dedicaríamos os três primeiros dias da lua de mel a Deus, sem envolvimento sexual, seguindo a experiência de Tobias filho, personagem do Velho Testamento. Ao terceiro dia, a pedido dela, rompemos o acordo, mas o resultado não foi dos melhores.

Com o tempo surgiram problemas de saúde na esposa, que os médicos não davam conta. Então resolvi mandar um representante nosso à Congonhas do Campo para pedir uma receita ao Dr. Fritz. Enviou ele a receita dizendo que seria difícil adquirir o medicamento, pois era um lançamento recente nos Estados Unidos, mas que o Brasil iria importá-lo. Realmente não foi fácil comprá-lo. Pedi ajuda de um amigo, dono de uma rede de farmácias, que finalmente conseguiu adquiri-lo. Foi só a esposa iniciar o tratamento e os sintomas regrediram, até que a cura fosse alcançada ao final do mesmo. Nunca mais ela teve o problema e pudemos pensar em gravidez.

Fomos convidados para assistir a uma reunião espírita, onde foi predita a vinda de nossa filha, tendo a esposa concebido pouco tempo depois.

Fizemos grande amizade com a médium que fez a predição e que tinha o dom de cura. Comecei a colaborar com ela no atendimento às pessoas no sítio onde ela morava. Seu guia médico fazia cirurgias invisíveis e tratava muita gente, especialmente com sinusite avançada, libertando-as do sofrimento. Além dessa entidade a médium incorporava um sacerdote católico, um caboclo e uma criança (menino). Essa criança tinha uma história interessante. Quando encarnado, nasceu paraplégico e era escorraçado por isso. Vivia embaixo da mesa ou da cama, pois seu pai quando passava por ele, se estivesse no caminho, o chutava para que desse passagem. Desencarnou tão traumatizado que guardou essa sensação de pavor das pessoas. Ao iniciar sua manifestação pela médium, entrava com ela debaixo da mesa e lá ficava amedrontado. Conhecendo sua história, passaram a dar-lhe carinho e a deixá-lo à vontade. Com o tempo corrigiu sua atitude e se integrou na caridade, atendendo e alegrando às pessoas.

A médium era uma pessoa doente, com sérios problemas cardíacos e, em várias ocasiões, estava hospitalizada sem alta prevista, mas o seu guia a retirava de lá, levava-a para casa, onde prestava o atendimento aos necessitados. Sempre, ao final desses atendimentos, ela retomava os seus afazeres domésticos como se nada tivesse acontecido antes, deixando seus médicos atônitos.

Foi um aprendizado de humildade, perseverança e fé.

Um dia, um de seus guias previu o meu retorno para o Rio de Janeiro, recomendando que estudasse, porque precisaria para a minha volta. Na ocasião achei que era para fazer vestibular de medicina, pois estava me interessando pela carreira. Porém, o que surgiu foi um concurso para a Secretaria de Agricultura do Estado da Guanabara.

Passei no concurso e comecei a trabalhar no Rio.

Passado algum tempo, fomos convidados para participar de uma reunião onde a médium de Goiás estaria presente. Foi outra experiência fantástica, pois pude presenciar uma transfusão de sangue de pessoa para pessoa, com todas as reações normais, além de uma drenagem de hemorragia de uma limpeza de útero de uma paciente para outra, que despejou todo o sangue no vaso sanitário logo de imediato, como se ela estivesse menstruada.

Infelizmente a médium começou a se deixar levar por propostas econômicas e acabou perdendo o seu dom, desencarnando depois de muito sofrimento, já que a sua doença era controlada pela Espiritualidade, para que ela pudesse cumprir sua missão.

TRANSIÇÃO PARA O PAPEL DE DIRIGENTE ESPIRITUALISTA

Ficamos afastados de reuniões espiritualistas por muito tempo, embora eu não tenha deixado de ler sempre sobre o assunto. Por sentir falta das reuniões, combinei com a esposa, minha mãe, irmã, irmão e cunhada de iniciarmos o estudo do Evangelho no lar. Assim fizemos, mas não demorou muito, começaram a surgir manifestações mediúnicas, quando irmãos sofrendores passaram a pedir amparo. Tudo corria bem até que se apresentaram também espíritos rebeldes. Não era o propósito de a reunião exercitar a “doutrinação” (esclarecimento aos desencarnados desequilibrados), mas parece que nossos mentores queriam acelerar nossa vivência no contato com os espíritos. Um dia surgiu um irmão que apresentava argumentação de difícil diálogo e eu, inadvertidamente, comecei a ironizá-lo. Imediatamente incorporou um guia que me chamou a atenção e explicou que aquele irmão era muito culto e tinha sido advogado influente na última encarnação, e que eu deveria tratá-lo com respeito e amor, senão poderia ocorrer transtornos sérios na reunião. Envergonhado, mudei de atitude e consegui êxito na empreitada. A partir desse episódio aprendi a ser mais humano com eles. Entretanto começaram a surgir desencontros entre os membros do grupo, especialmente provocados pela minha esposa. Não tardou muito, ela adoeceu e não encontramos nenhum médico que resolvesse o seu caso. Neste período José Arigó já havia falecido e fiquei sem apoio. A esposa, revoltada, não queria saber de me ouvir falar em Espiritismo. Por essa

ocasião eu também estava lecionando na universidade a convite de um colega, para cobrir uma lacuna existente em seu Departamento. Este colega era casado com uma médium umbandista, de nome Dália, que, após tomar conhecimento do caso, propôs que fôssemos ao Centro que ela frequentava para uma consulta. Pedi que eles fizessem a proposta diretamente a ela, já que não queria ouvir-me falar do assunto. Assim fizeram e, por influência de minha sogra, ela aceitou. Após o tratamento e seu total restabelecimento, o Guia Chefe da Casa explicou-lhe que aquela era a última oportunidade que ela estava tendo de ser ajudada pela Espiritualidade. Comunicou-lhe que tinha um compromisso mediúnico para exercer e se não o fizesse, a próxima doença provocaria o seu desencarne. Disse-lhe ainda que procurasse um Centro para trabalhar e que ele oferecia sua Casa, se assim o quisesse. Com o apoio da mãe, ela aceitou e iniciou a frequentar as reuniões e desenvolver sua mediunidade. Minha filha gostou tanto das giras que pediu para também fazer parte do corpo mediúnico, sem nunca ter apresentado esse pendor. Foi aceita pelo dirigente espiritual e também desenvolveu sua mediunidade. Eu ficava na assistência observando, pois ainda tinha um “pé atrás” com aquela religião.

Pouco tempo depois fui chamado pelo dirigente espiritual, que disse estar precisando da minha ajuda, pois sabia do meu conhecimento dos fenômenos espíritas e gostaria que eu repassasse este aprendizado para os seus “filhos de santo”. Já, àquela altura, eu havia aprendido a respeitar os trabalhos da Casa e começava a mudar o meu conceito original de “macumba”. Ali não eram feitas matanças de animais, nem magia para o mal de qualquer pessoa. As consultas não eram cobradas, nem exigido dinheiro para as “obrigações” de crescimento hierárquico, segundo as tradições umbandistas. Somente as consultas com a entidade “Padilha”, da coroa da “Mãe de Santo”, eram cobradas por um pequeno valor simbólico, que era guardado e quando aparecia algum cliente em dificuldades, essa entidade pegava a caixa onde estava o dinheiro e repassava para o necessitado.

Passado algum tempo a “Mãe de Santo” chamou-me para dizer que gostaria de me preparar para “Conselheiro” da Casa e assim eu poder desenvolver o trabalho que o dirigente espiritual queria de mim. Fiz as “obrigações” compatíveis com o cargo e iniciei a fazer pequenas palestras antes da abertura dos trabalhos da gira.

A esposa e a filha fizeram suas “obrigações”, chegando a “Babalorixás”. Quando foi marcada a “deitada” delas para obterem o grau de Babá, tive a intuição de fazer uma deitada de três horas em homenagem a Oxalá, aos pés das mesmas, pois não fazia parte do círculo energético de suas preparações. Pedi autorização à “Mãe de Santo” e ela concedeu. Uma médium que estava assistindo a cerimônia viu muita luz penetrando na sala por todas as portas que davam acesso a outros cômodos do Centro. Transcorridas as três horas, vieram levantar-me e tive dificuldades de

ficar de pé. Parecia que eu ainda não tinha assumido completamente o corpo. Estava como que anestesiado.

Em outra oportunidade, quando “deitava” uma amiga nossa, cujo Vovô (Preto velho) eu auxiliava em suas consultas e que é um grande amigo meu, tive nova intuição para deitar por três horas, agora em homenagem às Almas.

Em seguida fui convidado para dar início aos trabalhos “de mesa” que não existiam naquela Casa. Inauguramos essa atividade com poucos médiuns, pois a maioria não gostava daquele estilo de trabalho, já que era monótono, como afirmavam. Entretanto fui aprendendo com aquele convívio, a conhecer melhor as diversas características dos médiuns e das entidades, especialmente os seus compromissos espirituais. Estudamos os livros da codificação e desenvolvemos as habilidades mediúnicas de psicografia e “doutrinação”. A seguir, resolvi inovar, convidando entidades “de terreiro” a incorporarem na mesa. Vieram, além dos orientais que desde o início já contribuía com seu trabalho, os caboclos, xangôs, oguns, pretos velhos (especialmente), oxuns, iansãs e nanãs. Com essa experiência arrisquei a convocar a Corrente de Iemanjá, cujas entidades se manifestam normalmente, no “terreiro”, com os médiuns deitados no chão, a trazer sua energia amorosa. E as entidades se apresentaram primorosamente, sentadas, movimentando as mãos como os orientais. Foi um momento de muita emoção e alegria, até porque eu sou “filho” dessa Linha. Com essa vitória, que muitos não acreditavam possível, após muita meditação, resolvi convocar na mesa os trabalhadores incansáveis, que estão sempre prontos para exercer suas atividades, em qualquer situação em que sejam chamados pelos “espíritos de luz”, ... os exus. Muitos se assustaram quando coloquei minha decisão. Outros previram grande confusão, pois eram entidades “inferiores”. Argumentei que, se podíamos receber na mesa os chamados “obsessores”, espíritos que realmente estão a serviço do “mal”, porque não receber, naquele ambiente sagrado quem mais nos ajuda a encaminhar os “obsessores”? Pedi concentração, pensamentos positivos, confiança em Deus, não por causa das entidades, mas sim pelos médiuns “ignorantes” e “preconceituosos”, que tinham cristalizado em suas mentes esse monte de asneiras que são ditas desses fiéis servidores do Cristo. Eles se apresentaram sem nenhum estardalhaço e agradeceram a confiança depositada neles, para poderem se manifestar numa “Mesa Científica”, como era chamada pela Casa esse tipo de reunião. Somente um médium, o mais jovem, adolescente, é que saiu um pouco do equilíbrio. Foi uma alegria sem comparação, pois estava ali demonstrado que não existe discriminação na Espiritualidade. O que importa é o sentimento, o desejo sincero de ajudar e este deve ser o objetivo de toda casa espírita, seja ela kardecista, umbandista ou filiada à Ramatis, etc. Terminei este encontro histórico agradecendo àquelas entidades a oportunidade do aprendizado e hipotecando a

minha solidariedade e o meu carinho para com eles. Nesta ocasião lembrei-me do pedido feito pelo “Exu Caveira” e com o consentimento da “Mãe de Santo” acendi uma caixa de velas para compensar os anos de atraso. Interessante, é que posteriormente verifiquei que uma vela não havia sido acesa, somente sete (este número tem importância mágica na Umbanda).

As atividades na “Mesa Científica” foram crescendo e já contava também com médiuns que não frequentavam a gira. Durante as sessões de “descarrego” na gira, eu ficava conversando mentalmente, encaminhando os espíritos através dos “obreiros espirituais” para os locais mais apropriados às suas necessidades, ao invés de expulsá-los “presos e amarrados”, como é comum de se verificar nessas sessões. No papel de “Conselheiro”, tirava as dúvidas dos médiuns e frequentadores sobre questões ligadas ao intercâmbio entre encarnados e desencarnados, sobre “karma”, etc. Ajudava no desenvolvimento dos médiuns durante os trabalhos e, numa dessas ocasiões em que ajudava um médium a “receber” seu Preto velho, acabei eu mesmo sentindo as vibrações da presença desse tipo de entidade na minha “coroa” (meu campo mediúnico), mas que não passou de apenas um “aviso” de que “estou aqui”.

Devido ao crescente prestígio que eu vinha alcançando entre os médiuns, pois sempre tinha uma explicação convincente e desmistificada para os fatos espirituais, bem como os materiais, foi gerado ciúmes, inclusive na “Mãe de Santo”. Para demonstrar mais força espiritual, ela resolveu fazer uma “obrigação” em um terreiro do Candomblé. Concluído este objetivo, especialmente o Guia Chefe e o seu Boiadeiro “de frente” se afastaram para demonstrar a insatisfação deles com este comportamento, mas a vaidade que cada vez mais subia à cabeça dela, não permitiu que ela reconhecesse isto e retomasse o caminho anterior, que só tinha trazido soluções, alegrias e amparo para muita gente. A mudança de condução da gira fez com que minhas esposa e filha se afastassem da Casa e eu das reuniões de terreiro, ficando, por causa do compromisso assumido, somente com a direção e condução dos trabalhos de mesa. Não tardou muito para que ela suspendesse essas reuniões sem o meu conhecimento, o que acabou por me afastar definitivamente daquela Casa, que tanto havia me ensinado a compreender os trabalhos dos guias de Umbanda.

Particpei então de reuniões de mesa na casa da Dália, onde se permitia a participação de todas as entidades que quisessem trabalhar. Essa médium iniciou o seu desenvolvimento na Umbanda, teve que interromper esse desenvolvimento, por questões kármicas, e fazer a sua “coroação” no Candomblé primeiro, tendo em seguida retornado à Umbanda para completar a sua experiência, fazendo aí todas as suas “obrigações”. Ela incorporava uma Pomba gira, Cigana Rosa Vermelha, que iniciou suas atividades no Candomblé e dava consultas frequentemente. Depois de algum tempo, a médium encerrou suas atividades mediúnicas para se dedicar aos estudos

espiritualistas do oriente.

Paralelamente, eu fazia reuniões de estudos com o Pablo, um médium em desenvolvimento, que apresentava grande potencial mediúnico para se obter explicações mais profundas com relação aos temas estudados. Nesta ocasião tive a oportunidade real de incorporar o Xangô e o Caboclo da minha “coroa”. Quando este último deu o brado característico e disse seu nome, corrigiu assim um outro nome dito pela Babá do Centro que eu deixara recentemente. Foram manifestações rápidas, mas decisivas para o meu desenvolvimento mediúnico.

Essas experiências foram importantes para sedimentar o meu aprendizado no contato com as entidades de Umbanda e agora não ter mais dúvidas que os problemas relativos a esta religião eram, na verdade, oriundos da ignorância, da credice e até da má índole de alguns médiuns, como, aliás, acontece em todos os setores da vida no geral.

Quando ainda frequentávamos o Centro de Umbanda, pouco tempo depois da “obrigação” de Babalorixá da minha esposa, pedi permissão à “Mãe de Santo” para montar um gongá numa sala isolada da casa em que morávamos e sobre a garagem, em nome do Caboclo da esposa, para que pudéssemos fazer as nossas orações e firmezas pessoais. A tarefa foi executada e a Babá foi pessoalmente inaugurar o cantinho de orações em minha residência.

Considerando a existência deste espaço físico disponível e que não estava sendo usado, resolvi convidar alguns médiuns conhecidos, entre eles o Pablo, para dar início aos trabalhos de mesa e gira naquele local. Nunca a minha esposa quis conduzir os trabalhos, embora aquele recanto tivesse sido originalmente preparado para o seu guia chefiar. Assumi então a responsabilidade de dirigir o novo grupo, colocando em prática todo o meu aprendizado até então. Foi um período difícil de adaptação, pois encontrei muita incompreensão daqueles que mais deveriam apoiar-me. Resisti sempre e nunca passou pela minha cabeça desistir daquele compromisso.

Nesta ocasião, fortaleceu-se um desejo antigo de fazer uma “deitada” em homenagem a Iemanjá. Combinei com meus “padrinhos de santo” e outros médiuns mais chegados o dia da cerimônia e realizamos a mesma no nosso canto de oração. Foi feita uma cama de areia de praia coberta com um lençol branco em frente ao gongá e nela deitei-me. Durante todo o tempo em que permaneci deitado, senti um frio intenso, como se estivesse mergulhado em água fria. Ao levantar-me estava meio enrijecido. Ao contar a minha sensação aos presentes, o meu “padrinho” disse que o ambiente estava repleto de entidades da Corrente de Iemanjá, daí aquele frio.

Tínhamos como hábito ir à cachoeira para “despachar” as oferendas feitas em nosso recanto de trabalhos espirituais e lá também fortalecer nossas energias com a natureza. Numa dessas

ocasiões, uma médium que nos acompanhava, incorporada com seu principal guia, explicou-me que na minha coroação havia sido trocado o “Pai de Cabeça”, por uma dedução equivocada da antiga Babá, e que na verdade eu era “filho” de Xangô. Neste mesmo instante eu incorporei o guia, que se apresentou para confirmar aquela orientação. A partir desse dia os trabalhos se intensificaram e eu fui orientado a procurar outro local para instalar um centro definitivamente. Colocamos mãos a obra, e depois de muito procurar e visitar alguns locais selecionados sem, entretanto, nos agradar totalmente, surgiu um terreno com uma casa semiconstruída, que foi então escolhida. Consultando às entidades a respeito da escolha fui informado que aquele local já estava predestinado para o Centro. Questionei a razão por que não fomos logo orientados para o ponto certo da procura e me foi dito que a Espiritualidade aguarda o nosso empenho em dar solução aos problemas existentes, para então nos conduzir à solução através da intuição.

Foi uma batalha sem tréguas para preparar tudo, terminar a construção iniciada, com algumas alterações para se adequarem ao objetivo da obra, e superar todas as pressões psicológicas e materiais, pois tive que fazer tudo em segredo para evitar maiores desgostos.

As pressões foram tão intensas que me senti acuado e comecei a perder a confiança na vida. Não havia mais razão de permanecer aqui, quando aqueles a quem eu mais me dedicara não compreendiam a minha escolha e o meu compromisso com a Espiritualidade, para colaborar com a melhoria deste mundo. Passei a relaxar até nos cuidados com o meu corpo, no que redundou na perda de oito dentes (eu tive uma doença bacteriana nos ossos maxilares, de difícil tratamento, mas depois encontrei a solução). A tristeza crescia a cada dia e morrer parecia bom remédio. Não que o suicídio tenha passado pela minha cabeça, mas não estava mais interessado em continuar do jeito que vivia. O que trazia ainda alegria eram os trabalhos espirituais, como sempre foi.

Neste período de incertezas o socorro veio do Alto, através de um anjo amoroso, mas extremamente determinado, que trouxe consigo a energia de Iansã, que chegou como um furacão destruindo todas as barreiras e alguns preconceitos que ainda animavam as minhas crenças. A sensação que tive é que não ficaria pedra sobre pedra. Foi um momento quase sem autojulgamento em que deixei os acontecimentos fluírem, segundo o planejamento superior. Os acontecimentos fluíam sem que eu interferisse com os meus conceitos antigos. Tudo estava sendo supervisionado por Xangô, que tudo programara para que eu não perdesse a oportunidade e os ganhos da atual encarnação.

Em meio àquele torvelinho de emoções e renovação de atitudes, a energia de Oxóssi surgiu como conselheira e restauradora do equilíbrio. Tais foram as transformações ocorridas no meu interior, que criei a ilusão da felicidade completa na Terra e por um ano acreditei nisto. Mas o

objetivo das mudanças era mais profundo e um novo erro não poderia ocorrer. Pequenas ações imaturas da minha parte acabaram trazendo grande sofrimento para mim e me fizeram perder a presença do Anjo, não como castigo, mas para que eu pudesse recolher o exagero das ilusões. Isto serviu para o meu amadurecimento. Um bom tempo se passou em que, através da meditação, fui reestruturando minha vida. A coragem e a decisão de continuar na luta sem tréguas foi se fortalecendo.

Repetia-se em mim a situação vivida por Elias, em que o mesmo caminhou pelo deserto por um dia, sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte: “Basta Senhor”, disse ele, “Tirai-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais...” (1Rs 19:4-8). Ele encontrava-se cansado pelos diversos dissabores da vida, mas o que mais o entristecia era de ter falado, ensinado e profetizado, nada tendo sido ouvido. Ele sentia-se totalmente rejeitado. Assim sendo de que adiantaria falar, se ninguém compreendia? É importante lembrarmos de que existe internamente uma Presença que não desiste de nós. Qualquer que seja o nosso cansaço e desespero, essa Presença procura tocar-nos. Esse toque é de tal forma sutil, que se dá no mais fundo do nosso abismo. E é a partir do momento que estamos neste fundo, que muitas vezes nos reerguemos. Quando vamos até este fundo, alguma coisa se limpa e, nessa altura, podemos nos levantar. Não reconhecemos as nossas imperfeições, mantendo-nos na superfície. Precisamos mergulhar, vivenciando as incoerências e, depois dessa experiência amarga, retificamos a nossa conduta.

A médium que descobriu este local frequentava um outro Centro de Umbanda (C.E.O.C.) muito visitado, em virtude de encaminhar bem a solução dos problemas das pessoas. Quando estávamos quase no final das obras fui ao encontro do dirigente daquela Casa, para pedir sua permissão para que sua médium frequentasse paralelamente as duas casas. Ele olhou-me firmemente e deu-me a palavra. Expliquei-lhe o meu objetivo e ele, em seguida, afirmou: - “Na minha Casa não trabalhamos com Exu em virtude de sua energia inferior”.

Ouvi respeitosamente suas ponderações, mas afirmei-lhe que os exus eram espíritos resgatados das trevas, e que em contrapartida se engajaram nos trabalhos dos “Seres de Luz”, para colaborar com eles de forma mais eficiente em outros resgates nas trevas, já que conheciam bem aqueles lugares. Assim, poderiam se infiltrar com bastante facilidade nas hordas umbralinas e, em nome do Mestre Jesus, de lá trariam os irmãos que já estavam prontos para receber a ajuda superior.

Ele ouviu-me em silêncio e com interesse, ficou pensativo, como se estivesse me analisando profundamente e depois autorizou o meu pedido. Numa demonstração de que a Espiritualidade faz os arranjos necessários para que se cumpra o que está planejado, tive a intuição de fazer uma poesia para este guia, contando a sua origem e a sua caminhada para progredir

espiritualmente. Ao lê-la e entregá-la a ele, ficou muito satisfeito e guardou-a com carinho. Posteriormente, nova intuição me fez programar uma visita oficial ao Centro daquele irmão, com entrada solene, de acordo com o costume umbandista, cantando um ponto, também feito por mim, e assim fortalecendo a nossa união. No entanto, infelizmente logo o seu médium descambou para o interesse econômico e tempo depois desencarnou após algum sofrimento. Não demorou muito e apareceu no nosso Centro, já em atividade, em grande desespero, perdido e perseguido pelos seus próprios fantasmas. Não pudemos ajudá-lo devido ao pesado fardo que ele mesmo resolveu carregar, quando deixou de fazer caridade por amor e buscou tirar proveito próprio financeiro.

As reuniões em sua Casa (C.E.O.C) coincidiam com a véspera das nossas sessões e como varavam toda a noite, seus médiuns no geral ficavam extremamente cansados. Por esta razão, a médium que frequentava também as nossas reuniões achava que não conseguiria manter esta rotina. Conversei com seu guia principal, perguntando se eu deveria trocar a data de reunião, mas ele disse que não adiantava porque o dirigente do C.E.O.C não era organizado e fazia as suas reuniões sem critérios, não justificando assim a mudança de calendário. Este guia é um Caboclo de muita força espiritual e enérgico, e sempre reabastecia as energias da médium. Ela vinha para nossa reunião como se tivesse descansado normalmente, e mesmo depois dos trabalhos, não apresentava nenhum sinal de cansaço ou estafa. Para mim foi a confirmação do que já havia visto em Goiás, com a médium curadora. Esse guia foi quem recomendou que procurássemos um local específico para as reuniões, pois a utilização de espaço que pertencia à minha residência, embora estando isolado dela, tinha mesma entrada e por esta razão tornava-se difícil impedir influências espirituais no meu lar. Então, compreendi parte das razões que produziam tantos conflitos familiares, anteriormente.

Nesse período, sempre que podia, eu ajudava a esta médium a fazer as “firmezas” do seu “quartinho de santo”, onde ela atendia familiares e pessoas conhecidas, através de suas entidades. Normalmente, ao final da arrumação, vinha o seu caboclo para trabalhar ou deixar alguma orientação. Devido a sua postura altiva, decisões firmes e exigência de seriedade nos trabalhos, eu tinha um certo temor e respeito muito acima do normal em relação aos demais. Certo dia ele me perguntou se eu tinha medo dele e respondi que sim. Disse então, em tom de brincadeira, que ele não mordía, mas que, devido ao estilo de trabalho que ele fazia, era necessário ter aquele comportamento sério. Foi quando, para demonstrar a sua experiência, deixou a forma de caboclo e se apresentou como criança, depois como um oriental, em seguida como um preto velho e voltou a característica de caboclo. Só uma entidade de Luz, com um desenvolvimento espiritual avançado, é capaz de transformar o corpo perispiritual dessa maneira, trabalhando em diferentes níveis de

energia. A escolha feita por ele, de trabalhar na Umbanda, se deve a compromissos assumidos para ajudar espíritos mais endividados com a Lei Divina. Com o passar do tempo fui aprendendo a lidar com ele sem o temor, chegando a fazer uma poesia que li para o amigo numa cachoeira. Ele ficou tão emocionado que até chorou e deu-me um forte abraço.

Num dia de reunião “de terreiro” fiz-lhe a proposta de ele conduzir aquele tipo de trabalho, em função da sua experiência e do equilíbrio de sua médium. Ele agradeceu a confiança, mas disse que a responsabilidade era minha e que eu poderia contar sempre com o seu apoio, pois a Espiritualidade sabia dos meus propósitos e, mesmo que eu cometesse algum erro, eles corrigiriam em seguida. Incentivou-me a acreditar mais no meu potencial e que conduzisse a Casa como ela foi programada, pois nunca seria abandonado.

MEU CAMINHO COMO DIRIGENTE ESPIRITUALISTA

Então, o nosso Centro iniciou suas atividades fazendo uma sequência de quatro reuniões “de mesa” e uma “de terreiro”. Depois, por causa da necessidade de maior socorro às entidades provenientes do Umbral, passamos para três “de mesa” e uma “de terreiro”. Na mesa se apresentavam guias médicos, orientais, sacerdotes, freiras, e outros que não se identificavam, trazendo suas mensagens de amor e estímulo, enquanto os responsáveis pelo atendimento público eram os pretos velhos e as crianças. Quando necessário, outras entidades da Umbanda também se manifestavam para o aconselhamento.

O Centro foi registrado na Federação Brasileira de Umbanda, como Centro de Umbanda e Kardecista. Na montagem do gongá, ao invés das tradicionais imagens do sincretismo com o catolicismo, colocamos grandes cristais, simbolizando os Orixás. Assim, além da energia natural do cristal, temos também aquela imantada pelas correntes desses Orixás, favorecendo dessa maneira os trabalhos realizados na Casa. Essa escolha teve ainda como fundamento, não agredir os irmãos desencarnados encaminhados para amparo na Casa, oriundos das diferentes religiões, que, embora estranhando às vezes o local, se sentiam mais descontraídos e assim podiam ser atendidos mais facilmente. Seguindo as tradições da Umbanda fazíamos oferendas nos dias de homenagem aos Orixás e festa das crianças. Sempre explicamos aos presentes, que os alimentos ali depositados não tinham o objetivo de alimentar os Orixás, como é comum ser dito, mas sim deles serem extraídas pelos guias as energias intrínsecas desses alimentos para comporem, juntamente com as nossas energias espirituais e humanas, um “banco energético” de onde seriam posteriormente retiradas

bioenergias para o amparo aos sofredores e espíritos necessitados em geral. Sabemos que alguns desencarnados conservam o costume adquirido na vida material, de se alimentar. Tanto que nos Hospitais e Casas de Amparo no Astral, nos primeiros períodos de adaptação do espírito após o desencarne, fornecem alimentos plasmados a eles para que se fortaleçam. Sabemos ainda que espíritos rudes, de pouco entendimento espiritual, acreditam que se alimentam com as comidas a eles oferecidas, sem perceber que na verdade estão assimilando as energias emanadas destes alimentos. Assim sendo, algumas oferendas são realizadas para “atrair” esses irmãos, como “iscas”, quando então são envolvidos por correntes energéticas que os mantêm seguros até serem ajudados. De outro modo seria difícil convencê-los a se dirigirem para a casa espírita. Alguns mentores espirituais, que dirigem centros kardecistas, se utilizam deste artifício através de um pacto feito no Astral com dirigentes espirituais da Umbanda, e assim acelerarem a libertação de irmãos que estão sendo tratados pelas correntes vibratórias de suas Casas.

Jesus, na última ceia, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho a seus discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória a mim.” Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós” (Lucas, 22:17-20). Assim, em toda oferenda é feita esta homenagem ao Mestre em sua memória e é reforçada a explicação em que o pão representa o Seu corpo, o vinho, o Seu sangue, a vida renovada que Ele nos concedeu através do Seu Evangelho, e ainda a água representando a purificação do espírito e a vela, a Luz do Entendimento que o Pai Celestial nos envia. Iniciando qualquer cerimônia com esta simbologia sagrada, não há como sermos instrumento do “demônio”, tão “decantado” e lembrado por algumas religiões.

O número de médiuns foi crescendo, bem como de assistentes. Eram feitas palestras de orientação para médiuns e visitantes, mostrando o compromisso que todos tinham com seu aperfeiçoamento espiritual. Entretanto não conseguíamos harmonizar todo o grupo, pois cada indivíduo está num momento muito particular do seu desenvolvimento espiritual e nem sempre consegue acompanhar a trajetória da Casa, programada pela Espiritualidade.

Os trabalhos de “doutrinação” (esclarecimento) nos proporcionaram um grande aprendizado no trato com os espíritos de diferentes categorias, que eram encaminhados pelos guias da Casa. Foram trabalhados, padres, pastores, dirigentes umbandistas, militares nazistas, judeus, árabes, americanos, sofredores em geral. Os resultados positivos foram alcançados, especialmente, por se tratar todos os desencarnados como irmãos bem vindos, dando-lhes a certeza que estavam num ambiente de amor onde eram respeitados, mas que também tinham que se comportar com o mesmo respeito. A arrogância de alguns, quando não cediam aos convites amorosos e racionais,

eram entregues às correntes de trabalhadores de energia mais densa para abrandarem suas atitudes e receber a Misericórdia Divina, ou eram encaminhados para os locais mais adequados a sua característica e lá receberem o tratamento que Deus oferece a todos sem distinção.

No contato com alguns espíritos inteligentes, de raciocínio lógico e senhores de sua situação, mas que não viam nenhuma possibilidade de redenção para eles, foi necessário fazer acordos de experimentação da proposta que lhes estava sendo oferecida. Em um desses acordos, estendi a mão para o irmão e sugeri que se fosse mentira o que estava lhe oferecendo, que poderia levar-me com ele. Esta proposta foi impactante, pois o irmão ficou desarmado e perguntou-me se eu tinha certeza daquela proposta. Confiante na minha verdade e nos guias da Casa, confirmei o que dissera e apertamos as mãos, enquanto eu orava fervorosamente pedindo perdão para os equívocos cometidos e abrindo nossos corações para receber a cota de Amor Divino, que tínhamos o direito naquele momento. Uma forte energia percorreu os nossos espíritos e o irmão caiu em prantos, agradecendo aquela oportunidade. Despedindo-se, afirmou que seguiria as orientações recebidas.

Para dar mais um exemplo do que podemos conseguir nestes contatos, em outra oportunidade, apresentou-se um irmão muito rebelde, não querendo ouvir “aquelas ladainhas”, segundo suas palavras, até porque ele estava amarrado e não podia acreditar que era bem vindo a um local que o mantinha naquele estado. Enquanto falava, ministrei-lhe passes dispersivos para que fossem cortadas quaisquer ligações com forças inferiores e deixá-lo mais propenso para usar o seu livre arbítrio, sem nenhuma interferência que não fosse apenas a sua vontade. Questionou-me sobre o que eu fazia e expliquei-lhe a verdade. Novamente reclamou de estar amarrado. Disse-lhe que ele mesmo tinha criado aquela prisão para si próprio, quando resolveu afastar-se da Lei Divina. Foi quando ele afirmou que tinha ido para lá com o objetivo de “bagunçar” tudo. Fiz-lhe então uma proposta: se eu o soltasse ele ouviria o que tinha a dizer-lhe e que o seu livre arbítrio seria respeitado, mas que ele atentasse, não querendo eu amedrontá-lo, que era uma oportunidade de permanecer na Terra e cumprir seu desenvolvimento espiritual nela ou ir fazê-lo em outro planeta semelhante a ela ou, caso contrário, ser encaminhado para outro astro, onde o sofrimento seria o instrumento de seu progresso. Ele aceitou. Segurei-lhe as duas mãos “atadas” e fiz uma emocionante prece (parece que alguém estava ali pedindo por ele) e fui afastando gradativamente as mãos. Mantive as nossas mãos dadas até terminar a prece. Novamente senti uma corrente poderosa circulando entre nós. Quando cheguei ao final da oração, ele estava calmo, bastante emocionado e disse-me que admirava a minha coragem e que sentia sinceridade em minhas palavras, estando disposto a submeter-se às orientações recebidas. Encaminhei-o através do espírito amigo que estava presente e pedi-lhe que nunca mais duvidasse do Amor que o Pai tem por todos os seus filhos, e que

em momentos de dúvida pedisse o Seu amparo. Agradeceu e foi-se.

Certa vez, apresentou-se à mesa uma entidade utilizando um médium que ainda guardava algumas crenças típicas do Candomblé, e aproveitando-se de sua disposição psíquica, dominou parcialmente a mente desse médium e agiu com bastante rudeza, querendo tumultuar o ambiente. Foi dito a ele que mantivesse atitude equilibrada e respeitosa, da mesma forma com que havia sido recebido. Não houve sucesso com esta argumentação e ele ainda ameaçou, identificando-se como “Exu Caveira” e que eu deveria tomar cuidado com ele, pois poderia me prejudicar. Neste momento conclamei a reação psíquica do médium, para evitar aquele excesso de liberdade da entidade. Como não foi alcançado o resultado esperado e verificando que a entidade estava “enrolando” para sugar energias do médium, repreendi sua atitude e disse-lhe: - “Já que o irmão é “Exu Caveira”, vou entregá-lo à corrente do Sr. Omolu que lhe deve ser bastante familiar”. Ele fez pouco caso e não acreditou naquela convocação, mas aos poucos foi sentindo as energias dessa corrente e começou a reclamar dos incômodos que estava sentindo. Desesperou-se, gritou que era covardia o que estava sendo feito com ele e foi levado para receber o tratamento que precisava. Mas, deixou o médium em “frangalhos”, exigindo de nossa parte um apoio energético extra, através de passes de limpeza e depois de recarga, solicitando ao seu guia que viesse completar a sua recuperação.

É muito comum que espíritos perturbadores e até os chamados “obsessores”, se apresentem como sendo exus ou pomba giras para amedrontar as pessoas desavisadas e/ou portadoras de preconceito religioso. Como já foi dito anteriormente, os exus e pomba giras são espíritos em aprendizado para seu crescimento espiritual e que escolheram trabalhar para o bem nessas “correntes pesadas”, como forma também de se redimirem do mal praticado no passado. São irmãos que devem ser tratados com respeito, pois o trabalho que executam é só para aqueles que tenham muita coragem e disciplina. Estão sempre associados à corrente de um dos Orixás que os orientam e fortalecem, para que desempenhem suas tarefas em conformidade com as Leis Divinas. Eles são os executores da Lei.

Num determinado dia, o esposo da Dália transmitiu o seu pedido de ficarmos com as firmezas da Rosa Vermelha, já que eles estavam de viagem para o Mato Grosso e ela não tinha mais como conservar aqueles apetrechos consigo, só confiando em mim para isso. Consultei uma entidade Cigana que acolheu o pedido, mas aconselhou-me a mantê-los cobertos com uma toalha branca dentro da “Casa de Exu”, para não causar estranheza aos frequentadores da Casa. Assim foi feito.

Nas reuniões “de terreiro”, era feito o desenvolvimento dos médiuns, o aconselhamento

dos presentes e o “descarrego” dos frequentadores que necessitavam desse alívio espiritual. Durante esses descarregos, nenhum espírito que estava associado ao irmão em tratamento, era encaminhado sem receber orientações evangélicas. Para alguns era somente uma semente de amor, mas para outros era sua própria libertação das “correntes negativas”. Posteriormente, alguns destes irmãos se manifestaram na mesa, agradecendo o amparo recebido e pedindo licença para ajudar nos trabalhos da Casa. Quando os trabalhos de descarrego eram mais pesados, o consulente era encaminhado para fora do salão, para que não fosse quebrado o equilíbrio energético mais sutil que exige a mesa, e ficava diante das firmezas de segurança (Casa de Exu). Eram convocados apenas os médiuns que estavam preparados para esse fim e os cambonos para atender às necessidades do que seria realizado. Nestas ocasiões se apresentavam as entidades com energia mais densa, para que não se perdesse muito tempo com palavras desnecessárias, que não seriam compreendidas ou aceitas pelos irmãos que seriam afastados de seus “hospedeiros”. Mesmo assim, nunca se deixou de conclamar esses irmãos a reconhecerem sua filiação a Deus e a importância de mudar de atitude, para favorecer sua própria libertação espiritual, não só das correntes trevosas como também de suas crenças equivocadas, que prejudicavam a eles mesmos. Numa dessas oportunidades, após os trabalhos terminarem, a Cigana chamou-me e pediu que eu retirasse os apetrechos da Rosa Vermelha da Casa de Exu. Orientou a descobri-los e retirá-los, pois não representavam mais nada para a sua dona, tendo em vista que ela se adaptara ao estilo de trabalho de nossa Casa, não mantendo mais os vínculos anteriores. Após a retirada, dissolveram-se as energias agregadas. Só ficaram os materiais relativos à firmeza de Umbanda e os demais foram “despachados”. Naquele dia foi-me comunicado que aquela entidade tinha energias muito densas, tanto que nunca se apresentava no salão nas reuniões “de terreiro”, mas que no contato com nossos trabalhos havia melhorado muito e agora poderia participar mais ativamente no interior do Centro.

O tempo passou e, em outra oportunidade de trabalho fora do salão, a Cigana convocou-me para uma conversa particular e disse que agora poderia despachar o resto das firmezas da Rosa Vermelha, pois ela já estava totalmente harmonizada com a Casa, não precisando mais deles como um ponto de apoio às suas atividades. Desfez as energias neles existentes e eu os “despachei”.

Uma colega de trabalho, que frequentara as reuniões na casa da Dália, passava por uma tormenta em família. Sua filha mais velha estava rebelde e se indispondo com todos, especialmente com ela. O Centro kardecista que ela frequentava fez várias reuniões especiais de amparo àquela moça, mas havia um envolvimento kármico de difícil solução. Numa gira normal de Exu, a Rosa Vermelha se apresentou e mandou que eu entregasse uma rosa, por ela trabalhada, para a minha colega, que tinha sido sua consulente no passado, e dissesse que tudo iria se resolver, mantendo sua

fé em Deus sem esmorecimento. Entreguei a rosa sem declinar quem mandara, mas ela, emocionada, perguntou se havia sido a Rosa Vermelha, pois ela sentira a sua presença. Confirmei e coloquei a sua disposição nossa Casa para ajudá-la. Conversou com o marido e ele concordou, pois queria ver uma solução para aquela situação que tanto lhe incomodava. Foi feito um trabalho fora do salão e alguns espíritos rebeldes foram encaminhados. Um deles, antes de partir, disse que seria muito difícil libertá-la daquela perseguição, pois o compromisso que ela tinha com três espíritos por ela prejudicados no passado, era muito grande e eles não estavam dispostos a perdoar. Adotamos uma estratégia diferente para beneficiar os quatro, sem entrar em debate com eles. Ela foi tratada com cristais, óleos essenciais e muita oração, quando eu mentalmente os exortava a se libertarem do ódio e da vingança, que vinha impedindo a própria felicidade deles. Orientei a moça a rezar todos os dias pedindo a Deus que os ajudasse, independente de quem eram e pedisse perdão a eles por qualquer coisa que ela tivesse feito de mal. A medida que repetíamos o tratamento, semana após semana, sentíamos o afrouxamento da ligação entre eles e a própria moça já se encontrava mais tranquila. A “doutrinação” mental e a ação dos cristais e dos óleos essenciais foram acalmando aqueles espíritos, até que resolveram abandonar a perseguição e seguirem os Seres de Luz que estavam acompanhando os trabalhos para ampará-los. A moça mudou radicalmente de atitude e até passou no vestibular, que já havia desistido de concorrer.

O Pablo foi orientado a participar também das reuniões do outro Centro de Umbanda (C.E.O.C), para demonstrar que os trabalhos das duas Casas estavam em harmonia com o desejo da Espiritualidade e não houvesse nenhum sentimento menos nobre, como o ciúme. Após algum tempo de exercício mediúnico naquela casa, ele foi convidado a fazer uma “obrigação” de fortalecimento de sua “coroa”, já que não tinha sido preparado anteriormente, pois em nossa Casa não fazemos esse tipo de cerimônia para não colocar “a mão na cabeça” de qualquer pessoa. Ficamos apreensivos por causa da “subordinação espiritual” que ele ficaria com o “Pai de Santo” daquele “Terreiro”. O caboclo amigo nos garantiu que isto não ocorreria e que ele precisava daquela “obrigação”, bem como eu precisava tirar a “influência da mão” da “Mãe de Santo” do Centro que eu frequentara antes, e assim ter mais liberdade energética na direção da nossa Casa. Relutei e ele deixou a meu critério a decisão, mas confirmando esta necessidade. A cerimônia espiritual se realizou numa cachoeira em Muriqui, para a qual eu fui convidado. No início dos trabalhos, o guia do “Pai de Santo” incorporou e dirigiu toda a cerimônia. No momento de colocar a mão na cabeça do médium, ele me chamou e disse para que eu colocasse a minha mão na cabeça dele e sobre ela colocou a sua, numa demonstração de respeito e ética, pois ele era médium da nossa Casa. Se todos os dirigentes de centros tivessem esse respeito pelos seus médiuns e ensinassem a eles respeitarem

os demais, não encontraríamos tantos problemas nessas casas e na compreensão das outras religiões. Neste momento tive uma emoção tão forte, que decidi também fazer a “limpeza” da minha “coroa” com aquele guia. Isto foi feito em outra ocasião e mais uma vez, em sinal de respeito, dirigi a cerimônia em nosso Centro e quem conduziu os trabalhos foi o próprio guia, não ficando eu com nenhuma ligação energética com o “Pai de Santo”. Foi mais um aprendizado de humildade e amor ao próximo. O Pablo, após assim ser preparado, apresentou maior desenvoltura e passou a colaborar de maneira mais eficiente nos trabalhos. Ele adquiriu tanta confiança em si mesmo que começou a acreditar que poderia fazer praticamente qualquer trabalho, pois a Espiritualidade o protegeria sempre, já que o fazia com a intenção de ajudar seu semelhante. Em muitas ocasiões percebi o seu envolvimento com as energias, tomando partido emocional e chamando para si a responsabilidade de cortar essas mesmas energias que prejudicavam alguém, especialmente quando era uma pessoa querida. Aos poucos foi demonstrando redução de suas energias e queda na própria saúde. Quando fazia algum trabalho para afastar “energias negativas”, que prejudicavam pessoas, eu percebia certo desequilíbrio emocional nele, que demonstrava irritação contra os assediadores desencarnados. Várias vezes conclamava para que ele não se envolvesse e fizesse os trabalhos com mais imparcialidade. Ele mudava de expressão, mas no seu interior, provavelmente, mantinha-se como antes. O seu processo de depauperamento físico foi crescendo paulatinamente, até chegar o momento em que teve de se afastar dos trabalhos mediúnicos para se tratar. Ficou uns tempos cuidando de sua saúde e depois recebeu orientação para formar um novo grupo, destacado do nosso, onde pudesse dividir sua experiência e conhecimento com outras pessoas sem a necessidade de incorporação a princípio. O caboclo amigo que deixou essa orientação, sugeriu que também a sua médium o acompanhasse nessa tarefa, deixando bem claro que não estava havendo nenhuma dissensão, mas uma necessidade de conduzir os trabalhos espirituais de forma menos desgastante para os dois. Afirmou, ainda, que a energia dos dois grupos seria uma só e que ele continuaria trabalhando na Casa, no Astral.

Continuamos os trabalhos da Casa, agora sem a presença de quatro médiuns, os dois já citados e mais dois que os acompanharam pela afinidade que tinham.

Convidei, então, o “Boiadeiro” de minha filha para dirigir os trabalhos de “descarrego”, considerando a sua atuação sempre firme, disciplinada e focada na tarefa. Ele agradeceu o convite e passou a desempenhar a função com toda dedicação.

Entretanto o grupo cresceu e começou a apresentar os inconvenientes que surgem, quando não existe respeito às regras de conduta da Casa. Quanto aos trabalhos espirituais, foi observado animismo “conveniente” que poderia desagregar a harmonia da Casa. Nas festas para as

crianças, surgiu quase que exclusivamente o interesse por comer os doces, chegando até a competição para ver quem levava mais. Isto foi me desagradando e comecei a observar o desinteresse de alguns médiuns em participar desses eventos e a ter prevenção com alguns companheiros.

Recebi então a intuição de fechar a Casa por tempo indeterminado, para aguardar que aquele desequilíbrio fosse corrigido. Passados três meses iniciei a formação do novo grupo, escolhendo um a um desde que aceitassem também a nova orientação de que não haveria mais incorporação. O trabalho se restringiria a mesa, usando a força do pensamento, a intuição, a vidência e a psicografia. Todos receberiam treinamento para sair do corpo e trabalhar no Astral junto com seus guias e assim serem coparticipantes efetivos do amparo aos necessitados.

Reiniciamos as atividades da Casa com estudos avançados na área do autoconhecimento e atividades da mesa. Vários médiuns ficaram indecisos e com dificuldades de se enquadrarem no novo esquema, pois estavam acostumados a incorporarem seus guias para resolverem as questões surgidas. Entretanto foi mantida a ordem inicial com bastante firmeza. Foram se adaptando aos estudos, mas ainda trabalhando com receio de incorporar e receberem uma “repreensão”.

Durante esta maneira de dirigir os trabalhos mediúnicos, o Boiadeiro de Rosa Vilhenna se apresentou à mesa, pediu licença para levantar-se, pois não estava acostumado a trabalhar daquela maneira. Concedi a licença e ele cumprimentou o gongá, como é de costume na Umbanda e depois se dirigiu a mim dizendo: - “Moço eu sou um espírito rude e ignorante que só aprendeu a trabalhar com energias pesadas, ajudando as pessoas que sofrem sua influência. Não sei se vou me acostumar com esta maneira diferente de trabalhar, mas posso lhe garantir que vou me esforçar para aprender, pois estamos aqui para evoluir. Peço paciência comigo sempre que eu falhar em alguma coisa. De qualquer forma sempre estarei aqui dentro ou lá fora para cumprir as orientações do “Dono da Casa” (Guia Chefe). Fiquei muito emocionado com aquelas palavras e meus olhos se encheram de lágrimas.

Todos ficaram esperando alguma crítica minha, pois havia ocorrido uma incorporação “proibida”. Percebendo esse sentimento nas pessoas, expliquei que a orientação recebida era para evitar a incorporação, mas que ela poderia ocorrer sempre que necessário, só que não seria com a frequência de antes. Aproveitei a oportunidade para mostrar o comportamento ético das entidades que respeitam as orientações e se dispõem a segui-las, quando têm como objetivo o bem comum e que não entendia como era tão difícil para os encarnados fazerem o mesmo.

Numa reunião de estudos, a minha esposa incorporou a entidade Rosa Vermelha, que

veio apenas para dizer que um grupo grande de espíritos estava acompanhando esses estudos e que depois se reuniam no Astral para discutirem o assunto e aprimorarem o seu aprendizado. Mais uma vez aproveitei a oportunidade para conclamar os encarnados a seguirem aquele exemplo e se dedicarem mais aos estudos.

Vovó Maria do Cruzeiro, outra entidade que se manifestava através de minha esposa, de vez em quando aparecia para dar um conselho ou passar uma orientação. Numa dessas visitas, veio expressar o contentamento de várias entidades que estavam aproveitando bem os estudos e já apresentavam um nível de entendimento espiritual mais profundo. Em seguida disse que iria embora, mas viria outra entidade para dar o seu depoimento. Apresentou-se então a Rosa Vermelha, com uma postura bem diferente daquela que estávamos acostumados. Sóbria e moderada, veio agradecer aquela oportunidade que estava tendo com os estudos e a nova forma de trabalho. Muito aprendera desde que resolvera trabalhar em nossa Casa. Disse que ali estava um sem número de trabalhadores, que se sentiam abençoados por seguirem as orientações recebidas. Muitos gostariam de expressar sua gratidão pessoalmente, mas como o tempo não permitia, ela estava como porta-voz de todos e que outro irmão iria também deixar seu depoimento. Logo que se despediu, senti forte pressão da presença do Exu Caveira, que trabalha pela minha mediunidade. Não impedi a sua manifestação na mesa e ele se apresentou também sóbrio e relativamente “leve”, também agradecendo e conclamando a todos os presentes que não perdessem aquela oportunidade de aprendizado, pois ela seria muito útil para superarmos as pressões de ordem física, psíquica e emocional que ainda passaríamos no planeta. Despediu-se serenamente, pois estava com seu corpo perispiritual mais utilizado.

Em outra ocasião o Boiadeiro tornou a se manifestar na mesa e, desta vez, permaneceu sentado. Bastante emocionado, agradeceu a oportunidade de estar participando da Casa onde ele aprendeu a desprender-se de crenças passadas e libertar o seu espírito de muita coisa que o incomodava e impedia de crescer espiritualmente. Agora, porém, se sentia mais leve e feliz por ter vislumbrado a possibilidade desse crescimento. Acrescentou que continuaria trabalhando na Casa, mas de forma diferente, aguardando apenas as instruções superiores.

Outra experiência interessante ocorreu com uma das Crianças Espirituais, que se apresentou um dia e segredou a mim que era a última vez que ela se comunicava conosco, tendo em vista que a sua reencarnação já estava preparada. O reencarne aconteceria novamente em Portugal, onde ela vivera sua última existência material. Guardei o segredo e finalmente repassei esta informação, quando ficou caracterizada a sua ausência definitiva nos trabalhos. Foi com muita alegria que recebi esta notícia, pois havíamos colaborado com seu aprendizado, oferecendo-lhe a

oportunidade de trabalho na Casa.

Um dia que Vovó Maria veio trazer mais uma vez sua colaboração com os trabalhos, chamou-me para dizer que iria se afastar por algum tempo em estudos e que não sabia quando retornaria. Muito tempo depois, o caboclo de minha esposa se apresentou e após terminar o amparo que trouxe, afirmou, para que todos ouvissem, que Vovó Maria não iria mais manifestar-se através da incorporação porque, depois dos estudos feitos, teve autorização para subir de plano e de lá, talvez pudesse se comunicar pelo pensamento com sua médium. Só o futuro diria dessa possibilidade. Mais uma vez fiquei emocionado por ter contribuído, de alguma forma, com aquele progresso.

Minha filha recebe a Vovó Joana desde o primeiro Centro, entidade que ao incorporar apresentava muita dificuldade para andar e sentar-se. Certa vez perguntei-lhe a razão daquela dificuldade. Ela explicou que tinha muitas dívidas a serem salgadas e, por esta razão, resolveu, de comum acordo com seu orientador espiritual, constituir um corpo perispiritual bastante pesado, repleto dessas dívidas, para não esquecer de seu compromisso, com ela mesmo, de trabalhar na caridade para compensar, gradativamente, aquelas dívidas. Um belo dia, depois de anos sem aparecer, manifestou-se na mesa. Na conversação que tive com ela, perguntei-lhe se já estava mais “magra” e ela respondeu que ainda tinha “gordura” para eliminar e que demoraria muito até “emagrecer”. Brincando com ela, disse que gostaria de vê-la “magra” para tomá-la no colo antes que eu desencarnasse. Devolveu a brincadeira dizendo que eu era muito esperto e estava aplicando um golpe para viver bastante. Todos rimos e ela se despediu. Tempos depois Vovó Joana voltou à mesa para ajudar sua médium, que estava muito amargurada com desencontros que estavam ocorrendo em sua vida. Quando terminou, dirigi-me a ela, mais uma vez brincando, e perguntei se já havia “emagrecido” mais, e ela respondeu que não. Insisti em dizer-lhe que gostaria de tê-la no colo até o final desta minha encarnação, ao que respondeu que se esforçaria para que isso acontecesse.

A convivência com os espíritos na Umbanda, que é mais íntima do que no Kardecismo, ensinou-me que não existe diferença entre encarnados e desencarnados, e especialmente aqueles que trabalham na caridade não precisam ser sérios, carrancudos, temidos ou ter qualquer comportamento que não seja normal do ser humano. Às vezes se apresentam diferentes devido à falta de educação, respeito e ética dos médiuns e frequentadores dos centros. Eu tenho um relacionamento tão profundo com essas entidades, que me emocionou com frequência com a presença delas, mesmo sem estarem incorporadas, bastando sentir a vibração das mesmas.

Temos uma das médiuns que foi feita sacerdotisa em uma Fraternidade Espiritualista, que se afastou dela por ter o seu presidente se envolvido em desequilíbrios sexuais, provocando

uma grande queda no padrão da Casa. Resolveu fazer parte do nosso grupo e trouxe consigo a experiência no tratamento com cristais e Reiki. Promoveu o nosso aprendizado na energia Reiki e depois de fazer o meu tratamento com cristais, recebemos orientação para fazer com os demais médiuns. O esquema de tratamento foi alterado, sob intuição, para atender às datas e horários de funcionamento da Casa e começamos com a médium que apresentava melhor adaptação ao trabalho e que tinha ainda experiência nos estudos kardecistas, além de prática no Yoga, especialmente com meditação. Em seguida foi tratada outra médium que apresentava maior disponibilidade de tempo e que também tinha sido indicada pela intuição. Posteriormente, a médium que trata com cristais passou por vários dissabores familiares por ter resolvido casar-se, não tendo condições de dar continuidade aos tratamentos. Como seu noivo é católico, marcaram o casamento naquela religião, mas por sua insistência, fizemos também uma cerimônia que denominei “Bênção para o Casamento”, que foi muito bonita. Além disso, entrei com a noiva na igreja, substituindo seu pai falecido. Para que pudesse cumprir este ritual, o sacerdote exigiu a comprovação de meu casamento na Igreja Católica, pois alguém tinha feito a denúncia de que éramos espíritas. Após o casamento surgiram várias complicações de saúde nessa médium, algumas delas provocadas pela ação de irmãos equivocados no uso da energia original que é só amor, por atender a seus próprios desejos ou a serviço de outrem. Através de diálogos de esclarecimento, conseguimos reorientar a caminhada desses irmãos. Outras complicações eram de origem física e demoraram um pouco mais a serem solucionadas.

Enquanto essa irmã se cuidava, iniciei um curso de curas com estudos avançados de autoconhecimento e acompanhamento psicológico. Isto possibilitou maior abertura para o meu conhecimento espiritual e entendimento de que não se consegue igualar as pessoas, pois elas estão em diferentes níveis de aprendizado. Acelerei mais os estudos com os médiuns, suspendendo a teoria e colocando em prática aquilo que eles deveriam estar fazendo em casa, energização dos chakras, relaxamento com libertação de todas as preocupações ou emoções que dificultam essa libertação espiritual, e meditação com supervisão dos guias espirituais no Astral (que encaminham a solução das necessidades de cada um, segundo seu estágio de compreensão).

Um dia, chegou à nossa Casa uma médium nova que já havia percorrido outras instituições, mas que se decepcionou por ser sempre explorada financeiramente, a ser obrigada a usar roupas próprias das sessões e nunca ter respostas sobre suas dúvidas. Depois de conversar comigo e ter explicações que lhe convenceram, resolveu assistir às nossas reuniões e estudos. Nessa ocasião eu havia introduzido, por intuição, a colocação de uma pedra lápis lazúli no sexto chakra durante a meditação, já que ela facilita o contato com o mentor espiritual do médium. Durante uma

das meditações, essa moça teve um acesso de tosse e não conseguiu ficar relaxada. Dei-lhe um pouco de água e recomendei que voltasse para a prática. Entretanto, um forte frio, que a fazia tremer, não permitiu que continuasse. Levantou-se e levei-a para fora do salão, deixando-a sentada na varanda aos cuidados de minha esposa. Esta colocou um agasalho sobre a moça e uma das mãos em seu ombro, quando sentiu uma forte energia saindo da médium, passando por ela e sendo encaminhada. Logo em seguida a moça começou a sentir calor e retirou o agasalho, porque já estava suando. Terminada a meditação, ela contou-me que se viu num túnel ou gruta escura e úmida que lhe causou muito desconforto e apreensão. Expliquei-lhe que poderia ter sido uma experiência de vida passada e que a energia retirada dela na varanda deveria estar relacionada com esta vida. Na sessão seguinte de meditação, já com o lápis lazúli no sexto chakra, ela enveredou pelo mesmo túnel e agora pôde, mais calma e sob a supervisão de uma luz ao seu lado, visualizar as paredes de pedra do lugar e verificar que havia desenhos nelas e que alguém os estava fazendo. Percebeu o excesso de umidade do local e que ora parecia ser a pessoa que riscava a parede e ora era apenas observadora. Retornou da experiência sem dificuldades. Quando me contava isso, lembrou-se, sem saber o porquê, que no seu nascimento tivera dificuldade de sair, tendo ficado presa à mãe. A parteira não deu conta do caso. Não fosse a presença de seu pai, que assistia ao parto, haveria problemas. Ele incorporou um Preto velho, que fez a manobra para retirar a criança, havendo um bom desfecho. Veio-me a explicação de que, provavelmente, ela teria morrido em uma das encarnações, presa num calabouço ou algo parecido, daí o medo que tivera na outra meditação e a dificuldade de nascer, pois estaria passando por um “túnel” escuro. Na reunião seguinte, veio toda satisfeita contar que, durante toda sua vida tivera medo de passar em túneis. Chegava a dar uma volta muito maior de carro para escapar de um túnel. Certa vez estava num ônibus que parou no congestionamento dentro de um túnel e fez o motorista abrir a porta, desceu e correu desesperadamente até sair do mesmo. Porém, após a experiência da meditação, estava dirigindo normalmente e só se deu conta que havia passado por um túnel, depois que já estava do outro lado. Foi o primeiro resultado alcançado através do trabalho da meditação, com acompanhamento pelo guia do médium, demonstrando que estávamos no caminho certo.

Quando Vovó Joana esteve, pela última vez, na mesa, recomendou que fizéssemos o tratamento dessa médium com os cristais. Isso foi feito e a vida dela mudou sensivelmente. Seus filhos e colegas observaram a mudança que vem ocorrendo com ela. Está se sentindo mais calma, segura e tem dormido tranquila, o que há muito tempo não acontecia.

A experiência acumulada até o presente, me dá a certeza de que a Espiritualidade não faz distinção entre os médiuns e os métodos utilizados por eles na aplicação da caridade. Tudo que

leva ao encaminhamento do ser humano para a Luz é recebido de braços abertos pelas entidades. Deus oferece todas as condições favoráveis para que seus filhos, nos mais diferentes graus de entendimento, encontrem o caminho mais adequado a ser percorrido.

PARTE 2

CASOS ESPIRITUALISTAS INTERESSANTES

(Nélson Vilhenna)

1 – UM CASO DE AMPARO

O primeiro horário da nossa reunião de trabalho é dedicado aos estudos e o segundo horário ao esclarecimento de espíritos perturbados e passes. Em determinado dia do ano de 2006, estava eu conduzindo os estudos que versavam sobre a importância do respeito entre as diferentes religiões, especialmente entre a espírita e a umbanda, considerando que no Astral as entidades de ambas as denominações trabalham em conjunto, para atender às necessidades de espíritos encarnados e desencarnados.

Em dado momento, quando discutíamos a busca de nossa Essência Divina como forma de encontrarmos a Verdade, uma das médiuns (Sara) quis citar uma passagem do Evangelho, “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará” (João 8:32), mas foi impedida por um espírito, que revoltado bloqueou-lhe os pensamentos, não conseguindo ela falar. Entretanto, ao observá-la em contato com o espírito, quando até então não sabíamos o que acontecia nos bastidores de sua mente, intervi e consegui obter dela alguma informação sobre a passagem do Evangelho. Orientei-a sobre a forma de libertar-se da interferência do irmão e passamos a desenvolver o assunto da Verdade.

Terminado o estudo, houve uma pequena pausa para permitir aos médiuns que cuidassem de acertos fisiológicos e bebessem água.

Tirada a mensagem de abertura e feita a leitura da lição do livro “Pão Nosso”, nos deparamos, novamente, com o tema da autoajuda, da reforma interior. Após as explanações elucidativas, os médiuns foram convocados para estarem à disposição de seus mentores, para em projeção astral ou com simples liberação de ectoplasma, ajudar diretamente aos irmãos através da Misericórdia Divina sem, necessariamente, ocorrer a chamada “incorporação”.

Várias preces e cânticos foram feitos com o objetivo de ajudar na concentração. De repente, a mesma médium dos estudos deu passagem para um espírito questionador da Verdade. O mesmo chegou dizendo que não era ignorante como eu o havia chamado e que já estava cansado de percorrer vários lugares e de só encontrar gente mentirosa. Para provar que não era ignorante, descreveu o diálogo mental que estava travando com a médium e que ela interferia sempre que ele queria dizer algo diferente. Disse também, que ela o induzia a seguir o caminho do Evangelho de Jesus para encontrar a Verdade e a Paz Interior, no que ele não acreditava por ser tudo mentira. Comentou, ainda, a ação das duas personalidades agindo através do mesmo corpo e o conflito existente entre elas.

Como inicialmente o diálogo estava difícil, pela sua intransigência em repetir que todos eram mentirosos, levantei-me e chegando próximo à médium, disse em tom brando e amistoso que ele era bem vindo à reunião e que se Deus havia permitido sua presença nela, é porque havia chegado o momento dele encontrar a Verdade. Expliquei-lhe que éramos seus irmãos e amigos e não estávamos ali para impor-lhe nenhuma teoria, pois, na verdade, todos nós somos ignorantes quando surge um assunto novo para nós. Acrescentei que passaríamos a não ser mais, somente após nos inteirarmos totalmente do mesmo, e mais, que seríamos sempre ignorantes, pois apareceriam, com frequência, assuntos novos por nós desconhecidos. Em seguida, desenvolvi com ele o tema da Verdade, fazendo-lhe compreender que nenhum de nós era detentor dela, que somente Deus e o Mestre Jesus eram seus conhecedores. Comentei que durante várias encarnações escondemos a Verdade e manipulamos a mentira para tirarmos proveito próprio, o que fez mal a muitas pessoas, e que por esta razão vínhamos sofrendo as consequências destes atos do passado. Entretanto, de nada adiantaria eu estar dizendo tudo aquilo a ele, se o mesmo não quisesse acreditar. Aliás, não devia fazê-lo mesmo, pois se queria saber a Verdade, precisaria buscá-la dentro de si mesmo. Continuei dizendo que, por sermos filhos de Deus, somos feitos com uma parte da sua essência, como disse o Mestre Jesus: “Vós sois Deuses”⁽¹⁾. Logo, se Deus é a Verdade e se nós somos a sua essência, então só encontraremos essa Verdade dentro de nós mesmos. Nessa busca sincera da nossa presença Divina, encontraremos a Verdade e ela nos libertará de toda ignorância e conseguiremos ser livres. Disse ainda que olhasse em torno de si, pois veria vários amigos sinceros e entre eles algumas fontes de luz que não eram lâmpadas, mas sim espíritos que já alcançaram esta Verdade e agora transmitiam a sua luz interior, estando ali para ajudá-lo. Acrescentei que nós alcançaremos este estágio de evolução pois este é o desejo do Pai Celestial, mas depende exclusivamente de nós alcançá-la. Então, perguntei-lhe se estava vendo o que descrevi. Tendo obtido uma resposta positiva, afirmei-lhe ainda, que entre aqueles amigos havia um especial, que há muito esperava por esta oportunidade de ajudá-lo e ele respondeu que estava vendo também.

Fiz uma pausa e em seguida perguntei-lhe o que tinha a dizer. Ele respondeu que havia entendido o que eu quis lhe transmitir e que estava pronto para seguir com seus amigos. Assim, ele partiu.

Terminada a reunião, a médium pediu-me um momento de atenção e falou que conversara mentalmente com o espírito durante o estudo e na fase do esclarecimento. Ela contou-me que havia tido a sensação de que o mesmo fora padre e que se sentira enganado o tempo todo de sua vida. Esta sensação também eu tivera, mas não questionei, pois os pormenores da vida dos irmãos desencarnados não nos interessam. Somente devemos fazer uso destas informações, quando

elas forem ajudar no reequilíbrio e libertação deste irmão.

(1) O termo “Sois Deuses” está presente em duas passagens do Velho Testamento (Isaías 41:23 e Salmos 82:6) e Jesus confirmou este ensinamento (vide João 10: 23-39).

2 – O COMANDANTE

Iniciávamos a reunião de amparo a encarnados e desencarnados, quando em uma das médiuns (Rosa Vilhenna), chegou uma entidade com porte garboso, ereto, sério, mas tranquilo. Dirigi-lhe a palavra, dando-lhe as boas vindas e dizendo que ele se sentisse a vontade, pois estava entre amigos. O irmão então respondeu que não tinha amigos entre nós, mas que não estava ali para discutir e sim para negociar. Perguntei-lhe que tipo de negociação queria fazer e ele disse que havia perdido muitos dos seus comandados em embates com a nossa casa. Assim sendo, vinha propor que nós deixássemos os seus guerreiros livres de novas ações nossas, que ele também não prejudicaria mais nenhum irmão que estivesse sob a proteção do Centro.

Falei-lhe, então, que não competia a mim fazer qualquer tipo de negociação, pois estava ali a serviço do Pai Celestial e do Mestre Jesus para ajudar a todos os que nos eram encaminhados, como era o seu caso, que havia sido convidado para ali comparecer. O irmão voltou a falar, colocando que não precisava de ajuda e muito menos tinha recebido algum convite para estar ali, e sim que fora de livre e espontânea vontade para negociar a proposta já apresentada. Eu disse-lhe que, embora não tivesse percebido, a sua vinda havia sido preparada e autorizada pelos mensageiros divinos e que nos competia ajudá-lo a libertar-se de correntes trevosas, que o mantinham aprisionado. Mais uma vez o irmão tentou argumentar que não era subordinado a ninguém, pois era um poderoso general, que tinha milhares de comandados a seu serviço e precisava preservar a sua autoridade e a segurança daqueles que o seguiam. A tranquilidade e firmeza com que se comportava, sem faltar com o respeito e nem blasfemar, nos passou a confiança de que aquele irmão estava pronto para o amparo espiritual das forças superiores. Pedi-lhe licença e iniciei uma série de passes com o objetivo de desbloqueio dos seus chacras, desligamento de possíveis vinculações com algum ser mais trevoso e limpeza de seu corpo perispiritual de cargas negativas, acumuladas por ações contrárias à Lei Divina.

O irmão começou a reclamar das perdas energéticas e que eu não o estava tratando com o respeito que deve ser dado a quem vem negociar. Em seguida, entrou em choro convulsivo e, envergonhado, disse que eu o havia humilhado diante da tropa e, por esta razão, não seria mais respeitado. Logo ele, que sempre zelara pelo exemplo de firmeza e disciplina! Dirigi-me a ele com carinho, oferecendo-lhe as mãos, dizendo que, pelo contrário, naquele instante ele havia dado um grande exemplo de coragem, ao reconhecer os seus erros e se dispor a corrigi-los. Respondeu-me, a seguir, que mesmo assim não tinha coragem de fitá-los, pois o que seria deles a partir daquele momento, já que sempre o seguiram sem questionarem e, por esta razão, acabaram sem vontade

própria, dependendo totalmente dele. Afirmei-lhe então que não se preocupasse, porque muitos dos seus comandados já estavam cansados daquela vida e só esperavam o momento em que ele resolvesse mudar de atitude. Acrescentei que, naquele instante, muitos rejubilavam-se de alegria. Eu ainda disse mais, explicando que quando o Mestre Jesus percebera, no seu interior, que era chegado o momento da sua libertação, o havia encaminhado para aquela conversa. Afirmei-lhe que, ao sair dali acompanhando os amigos espirituais que o aguardavam, iria para um local onde se prepararia para ajudar o seu semelhante. Os seus subordinados o estariam esperando, para que ele os comandasse nessa nova etapa de suas vidas, pois enquanto ele não ensinasse a todos para viverem independentes, eles estariam ligados ao seu comandante e esta era a sua grande responsabilidade diante de Deus. O irmão agradeceu, tendo a mesma dignidade com que chegou, e humildemente despediu-se.

3 – UM HABITANTE DAS SOMBRAS

Após a oração em favor de alguns irmãos cujos nomes estavam sobre a mesa, em mais uma reunião de nosso Centro, ouviu-se uma voz, que através de um médium (Reinaldo) dizia: - “O que estou fazendo aqui? Trouxeram-me contra minha vontade!”

Eu, como sempre, dirigi-me ao espírito comunicante dizendo que ele havia sido convidado em nome do Pai Celestial. Mesmo não tendo consciência do convite, expliquei-lhe que o mesmo havia sido feito à sua Essência Divina, já que ele era filho de Deus e, por esta razão, possuía uma partícula de Sua Essência. Assim sendo, Deus poderia comunicar-se diretamente com ele. O irmão retrucou: - “Continuo sem saber o que estou fazendo aqui e porque estou diante de ti? Por que estás sempre na minha frente? Onde quer que eu esteja, lá está você! O que queres de mim?”

Procurando ajudar ao espírito, afirmei que provavelmente Deus havia providenciado o encontro, de modo que pudesse o irmão encontrar ajuda para sair do ambiente onde se encontrava. Logo a seguir, prontamente respondeu: - “Não estou interessado em sair de onde me encontro e não entendo porque razão você quer me ajudar!” Eu, então, disse que todos éramos filhos de Deus e que tínhamos como destino retornar ao seu seio amoroso. Por esta razão, Ele facilitava aquele encontro para que o irmão compreendesse essa verdade. A entidade comunicante, então, perguntou: - “O que você está fazendo sempre lá na escuridão onde me encontro? Toda vez que olho, você está lá! Com toda essa conversa bonita, você também é de lá?” Respondi que também já havia estado nas trevas, que não era bonzinho coisa nenhuma, mas que após ter sido amparado por mensageiros divinos, agora estava a serviço do Pai para também retirar, das trevas, aqueles irmãos que já se encontravam preparados para isso.

No momento seguinte, comecei a ministrar passes na entidade como forma de libertá-la de correntes trevosas, miasmas e demais energias negativas que o impediam de compreender àquela conversação. O espírito irmão, mesmo não compreendendo a razão daquela ajuda, já se encontrava mais acessível, porém não conseguia entender porque deveria deixar aquele lugar onde vivia há tanto tempo. Eu, percebendo que a permanência daquele irmão por mais tempo junto do médium iria esgotá-lo energeticamente, comuniquei-lhe que não poderia ficar mais, para não prejudicar o companheiro que estava sendo instrumento para a comunicação. Quase imediatamente, o espírito começou a adormecer. Falei-lhe, com voz branda, que ele aprofundaria o sono e seria encaminhado a um hospital onde receberia todo o tratamento necessário para seu fortalecimento e recuperação do equilíbrio. Posteriormente, frequentaria aulas que lhe dariam as condições de compreender sua vida.

Assim foi levado pelos mensageiros celestiais.

Ficou evidente nesta experiência que, antes do irmão ser encaminhado para o Centro, recebera a minha visita em seu ambiente no Umbral (através da projeção astral), por várias vezes, para acostumar-se comigo e assim possibilitar uma ajuda mais eficiente.

4 – DIÁLOGO COM UM JUSTICEIRO

Em mais uma reunião do C.E.F.J., um mensageiro “incorporado” no médium Reinaldo, convoca uma senhora da assistência para atendimento. Neste momento, a médium Rosa Vilhenna dá passagem a uma entidade que, com punhos cerrados batendo (controladamente) na mesa, diz com energia e rancor: -“Que está ela fazendo aqui? Vocês não podem ajudá-la, pois a justiça está sendo feita!”

Logo a seguir, aproximei-me e disse: -“Calma irmão! Não existe razão para te comportares desta forma, pois estás entre amigos!” Então, fui contestado: -“Não me venha com esta conversa, pois aqui estou para manter que a justiça seja feita!”

Percebendo a dureza do irmão, me posicionei para aplicar-lhe passes libertadores nos chacras inferiores e fui imediatamente rechaçado: -“Não adianta esta técnica para comigo! Não sou nenhum ignorante e sei perfeitamente o que quer fazer. Quem és tu para querer interferir no que faço?”

Desistindo intuitivamente daquela ação, busquei o diálogo mais franco: -“Sou um filho de Deus como tu és, com a incumbência de ajudar-te a abandonar o caminho que estás seguindo.” A entidade respondeu: -“Não preciso de ajuda! O que quero é só fazer justiça com ela, que desgraçou a minha vida e de outros.” Então insisti: -“Meu irmão, ninguém tem o direito de julgar o seu semelhante. Somente a Deus compete julgar os atos de seus filhos.” Mas o irmão rebateu: -“Você não sabe de nada, por isso vem com essa conversa toda! Além disso, vocês mesmos não dizem que nós somos instrumentos da Justiça Divina? Então, deixe-me em paz para fazer cumprir a justiça. E tem mais, enquanto a cobrança estava atingindo somente a ela, não tomou nenhuma providência para resolver, mas agora que o filho também está sendo prejudicado é que ela veio buscar ajuda. Ela não presta e precisa pagar todo o mal que fez.” Retornei: -“Meu irmão, nada nos acontece injustamente, nem por acaso. Se foste prejudicado pela nossa irmã é porque no passado também já a prejudicaste. É a lei do quem com ferro fere, com ferro será ferido.” O espírito revoltado retrucou: -“Essa conversa está ficando chata! Eu não sou o obsessor? Eu não sou o espírito mau? Ela não é a perseguida? Então deixe eu executar a minha tarefa! Ela precisa pagar!” Na sequência, argumentei: -“Ninguém aqui te chamou de obsessor e muito menos de espírito mau. Pelo contrário, foste recebido como irmão e estás sendo bem tratado. Não fizemos nenhuma distinção entre ti e a nossa irmã. Ambos estão recebendo a mesma ajuda. Entretanto, se a tua consciência te acusa de estares fazendo algo errado é porque chegou o momento de mudares de atitude. Vamos verificar como esta

história começou?” Em seguida, coloquei a mão direita na altura dos olhos da médium e mentalizei a abertura da tela mental daquele irmão, que já começava a ceder às argumentações.

O irmão, tentando manter a dureza como defesa, disse: -“Estou vendo, mas não interessa quem começou. O que quero é cobrar dela o que fez agora, e ela vai pagar.” Insisti: -“Na verdade não importa quem começou esse desencontro entre você e a irmã. O que importa mesmo é que se precisa colocar um basta nesta situação, senão isto não acabará tão cedo. Ontem você fez, hoje ela faz, amanhã você retruca, depois de amanhã ela se vinga e assim sucessivamente, numa roda viva de sofrimentos cada vez maiores pela insistência no erro. Porém, é chegado o momento disso acabar e é por esta razão que o Pai Celestial e o Mestre Jesus encaminharam vocês dois para cá.” Então, a entidade questionou: -“Mas você é muito pretensioso! Como pode afirmar que está na hora de acabar?! Baseado em quê?” A seguir, contra argumentei: -“Meu irmão, vocês já sofreram muito durante todo esse tempo de cobranças mútuas e, por esta razão, Deus resolveu dar uma oportunidade de reconciliação para ambos, pois se pelo menos um perdoar e entregar ao Pai Celestial o destino de seu algoz, cortar-se-á a corrente em que vocês são dois elos poderosos. Assim, a liberdade espiritual se fará. Em seguida você será encaminhado a uma casa de recuperação, onde receberá toda orientação de que precisa para entender a nova vida.” O irmão, na seqüência, perguntou: -“Se eu aceitar esta proposta, o que acontecerá com ela que prejudicou não só a mim mas a outros também?” Respondi: -“Isto é problema do Pai Celestial. A Ele compete decidir o que fazer da vida de nossa irmã. Nesse momento, você deve apenas se preocupar com a sua libertação.” A entidade, ainda desconfiada, falou: -“Quem pode me garantir que isto não é uma armadilha e que, ao aceitar, serei aprisionado? Não estou interessado em um reformatório! Isto tudo pode ser mentira! Por que você me ajudaria?” Retruquei: -“Por acaso estás amarrado, aprisionado? Estamos conversando de igual para igual. Também já fui como tu, afastado da Lei Universal e praticando a injustiça. Entretanto, pela Misericórdia Divina fui amparado por mensageiros divinos e, após compreender os meus erros, adotei uma nova postura. Agora, tenho o compromisso de ajudar aos irmãos que não vivem de acordo com o Amor Divino, como eu no passado. Entretanto, te faço uma proposta. Dê-me a tua mão.”

A entidade lentamente descerrou o punho direito da médium e segurou levemente a minha mão. Elevei o meu pensamento ao Alto, pedindo apoio: -“Tu irás para este local de estudos e orientação! Se fores de coração aberto, ouvires os ensinamentos sem preconceitos, meditares sobre a validade deles e tirares tuas conclusões com toda liberdade, poderás, através do teu livre arbítrio, reconhecendo que era tudo mentira, vir me buscar. Porém, meu irmão, sem tentar direcionar a tua decisão, lembro-te que o planeta está em transformação espiritual e aqueles que não estiverem em

equilíbrio energético com esta nova fase planetária serão encaminhados para outras esferas, onde o resgate será mais difícil e o sofrimento maior para aqueles que desperdiçarem a atual oportunidade.” O irmão apertando com força a minha mão, afirmou, contendo a emoção: -“Me parece que está dizendo a verdade. Pelo menos acredita no que está dizendo e, assim sendo, vou experimentar.” Também controlando a minha emoção, ao ver um final feliz para aquele longo diálogo, terminei: -“Siga em nome de Deus aos amigos que te aguardam! Sei que alguns deles tu até já conheces.”

O irmão seguiu em paz e todos ficamos satisfeitos.

5 – O PASTOR

A reunião no Centro havia começado e, após a oração em favor de encarnados e desencarnados, se apresentou um espírito sofredor através da médium Maria C. Pena, se lamuriando por estar sentindo muito frio e com medo de um perseguidor. Eu imediatamente o atendi, pedindo-lhe calma e confiança, pois estava entre amigos. Contudo, o irmão continuava na lamúria repetitiva, sem parecer ouvir o que lhe era falado. Então, iniciei um passe de limpeza da aura, como forma de reduzir as influências deletérias trazidas do nicho astral de onde viera. A seguir falei-lhe, pausada e mansamente, que ele era um filho de Deus e como tal era um espírito eterno, que em tal circunstância não deveria estar sentindo frio, pois isto era uma característica do corpo físico que ele não possuía mais. Com as palavras e os passes, o irmão começou a reduzir a tremedeira, mas aumentou o seu pavor em relação a um perseguidor implacável que não o abandonava. Foi-lhe dito que ele estava sob a proteção de Deus e que os mensageiros do Pai não permitiriam mais que ele fosse molestado. A partir daquele momento ele deveria entregar a sua vida ao Pai Celestial, confiando sinceramente Nele, que tudo iria melhorar.

O irmão foi se acalmando e iniciava um agradecimento pelo bem estar que já sentia, quando, pelo médium Reinaldo, manifestou-se uma entidade revoltada. Ela disse que aquele irmão não poderia ser ajudado, pois era um assassino e deveria pagar pelo seu crime. Como a primeira entidade já havia se acalmado, para que não se desequilibrasse novamente, fui atender à segunda entidade. Ao dirigir-me ao novo irmão com palavras de boas vindas, fui questionado sobre a razão de estarmos ajudando alguém que não tinha merecimento, pois era um bandido. Argumentei que só tinham a permissão de Deus para entrar naquela casa, aqueles que já estavam prontos para receber a Sua Misericórdia, e o primeiro irmão havia se arrependido dos seus erros.

A nova entidade, mais revoltada ainda, asseverou: -“Como Deus pode perdoar alguém que tira a vida de inocentes e deixa os justos sofrendo?” Respondi que Deus está mais atento ao nosso arrependimento verdadeiro e, por esta razão, aquele irmão estava sendo amparado. Então, a entidade falou: -“Mas ele assassinou-me friamente!”

Verifiquei a dificuldade do irmão em entender os caminhos seguidos pela Misericórdia Divina para recuperar os filhos em sofrimento. Assim, iniciei um diálogo mais amoroso com aquele irmão, dizendo-lhe que nos era muitas vezes difícil entender as “atitudes Divinas”, por não termos ainda aprendido a Amar. Em seguida, o interlocutor colocou: -“Você não compreende! Eu fiz tudo para viver com dignidade sem fazer mal a ninguém. Estudei e ordenei-me pastor para assim ter uma

vida honesta e ajudar as pessoas da minha congregação a seguirem os passos de Jesus. Entretanto, num dia de domingo, quando voltava da igreja após o culto, sozinho e a pé pela estrada, fui surpreendido por este marginal armado para assaltar-me. Reagi. Lutamos e fui ferido, mas mesmo assim consegui matá-lo, tendo, porém, morrido logo em seguida por falta de socorro. E tu queres que eu o perdoe?”

Após identificar a sua condição de pastor, fraternalmente aproximei-me do ouvido do médium, para falar baixinho de modo a não envergonhar a entidade diante dos assistentes: -“ Meu irmão, tu eras o representante de Deus junto aos membros da tua comunidade e deverias dar a eles o exemplo do Amor ensinado pelo Mestre Jesus. Esqueceste das passagens em que Jesus disse quando alguém pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também o casaco (Mateus 5: 40); e amai os vossos inimigos e bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus (Mateus 5: 44-45); e ainda, amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento e amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 22: 37-39). Estiveste mais preso aos bens materiais do que aos espirituais. Por esta razão, ainda tens dificuldades de libertar-te daquela ação infeliz cometida pelo nosso irmão. Ainda digo-te, meu caro, que aquilo não aconteceu por acaso. Vamos lembrar de um passado remoto e verificar a razão daquele encontro.” Assim, em sintonia com os mensageiros espirituais, promovi a abertura da tela mental da entidade, que pôde constatar que em outra encarnação havia matado aquele primeiro irmão, também por roubo.

O irmão, ao se deparar com o seu passado devedor, não entendeu de imediato o que estava acontecendo e perguntou o que representava aquilo que estava presenciando, pois não se lembrava de ter participado daquela situação. Expliquei-lhe que aquelas eram imagens oriundas do seu subconsciente, ao que o irmão contestou, pois havia pautado sua vida na paz e no estudo da Bíblia. Foi-lhe então esclarecido, que aquela lembrança se relacionava a uma vida passada e não a esta última. O irmão, inquieto, indagou: -“Por acaso queres convencer-me de que já vivi outras vidas, tentando induzir-me a acreditar na reencarnação? Só temos uma vida!” Eu então, calmamente, disse-lhe: -“Meu irmão, não estou tentando convencer-te de nada. O que estás vendo é registro da tua mente espiritual. Procura observar e sentir se as imagens vêm de fora ou de dentro de ti mesmo. Nós fomos criados à semelhança de Deus pelo próprio Pai Celestial e, por esta razão, temos a vida eterna em espírito, ora vivenciando uma experiência encarnado, ora retornando à vida espiritual para avaliar o aprendizado na vida carnal. E assim repetimos esta experiência, quantas vezes forem necessárias, até que tenhamos aprendido a amar verdadeiramente.” A entidade, que ouvia atentamente e emocionada, caiu em prantos e disse que não sabia de nada, questionando por

que razão Deus não lhe havia mostrado isto para que ele não houvesse errado. Foi-lhe dito então, que o esquecimento era parte da Misericórdia Divina, para que não nos embaraçássemos diante dos erros quando tivéssemos que passar por situação idêntica e, ao vivenciá-la, usássemos o nosso livre arbítrio, associado aos ensinamentos recebidos antes da nova encarnação, decidindo a forma de agir sem interferência das lembranças.

Arrependido por não ter cumprido seus compromissos como ser humano e como pastor, o irmão não se sentia digno do perdão de Deus. Porém, falei-lhe que Deus via o que havia em seu coração e, da mesma forma que aquele pai recebera o filho pródigo arrependido (Lucas 15: 11-32), ele também seria amparado pelo Amor Divino. Era, porém, importante que os dois antigos adversários ali presentes se perdoassem, para que aquela chaga fosse curada e eles pudessem ter, em nova encarnação, um encontro de entendimento.

Os dois, aos prantos, se despediram e partiram para um novo aprendizado, agora aliviados pela compreensão da Lei Universal.

6 – O GENERAL DAS TREVAS

Cheguei cedo ao Centro e fui arrumar as flores que eu gosto de usar para enfeitar a mesa de reuniões. Retiro os espinhos das rosas, as folhas secas e doentes e aparo a base das hastes dentro da água para promover maior durabilidade. Em seguida, irradio minhas bioenergias sobre elas, para eliminação de energias negativas agregadas devido à manipulação comercial e, posteriormente, mentalizo que essas flores sejam úteis durante os trabalhos.

Os médiuns e a assistência foram chegando e se acomodando no salão. Enquanto preparava as flores, alguns médiuns se aproximaram de mim para dizer que estavam sentindo muito enjoo, mal estar e arrepios. Sugeri que colocassem água em um copo, procurassem conectar-se melhor com seus mentores espirituais, e descarregassem na água as más influências que os estavam incomodando, permanecendo, posteriormente, em oração.

Iniciada a leitura da página que seria comentada a seguir, novamente os médiuns começaram a sentir fortes sensações desagradáveis. Pedi firmeza de todos pois não pretendia interromper a mensagem. Entretanto, durante os esclarecimentos do tema, a situação começou a ficar insuportável, o que me forçou a terminar as explicações em breve tempo.

Imediatamente a médium Rosa Vilhenna deu passagem a uma entidade com as mãos crispadas, demonstrando possuir grande força e dizendo: -“Quem são vocês para interferir nas minhas atividades?” Dirigi-me a ela, dando-lhe as boas vindas e comunicando que estava entre amigos, ao que retrucou: -“Não estou aqui para conversas! Tenho perdido vários subordinados em trabalho. Mandei auxiliares imediatos para conferir o que estava acontecendo e tomarem as devidas providências. Entretanto, também não retornaram. Resolvi tirar a limpo, eu mesmo, essa história. Aqui estou para acabar com vocês!”

Respondi-lhe então: -“Meu irmão, aqui estamos a serviço de Deus e do Mestre Jesus para levar amparo aos desequilibrados e sofredores espirituais. Se, porventura, alguns dos teus seguidores foram afastados de suas lidas, é porque estavam prejudicando alguém que rogou a Misericórdia Divina para si. Nesta casa trabalhamos segundo a Lei Universal de Deus e Sua Justiça.” Ele, então, respondeu: -“Vocês, seguidores do Cordeiro, nada podem comigo! Vim para destruí-los e é o que vou fazer, para que não se metam com quem não conhecem!” Neste instante, vários médiuns começaram a se retorcer em suas cadeiras, demonstrando estar sob forte pressão negativa. Eu mesmo senti o coração em disparada e como se tivesse um buraco no estômago. Busquei forças nos irmãos espirituais que nos assistem e roguei a todos na casa que se mantivessem

firmes em oração, deixando a curiosidade de lado, pois o momento exigia o máximo de união e amor.

Abandonei o diálogo e me concentrei no corte das energias que sustentavam aquele irmão, colocando as mãos no chacra esplênico e no plexo solar. Além disso, mentalizei a neutralização das energias do chacra básico. Prontamente reagiu a entidade: -“Não vai conseguir nada com isto! Sou um general poderoso e vou acabar com essa situação!” Os médiuns, mais uma vez, sentiram a onda de energia deletéria manipulada por aquele irmão. Convoquei os trabalhadores espirituais que, em casos como este, interferem para que a Paz se estabeleça.

O irmão começou a se sentir incomodado e reclamou: -“Vocês estão mexendo com forças que não conhecem, e não conseguirão nada! Eu tenho ainda o meu superior que virá em minha ajuda, se necessário, e então vocês verão o que vai acontecer!” Verificando o efeito das energias positivas sobre a entidade, reiniciei o diálogo: -“Meu irmão, não resista à Misericórdia Divina que está chegando a ti para libertar-te das correntes negativas que te escravizam. Deus ampara a todos os seus filhos e tu, como seu filho querido que precisa ser libertado, está recebendo este amparo.” Logo a seguir, respondeu: -“Não pedi ajuda a este Deus de quem fala e muito menos misericórdia! Normalmente, os outros é que me pedem misericórdia.”

Antes de continuar o diálogo, resolvi tentar obter o rompimento definitivo do cordão energético que prendia aquele irmão ao seu superior nas trevas. Avisei-o sobre o que iria fazer, como forma de permitir a ele a liberdade suficiente para decidir com o seu livre arbítrio, sem a influência daquele que o escravizava. Colocando a mão na altura do ventre da médium, fechei os dedos, pedi firmemente ao Mestre Jesus que promovesse o desligamento e, enquanto o irmão gemia e se esforçava para resistir, puxei bruscamente. A entidade soltou forte grito e caiu para frente. Amparei o corpo da médium automaticamente. O comunicante ainda buscou defesa no seu superior que, segundo ele, nunca o havia abandonado, pois sempre lhe prestara bons serviços.

Continuando o diálogo, eu lhe disse: -”Meu irmão, aquele que se diz teu superior é um espírito mais necessitado ainda que tu, diante da Lei Universal. As promessas que te fez nunca serão cumpridas, pois o que interessa a ele apenas são as energias que tu transferes durante o teu trabalho. Na verdade, ele vem vampirizando até mesmo as tuas próprias energias! Se tens alguma dúvida, veja o que ele pensa de ti e o que faz com as tuas energias.”

Neste momento, foi aberta a sua “tela mental” e ele pode constatar o que eu havia lhe falado intuitivamente. Desesperado e sentindo-se traído, não conseguia organizar suas ideias. Estava perdido, segundo suas palavras. Foi quando lhe falei: -“Ninguém está perdido quando roga o

amparo Divino. Embora possas achar que não tens direito a essa ajuda, o Pai nunca renega os seus filhos, por mais que tenham contrariado as Leis Universais, pois sabe que ainda somos como crianças que precisam de sua mão acolhedora, para nos recolocar no caminho de onde nos afastamos. Se te sentes em dificuldades para pedir, vamos orar juntos ao Pai”. Elevei o pensamento a Deus. Roguei pausadamente, para ser acompanhado pelo irmão, de forma que ele enxergasse esse caminho sem empecilhos, obtendo um pouco de paz em seu coração.

Concluí, dizendo: -“Olhe a tua frente e verás que aí está, exatamente, uma entidade que procuravas avidamente e que não foi possível encontrá-la, pois ambos se encontravam em planos diferentes. Agora, houve autorização superior para encaminhar-te até ela.” A cabeça da médium, amparada por mim e aconchegada ao peito, se moveu. O irmão olhou firmemente para frente e caiu em pranto, agradecendo aquela dádiva recebida. Entretanto, percebi que o general estava preocupado com a vingança de seu antigo superior, e lembrei-lhe: -“Não te preocupes com nenhuma represália, pois estás sob a proteção dos mensageiros do Pai. Só serás atingido se assim o quiseres; se mantiveres uma ligação mental com aquele irmão. Caso contrário, encontrarás a felicidade que tanto desejas. Não nos agradeça, pois somos apenas instrumentos do Pai Celestial! Agradeça, sim, a Ele que te libertou de ambiente tão prejudicial.” O irmão se despediu e partiu arrependido por tudo o que fizera.

Terminada aquela tarefa, uma entidade de luz que havia “incorporado” no médium Pablo, informou que aquele trabalho só havia sido possível porque todos os presentes se uniram firmemente em pedido de auxílio. Contou que ainda vieram entidades de hierarquias superiores que deram um grande reforço, ajudando a neutralizar as cargas negativas, impedindo que forças externas não autorizadas penetrassem no recinto da reunião. Caso contrário, poderia ter ocorrido uma anarquia generalizada, com a possibilidade até de algum médium adoecer.

Em seguida, uma jarra de água foi energizada e dada aos médiuns, para que possíveis falhas energéticas em seus corpos perispirituais fossem corrigidas.

7 – A INVIGILÂNCIA NA CASA ESPÍRITA

A presente história, eu a conto baseando-me em fatos reais. Após o término da reunião, quando todos já haviam se despedido e demandado às suas residências, entrou no escritório do dirigente do Centro, Otávio, médium destacado por sua atuação positiva nos trabalhos, dizendo trêmulo:

- Seu Tuninho, roubaram minha carteira que estava na maleta que deixei sobre uma cadeira na biblioteca!

- Que é isso Otávio, não me diga tal coisa! Não debes ter procurado direito. Vamos que te ajudo a procurar, pois aqui todos são de confiança.

Vasculharam toda a maleta e a biblioteca sem encontrarem a carteira. A esposa de Otávio asseverou sem pestanejar:

- Confiando, desconfiando. Lembrem-se que temos ao nosso lado “irmãos” que por terem sido viciados, faziam pequenos furtos para satisfazer seu vício incontrolado.

- Não esqueçam que alguns “irmãos” endividados de nosso grupo poderiam no desespero, fazer um “pequeno empréstimo” para aliviarem seus compromissos com os credores. Afirmou Lúcia, irmã de Otávio.

- Calma irmãos, não podemos levantar suspeitas precipitadas, alegou seu Tuninho.

Entretanto, naquela pequena reunião, a relação de suspeitos ia crescendo e já chegara a um ponto em que somente o dirigente e a família de Otávio eram considerados inocentes. Nessa situação, seu Tuninho sugeriu que todos fossem para casa amenizar os ânimos, descansarem e no dia seguinte poderiam encontrar uma solução para o caso. Otávio, ao se despedir, falou categoricamente:

- Marcaremos uma reunião extraordinária em que direi abertamente termos um ladrão entre nós e caso não seja devolvida minha carteira intacta, prestarei queixa na polícia.

Tomado o café da manhã, Otávio pegou seu paletó que havia deixado no carro e, ao colocá-lo sobre o braço, percebeu algo no bolso. Verificando do que se tratava, viu, surpreso, que nada mais era do que sua carteira. Dirigiu-se rapidamente para a cozinha, onde a esposa desfazia a mesa do café e mostrou-lhe o achado.

- Como pode ser isso? Não tens o costume de colocá-la no paletó, para não a

esqueceres! Disse Regina.

- Pois é Regina, quando paramos no posto para abastecer o carro, peguei a carteira na maleta, fui ao caixa efetuar o pagamento e, na pressa, pois estávamos em cima da hora da reunião, coloquei-a no bolso do casaco antes de entrar no carro. Ao chegarmos ao Centro, como estava com calor, acho que mais pela preocupação do atraso, tirei o casaco e deixei-o no banco traseiro do carro, não me lembrando mais que havia colocado a carteira no bolso.

- Vamos avisar ao seu Tuninho, para que ele fique sossegado.

- Seu Tuninho, é Otávio. Fique tranquilo ... encontrei a carteira.

- Que bom Otávio ... só que já marquei a reunião extraordinária para hoje às 14 h e me preparava para ligar-te quando tocaste para mim.

- Desmarque seu Tuninho!

- Não dá mais tempo, pois alguns irmãos estavam de saída quando liguei e irão direto para a reunião.

- O senhor falou de que se tratava?

- Não! Achei melhor deixar para o momento da reunião.

Às 13:30 h, começaram a chegar os confrades e, antes de se recolherem em oração no salão de reunião, estavam ansiosos para saber a razão daquela convocação inesperada, um dia após a reunião normal. Entretanto, seu Tuninho pediu que aguardassem. Feita a oração de abertura, D. Maria, humilde médium do grupo, deu passividade para o Mentor da Casa, que assim se expressou:

- Deus esteja presente, não só nesta Casa, mas também no coração de cada um de vós. Esta reunião se fez necessária para que pudéssemos, sem a presença do público assistente, fazer um estudo de avaliação de comportamento, tendo em vista as grandes transformações que estão ocorrendo em nosso amado planeta, que vem, há muitos milênios, oferecendo morada para que nós possamos corrigir, definitivamente, nossos erros e a desenvolver o verdadeiro amor para com os nossos semelhantes.

- Vou iniciar contando um fato ocorrido em uma Casa Espírita e que servirá de alerta para todos nós.

Otávio e os demais envolvidos no levantamento de suspeitas contra seus companheiros de trabalho mediúnico gelaram, aguardando uma reprimenda que, agora, reconheciam ser justa. O Mentor continuou:

- Numa Casa Espírita se reúnem, pela Misericórdia Divina, os maiores devedores da Lei. Após muito sofrerem as consequências de seus atos desequilibrados, tanto na carne quanto no Astral, vêm para exercerem, através da mediunidade, a caridade pura. Também necessitam compreender as limitações de seus semelhantes que, como eles, precisam harmonizar-se com a Lei. Vocês sabem que aqueles que se esforçam para serem verdadeiros filhos do Cordeiro, não são compreendidos pelos irmãos aprisionados pelas trevas da ignorância e, que estes, de tudo fazem para impedirem seu progresso. Assim, aconteceu que naquela Casa, alguns irmãos, envaidecidos com os resultados alcançados por meio de sua mediunidade, e outros se achando mais cultos e inteligentes do que aqueles que, por motivos vários, não conseguiam ler todas as obras disponíveis, permitiram que as falanges trevosas encontrassem brechas, por onde passaram a atuar. O presidente da Casa, percebendo os deslizes desses companheiros, alertou-os por meio de estudos claros e específicos. Posteriormente, lhes advertiu pessoalmente sobre o perigo que estavam correndo, ao se deixarem envolver por sentimentos menos nobres, que negavam os ensinamentos do Mestre Jesus. Porém, os irmãos não admitiam seus erros e afirmavam estar o presidente equivocado. No Astral Inferior, os chefes das falanges operosas das trevas riam-se, já antegozando a derrocada daqueles irmãos e em seguida da própria Casa, alvo principal de suas investidas. Num derradeiro esforço do Mentor da Casa e dos guias espirituais daqueles médiuns, foi permitido que sofressem um acidente programado pelas trevas. O plano dos obsessores era provocar diversas mortes e, em seguida, aprisionariam e escravizariam aos recém-desencarnados. O acidente ocorreu, mas, pela proteção dos guias, os médiuns não desencarnaram. Foram hospitalizados e amparados pelas preces e visitas de seus companheiros. Já os orgulhosos, tudo fizeram para alcançar a cura por suas próprias mãos. Não aceitaram a ajuda e, como não conseguiram curar-se por seus meios, revoltaram-se, blasfemaram, pioraram e desencarnaram. Assim, foram imediatamente recolhidos pelas trevas. Os demais reconheceram ter sido o acidente uma resposta ao seu desequilíbrio e se entregaram de corpo e alma ao amparo misericordioso de Jesus. Depois de algum tempo, estavam de volta ao seu Centro, realizando trabalho honesto e progressista. Ao contar-vos esta história, desejo sinceramente alertar-vos para que não deixem seus corações guardarem ressentimentos, dúvidas, vaidades, preconceitos e outros sentimentos que permitirão vossa sintonia com as forças negativas, que lutam árdua e impiedosamente para abater os filhos do Cordeiro. Sejam vigilantes! Avaliem constantemente seus sentimentos e busquem a correção toda vez que perceberem a falha. Deus, nosso Pai, está atento às nossas solicitações, sempre que justas, e não nos desampará quando Dele mais precisarmos. Meus filhos! Neste momento vos peço que, mesmo que vossas consciências não vos acusem de nada, implorem perdão ao Pai celestial por qualquer pensamento ou palavra negativa que tenham produzido contra seus irmãos encarnados e desencarnados, especialmente àqueles que convivem

convosco nesta Casa maravilhosa em que Deus tem, por muitas vezes, demonstrado claramente estar presente.

Depois de alguns instantes, suficientes para que todos fizessem suas rogativas, concluiu o Mentor:

- Deus esteja sempre convosco! Ao terminar a oração de encerramento, que deve ser feita logo em seguida à minha saída, desejo que se despeçam com um longo abraço fraternal.

8 – O ÉBRIO

No primeiro dia de reunião daquele ano do C.E.F.J., fiz a abertura pedindo a proteção Divina. Quando ia iniciar alguns cânticos pertencentes à Corrente Astral de Umbanda, com a qual também trabalhamos, a médium Sara alertou-me que estava sentindo várias picadas pelo corpo. Assim, procedi ao início da sessão com os cânticos principais e, posteriormente, agreguei alguns vinculados à questão da limpeza espiritual.

Ao terminar, notei que a médium Mariana não estava sentada de forma normal, mas inclinada para um lado, como se estivesse dormindo. Observando melhor, verifiquei certas contrações da face, que indicavam a presença de uma entidade. Fui até ela e perguntei se queria dizer alguma coisa, ao que a entidade respondeu que não estava conseguindo ficar de pé. Indaguei as causas disso e ela, com voz característica, disse que tinha tomado “umas e outras” junto com um novo amigo, e que ficava perto dele, aproveitando para beber quando ele bebia. Percebendo o que estava acontecendo, tentei removê-la daquela situação, pois isto estava lhe fazendo muito mal, mas assegurou que, ao contrário, estava se sentindo bem. Procurei, através da técnica da tela mental, mostrar-lhe os prejuízos que estava tendo com aquela atitude, mas nada consegui. A entidade estava muito anestesiada pela bebida. Comecei, então, a aplicar-lhe passes de limpeza, para retirada das energias do álcool. Pouco depois, a entidade perguntou o que eu estava fazendo. Expliquei-lhe a finalidade dos passes para ajudá-la. O irmão começou a rir e passei a desconfiar que se tratasse de algum obsessor esperto, que estava tentando me enganar. Notei, porém, que não era este o caso e resolvi invocar um trabalhador espiritual da Corrente da Umbanda para me ajudar na limpeza. Senti muita vibração nos braços e mãos, e pedi a este trabalhador que puxasse para si toda a energia da bebida e levasse com ele. Logo em seguida, com as mãos dadas com a médium, senti que o trabalhador levou consigo aquelas impurezas. A entidade, ainda incorporada na médium Mariana, estava confusa, sem saber o que havia acontecido e o que estava fazendo ali, dizendo-se muito tonta. Para dar tempo ao seu reequilíbrio, peguei as mãos da médium e rezei a oração de São Francisco de Assis. Muita energia e emoção circularam no ambiente. Terminada a prece, a entidade apresentava-se um pouco melhor. Pedi para que se mantivesse calma, perguntando-lhe se sabia que o seu corpo havia morrido. Isto causou-lhe forte surpresa. Mandei que observasse o corpo que estava usando para conversar comigo, ao que admirou-se, pois era homem e estava usando um corpo de mulher. Expliquei-lhe que a Misericórdia Divina havia permitido que ele usasse aquele aparelho mediúnicos para conversar comigo e entender a sua situação.

Contou-me, então, que havia ficado muito tempo ao lado de um homem e bebia com

ele. Porém, o mesmo morreu e assim passou a vagar sem destino certo, até que encontrou outro (encarnado) que fazia uso de bebida, acompanhando-o, pois ele satisfazia suas necessidades. Falei-lhe que isto estava prejudicando a ambos e que a partir daquele momento a sua vida iria mudar, pois seria encaminhado a um hospital para ser tratado. O irmão retrucou enérgico: “- Hospital não! Toda vez que vou para o hospital, sou amarrado na cama!” Fiz ver a ele que isto não aconteceria, pois o hospital para onde iria, tratava a todos com humanidade e carinho, já que reconheceriam nele um filho de Deus. Acrescentei que, posteriormente, seria enviado a uma escola para o seu aprendizado, ao que o irmão questionou: “- Para a escola outra vez? É preciso? O homem que eu acompanhava estudava muito!” Mostrei-lhe que nós começamos a estudar quando crianças, na alfabetização, e seguíamos até a faculdade. Depois de formados, continuei, permanecemos estudando e, mesmo após a morte do corpo, o estudo é necessário para o nosso entendimento espiritual. Então ele disse, que um homem que estava a seu lado, afirmou que o levaria para que se fizesse justiça. Assim, questionou-me: “- Ele vai me prender? Eu não quero ficar preso!” Disse-lhe que não seria preso e que a justiça comentada não se referia a isto. Frisei que ele havia recebido um corpo, por dádiva Divina, para que cumprisse uma missão na Terra, onde desenvolveria o seu aprendizado. No entanto, com o uso da bebida, havia destruído este corpo. Por esta razão, precisava estudar e valorizar um novo corpo, que receberia para corrigir os erros cometidos. Após alguma relutância concordou, pois uma luz muito forte, segundo ele, que vinha das minhas costas, estava ajudando-o a compreender. Aproveitei a oportunidade e disse a ele que sempre que tivesse dúvidas, fizesse uma oração. Contudo, ele afirmou não saber mais orar. Ponderei que simples palavras, vindas do coração, funcionam como uma oração.

Antes de sair, recomendei-lhe que acompanhasse uma oração em grupo e recitada por mim. Juntei-lhe as mãos em prece e rezamos a Ave Maria. Quando terminou, ele estava extremamente calmo, partindo em seguida.

9 – RELIGIÃO

No estudo de determinada tarde de reunião, antes dos trabalhos mediúnicos, o tema nos levou a discutir assuntos relacionados à Igreja e aos seus padres, inclusive nos desvios provocados no período da Inquisição. A Sara então falou de sua constante reserva e desconfiança com relação a esses sacerdotes, e ainda de certa distância que preferia manter dos mesmos, embora, a todo momento, um livro espírita relacionado à Igreja Católica, parasse em suas mãos. Mencionei que, provavelmente, alguma mágoa muito forte do passado ainda lhe prendia a este triste período. Citei como exemplo, o caso de uma pessoa que porventura tivesse sido queimada em uma fogueira, que não esqueceria facilmente este fato marcante, o que muito emocionou a médium.

Terminado o estudo, após ligeiro intervalo, nos sentamos à mesa para iniciarmos o trabalho mediúnico e, imediatamente, a Sara sentiu a presença do seu guia espiritual, que lhe fez vivenciar a seguinte experiência:

“Na esteira de sua existência, vens alternando sucessivas vidas, em experiências religiosas. Desde os templos do Egito, sempre estiveste ligada a Deus. Porém, um Deus vingador, diferente Daquele que hoje habita vosso coração. Infelizmente, em tempos distantes, usaste erroneamente os dons que Deus lhe deu! Vamos ao passado para que revejas”.

Sentiu-se então atraída para trás, e como numa vertigem terrível, pensou que iria perder os sentidos. Começou a sentir uma pressão e um leve arrepio, pelo lado esquerdo da cabeça, vendo-se num templo egípcio como sacerdotisa, realizando sacrifícios e determinando o destino de alguns. A seguir, defendia a religião de Moisés com todo fervor, e os sentimentos de ódio e vingança, habitavam no seu coração. Esteve entre os primeiros cristãos em uma arena, mas ainda não conhecia Deus em Sua Essência. Mais além, viu-se entre os muçulmanos, e então chamava Deus de *Allah (Allahus Akbar - Deus é Grande, Salan Aleikun - Deus lhe proteja, Aleikun Essalân - Deus esteja contigo)*, sentindo prazer de estar entre eles. Mais à frente, encontrava-se na Europa, ora protestante, ora de família judia, ora católica, e para sua tristeza, esteve presente na “Noite de São Bartolomeu”. Percebeu que fazia parte de um grande grupo que se revezava a todo momento. A seguir viu-se vivendo a época negra da Inquisição. Lá estava a enorme fogueira onde era queimada, mas sentiu que também havia mandado alguns para lá... Sempre em nome de Deus! Sempre usando deslealmente o nome de Deus... Cansou com tantas visões seguidas, tristes, e pediu para voltar; não aguentava mais, sua cabeça doía muito!

Então seu guia lhe disse mentalmente:

“Desconheces por acaso a Lei de Causa e Efeito? É algo novo para ti? Tudo que passaste, foi o retorno de teus atos insanos, quando ainda desconhecias a verdade espiritual. De que outra forma esperavas resgatá-los? Vou lhe passar um dever! De agora em diante, não debes mais falar em perdão! Deves praticá-lo a todo momento, em todo lugar; mas em todo lugar mesmo! É muito fácil falar em perdão, difícil é praticá-lo. Ajas com perdão, penses com perdão, e aí então sentirás o perdão de Deus! O perdão alivia a alma, o perdão acalma, o perdão trás a verdadeira paz! Diz a letra: “É perdoando que se é perdoado...”; lembre-se, a vítima de hoje, foi algoz ontem! Porque preferes carregar esse peso, se o perdão é tão leve...? Fique em paz!”

Completando essa experiência, ao final do trabalho, uma psicografia recebida pela médium Janet, que exaltava a importância do perdão, direcionada a uma filha querida, tocou de maneira especial o coração de todos nós, mas especialmente da Sara, que passou a andar com ela para todos os lados, na tentativa de um dia, afinal, conseguir colocar em prática a teoria!

Encerrou a noite afirmando: “Que Deus tenha misericórdia dessa Sua filha rebelde, e os amigos espirituais uma infinita paciência para comigo!”

Num outro dia, iniciamos a reunião mediúnica sob forte pressão, pois o ambiente estava repleto de espíritos desarmônicos, ligados à Igreja Católica.

Após a leitura da lição do dia, dei início à explicação do texto como sempre faço, sob a forma de uma prece que envolvia todos aqueles que no passado exerceram a função de condutores religiosos, profissionais liberais e políticos, ou seja, pessoas que tinham debaixo de seu poder outros irmãos que foram encaminhados de forma equivocada, fazendo-os sofrer, perderem seus bens e sua liberdade. Não tinha ainda acabado de orar desta forma e já “alguém” queria se manifestar através da Sara. Ela conseguiu “segurar” a manifestação até o término das explicações, mas logo em seguida incorporou uma entidade orgulhosa e que questionava a minha posição que, segundo ele, era de destaque na mesa. Procurei dar-lhe as boas vindas, mas ele não permitiu que eu colocasse as mãos nele, pois eu deveria respeitar sua autoridade. Não entendia como havia sido permitida aquela situação constrangedora dele estar, como um juiz, com pessoas não habilitadas ao seu lado. Disse-lhe, então, que ali não havia autoridades nem ninguém era superior ao seu semelhante, pois todos éramos filhos de Deus e, automaticamente, irmãos. Ficou mais furioso ainda, já que era um alto representante da Igreja, designado para julgar os “infiéis”. Afirmei-lhe que somente Deus tinha o direito de julgar-nos. Redargui, dizendo que eu não era ninguém para contestá-lo e que somente ele tinha o martelo nas mãos para dar o veredito sobre quem era culpado e quem era inocente, pois representava Deus naquele tribunal. Pedi que todos firmassem seus pensamentos e iniciei a ministrar-lhe passes dispersivos, com o objetivo de afastar as correntes deletérias que o apoiavam

naquele momento e assim pudesse ficar mais acessível. Reclamou que eu estava faltando com o respeito que ele merecia e que usava da magia para enfraquecê-lo. Disse-lhe que estava apenas ajudando-o e que ele como representante de Deus, como dizia, sabia perfeitamente que não tinha o direito de julgar os seus semelhantes, pois Jesus, na cruz, pediu ao Pai que nos perdoasse, pois não sabíamos o que fazíamos. Ensinou-nos a amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como queríamos que nos amassem e ainda colou a orelha do soldado que Pedro havia cortado com sua espada, advertindo o discípulo que quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Muita energia de amor percorreu todo o ambiente e o irmão foi cedendo às palavras evangélicas, que o faziam sentir-se arrependido pelas atitudes assumidas na posição que ocupara. Depois de chorar amargamente, foi encaminhado.

Ao final da reunião, aconselhei a todos que evitassem pensar ou falar sobre o assunto, pois essas correntes geralmente são muito poderosas e poderiam interferir na vida pessoal de cada um.

Entretanto a Sara não conseguiu deixar de fazer algumas reflexões sobre a reunião. Ficou meditando sobre a nossa forte ligação com a Igreja, o período da Inquisição, os relacionamentos e o tempo passado. Como podem os espíritos ficarem "presos" a um determinado tempo e não prosseguirem em sua evolução através desse tempo que corre, ou como pode o tempo não passar para eles, ou ainda, como ninguém intervém numa situação desse tipo, permitindo que eles continuem nessa ilusão?

Abstraída nessas conjecturas, começou a escutar, mentalmente, algumas explicações importantes: “O que é o tempo senão uma expressão criada pela mente dos homens para definir ou determinar momentos e acontecimentos da vida em geral ou particular. Sendo criado pela mente dos homens/espíritos e não por Deus, de fato, o tempo não existe! Sendo assim, os espíritos apegados excessivamente à matéria e aos seus desejos mais íntimos, após a morte física, continuam a vibrar com esses mesmos pensamentos e "paralisam" a sua vida, agora espiritual, nesse mesmo "tempo" onde usufruíram das melhores sensações e poder. É uma ilusão, uma “alienação consciente”, onde vivem em suas comunidades astrais, como se nada ou ninguém tivesse alterado suas vidas. Na verdade, a intenção subentendida é confrontar as Leis Divinas, na inconformidade com a perda ou com a morte inevitável! Enlouquecem nessa ilusão por longo "tempo", segundo a contagem de vocês, mas para eles, esse mesmo "tempo" é o mesmo de quando estavam na matéria usufruindo de todos os seus desejos mais íntimos. Quanto a sua questão, de o porquê ninguém intervém, é simples... Você está pensando na forma como você agiria, e não conforme Deus agiria! Deus não despertaria um filho querido à força! Se Ele espera por você pacientemente, porque teria pressa com

um de seus irmãos de ilusão? Torno a afirmar: o Pai não tem pressa, já que o "tempo" não existe, ou se preferir melhor defini-lo, chamaria eternidade! Pense o seguinte: essas questões para você, que conhece pelo estudo a teoria, e tenta vivenciar na prática, são de fácil compreensão, pois acredita na continuidade da vida espiritual, mas para espíritos onde essa "possibilidade" de vida é impensável, como isso se processaria? Chegando ao outro lado com imensa bagagem de orgulho, e encarando o quanto estavam iludidos, só lhes resta a revolta contra tudo, e dessa forma continuam "vivendo" a única realidade que acreditam existir. Fique em paz!"

Mais uma vez fica patente, que só permanecemos na ignorância porque queremos, já que não nos falta o auxílio quando precisamos, porém é necessário que estejamos “atenados”.

10 – PASSE A DISTÂNCIA

Uma das últimas tarefas em nossas reuniões é ministrar passe à distância. Temos em nosso grupo uma médium muito equilibrada e que se mantinha nas sessões em concentração profunda. Por ter idade avançada e estar bastante doente, fomos orientados a dispensá-la dos trabalhos, para que não tivesse nenhum contratempo no contato com as energias pesadas, que são normalmente manipuladas. Assim, fiz um compromisso com ela de levar-lhe sempre flores da reunião, bem como água magnetizada, na sua residência, após cada sessão.

Numa certa reunião, quando ministrávamos o passe à distância em favor dessa médium (sempre solicitamos ao seu guia da Linha de Ogum, para que seja o portador dessa energia), a Rosa Vilhenna teve uma visão mental que mostrava uma entidade feminina, com uma roupa branca bem larga e esvoaçante, carregando no colo uma mulher aparentemente dormindo ou desmaiada, caminhando pelo mar por cima das águas. Por trás dela, como que escoltando, havia um homem vestido como um soldado romano, também andando sobre as águas. E todos foram entrando pelo mar até sumirem.

O interessante nessa experiência é que, quando fui à casa da médium após a sessão, para levar-lhe a água magnetizada e as flores, encontrei-a dormindo. No dia seguinte ligou para mim, dizendo que se enganara com o dia da reunião e fora dormir às 17 horas.

Sempre que se executa o passe a distância, algumas pessoas ficam na dúvida se realmente o objetivo foi alcançado, pois se acostumaram com a atividade do passe “ao vivo”, isto é, com o guia espiritual ministrando esse benefício diretamente ao consulente. Com a experiência relatada, percebe-se que a Espiritualidade tem recursos além do que a maioria das pessoas compreende. Neste caso, é possível inferir que a médium beneficiada pelo passe à distância, foi levada em corpo astral para receber energias restauradoras.

11 – O BORDEL

O presente drama teve início na primeira reunião de maio de 2011. Estávamos estudando o livro de Alírio Cerqueira Filho (“Jesus e Kardec, modelos para os trabalhadores do movimento espírita”), capítulo “Sede Perfeitos”, quando a Samantha, para exemplificar a influência de espíritos ligados a nós pelo passado, descreveu experiências fora do corpo que tinha com certa frequência. Narrou que entidades buscavam-na com o objetivo de assediá-la sexualmente. Como sempre rejeitava este assédio, muitas vezes disfarçavam-se na aparência de seu marido, mas ela constantemente desconfiava por causa das atitudes, que não correspondiam ao do cônjuge.

O assunto motivou uma discussão construtiva, esclarecendo a importância que temos de buscar o nosso autoconhecimento, reconhecermos as nossas falhas e trabalharmos a correção das mesmas por uma conduta consciente de modificação interna, construindo gradativamente o verdadeiro amor em nosso coração.

Entretanto, o assunto veio à baila porque a Espiritualidade, sem o nosso conhecimento, queria uma abertura em nossas mentes para poder ajudar um grupo de espíritos, envolvidos de forma desequilibrada com as energias sexuais.

A Sara logo começou a sentir a presença de espíritos com energias desarmônicas, ligadas aos chakras inferiores.

Iniciada a reunião mediúnica, a Mariana percebeu a presença da entidade de trabalho Rosa Vermelha, indicando que haveria atividade no campo citado acima.

Feita a leitura e a explicação da mensagem do dia, a Sara distinguiu, em sua tela mental, uma mulher com uma postura meio arrogante e desafiadora, dando muitas gargalhadas, querendo se manifestar. No entanto, como a médium sentiu que era para tumultuar o ambiente, não permitiu a sua manifestação, entregando-a, mentalmente, aos trabalhadores espirituais da Casa.

As energias continuavam influenciando a mente dos presentes. Então, a Samantha resolveu contar uma experiência extrafísica que havia tido quinze dias antes: “Na época da reunião passada, “sonhei” que estava em um bordel com o meu esposo. Ele me aguardava na sala enquanto fui falar com uma das “meninas”. Não senti estranheza do local nem das pessoas, exceto pela “chefe” de lá que, ao passar por ela, fez um louvor ao “maligno”. Tentei mostrar indiferença e passei sem nem olhar para ela. Sentia que ela estava irritada e não gostava de nossa presença. Ao sairmos, nos despedimos da dona da casa que, com um ar malicioso, quis me oferecer algo. Fiz-me de desentendida para não ser mal educada e saí sem levá-lo, pois percebi que queria vincular-me ao

tal objeto, e pensei... nada de vínculos!”

Neste momento, esclareci que os trabalhos estavam beneficiando aqueles espíritos do bordel astral, e que as “meninas” haviam recebido positivamente o amparo e o encaminhamento, entretanto a “dona” do mesmo não aceitou, naquele instante, a ajuda.

Após os trabalhos terminarem, sempre é feita uma avaliação dos acontecimentos e os médiuns têm a oportunidade de falar sobre suas experiências particulares. Então, o Márcio descreveu uma visualização que teve: “Dois braços foram vistos soltos no espaço, que se movimentavam, e com as mãos retiravam do ambiente várias cobras, uma a uma.”

A Sara associou esta imagem das cobras com sedução, considerando o depoimento feito pela Samantha. Concordei e expliquei que ao ler o livro “Eu sem Defesas”, de Susan Thesenga, havia encontrado um depoimento de um cliente da autora, que falava de um sonho com cobras que tivera, e que ele recebeu a seguinte explicação do sonho: “A cobra é uma imagem arquetípica da kundalini, ou energia essencial da Força Vital, que sobe pela coluna dorsal, como uma cobra. A cobra, que também simboliza a energia sexual, foi demonizada na religião ocidental”.

Nessa mesma noite a Sara “sonhou” que estava numa espécie de terreno baldio, com muitos homens e mulheres. Embora não os conhecesse, eles não lhe eram estranhos. Falava com todos e os cumprimentava normalmente, enquanto andava entre eles observando-os. Num determinado momento começaram a se beijar, só que eram homens com homens e mulheres com mulheres... Formavam “casais” do mesmo sexo e se relacionavam na maior naturalidade. Lembrou-se de não ficar surpresa, por não ser preconceituosa. Estava ali como expectadora e concluiu que talvez estivesse coletando dados e experiências para a próxima reunião.

Na noite seguinte, a Samantha teve novos “sonhos”, acordando sufocada e apresentando dificuldades para tornar a dormir. No primeiro, estava em seu quarto e acabara de despertar quando entraram dois “homens” chamando-a de Amanda (nome de sua genitora). Com estranheza pela falta de privacidade e o modo com que entraram, pois ainda estava de camisola, disse a eles que Amanda era a sua mãe e foi conduzindo-os até a porta. Um era louro e o outro moreno claro, e quando viram seu desconforto, fizeram trejeitos de homossexuais. Pensou então: “pelo menos não são homens!” Parecendo ler seus pensamentos, deram risadas e o louro agarrou-a, tentando abusar dela. Quanto mais se debatia e lutava com ele, mais os dois riam. Parecia que só queriam aborrecê-la, pois não se lembrou de terem conseguido nada. Então mudou a cena e viu o esposo defumando a casa, com o rosto bem sério e, estranhamente, os dois homens acompanhavam-no e já não tinham mais o jeito zombeteiro de antes. Estavam cabisbaixos e ela os observava.

Tudo indicava que, em função dos trabalhos que estavam sendo programados no Centro, ela seria uma das principais beneficiadas. A Espiritualidade a estava preparando e verificaria se tinha equilíbrio suficiente para participar dos mesmos.

Devido a esses “sonhos” (experiências extracorpóreas), recomendei que especialmente elas (Sara e Samantha) se preparassem bem, pois tudo levava a crer que a próxima reunião continuaria sendo de amparo aos irmãos com desarmonias sexuais.

Na trama desenvolvida pela falange de espíritos neste desequilíbrio, com o objetivo de não serem incomodados, não faltou oportunidade de pressionarem a mim mesmo. Nas vésperas da sessão, “sonhei” com uma forma ovóide que envolvia fortemente a minha região do chakra básico, com objetivos desarmônicos.

Nas horas que antecederam a nova reunião, a Sara começou a ouvir risadas debochadas e a perceber alguém lhe acompanhando, sensação essa muito evidente, como se fosse quase incorporar em locais inadequados.

Chegado o momento da nova reunião, ainda durante os estudos, a Sara novamente percebeu a aproximação da entidade que lhe havia incomodado por todo o período anterior àquele encontro, porém, bem mais forte, como declarou posteriormente. Conseguiu travar o processo, sentindo a experiência como um ótimo exercício!

Na mesa a Sara percebeu, logo depois da leitura do texto inicial sobre a maternidade, um planejamento de ideias da entidade em como seria a melhor maneira de abordar a conversa comigo, de modo que pudesse dissimular as reais intenções de estar ali. O espírito já havia visitado a reunião anteriormente, e queria apenas recuperar seus "funcionários" que, segundo dizia, eram muito bem tratados. Eles seriam seus “protegidos”, e já que alguém em algum tempo os havia abandonado, ela seria responsável por eles como uma “mãe”. Logo após as explicações a respeito da lição escolhida, conclamei recursos de energias que neutralizassem a influência negativa que se encontrava presente, solicitando dos médiuns o máximo de empenho e equilíbrio.

Em seguida, manifestou-se na Sara uma entidade feminina, com trejeitos sensuais sutis, tentando convencer-me, inclusive com tática de sedução, a ter conversa reservada com ela em local afastado do recinto de reuniões. Expliquei que todos estavam ali com o mesmo objetivo de libertação espiritual. Vendo que não conseguia seu intento, começou a reclamar que o grupo estava retirando dela seus protegidos, aos quais havia ajudado muito. Afirmou ser muito boa mãe e que havia recolhido da rua várias crianças abandonadas, tratado-as bem e dando-lhes oportunidade de trabalho em seu negócio.

Neste instante, a Rosa Vilhenna sentiu aproximar-se dela um espírito masculino que estava muito revoltado. Percebia nele muito ódio. Ele queria de toda forma gritar que, na verdade, ela recolhia as crianças para usá-las depois, escravizando-as. A médium entendeu que ele se referia à exploração sexual, como se ela os obrigasse a se prostituírem. Notou que, com certeza, ele era um homem, não uma mulher, e também que não era uma criança, pois tinha uma forma de rapaz. Resolveu que não podia deixá-lo se manifestar, pois iria provocar uma discussão com a mulher, dificultando mais o processo de esclarecimento. Teve muita dificuldade para evitar sua comunicação e solicitou aos guias espirituais que viessem ajudá-lo, sem a necessidade de incorporação. Passada a fase inicial, percebeu que ele foi se acalmando, tendo em vista o auxílio que estava recebendo no Astral, especialmente da Corrente de Iansã. Aos poucos, ele foi reduzindo a pressão para comunicar-se, até que seguiu o seu caminho.

Verificando que a entidade com quem eu conversava não era permeável as minhas palavras, iniciei uma sessão de passes dispersantes, sob intensa discordância da mesma. Foi-lhe dito que se tratava de uma ajuda que ela estava recebendo, para poder desfazer-se de influências energéticas que lhe impediam de raciocinar livremente. Desde o início, enquanto eram entoados cânticos à Iansã, suas energias de resistência já estavam diminuindo, e, dessa forma, foi possível prosseguir. Terminada a limpeza energética da entidade, e feita uma prece fervorosa solicitando as bênçãos de Maria, através da Corrente de Oxum, ela começou a chorar convulsivamente, mas ainda tentou justificar-se, já que fornecia casa, alimentação e vestimenta para aquelas “crianças” que foram abandonadas, dizendo ainda que se não as tivesse amparado, provavelmente morreriam ou se marginalizariam. Disse-lhe então que a verdadeira caridade não exige nada em troca e que a exploração sexual daqueles espíritos em aprendizagem havia sido uma grande falha na sua atitude, mas que, como filha de Deus, outra oportunidade lhe seria concedida e que ela seguisse os amigos espirituais que ali se encontravam no seu amparo.

Depois desse diálogo, a Sara sentiu a energia de Iansã novamente, recuperando-a para que pudesse continuar aquele trabalho.

Logo a seguir, a Rosa Vilhenna deu passividade a uma entidade feminina que apresentava uma tristeza e uma angústia muito grandes, quase um desespero. Chorava muito e disse procurar um filho que não conseguia encontrar. Embora soubesse que ele havia feito muita coisa errada, mesmo assim ainda era seu filho (a médium teve a sensação de que ela se referia a uma das “crianças” citadas no caso anterior).

A Sara começou a conversar com ela, tentando acalmá-la e dizendo que o amigo espiritual que a levava até ali, iria também ajudá-la a reencontrar o filho, mas que ela, para isto,

deveria se equilibrar primeiro. Então a entidade disse que tinha ido parar ali não porque alguém a tinha conduzido (pelo menos com o seu conhecimento), mas sim porque ela estava seguindo um grupo de outras pessoas que também estavam muito tristes. Naquele momento a Rosa Vilhenna interpretou que eram outras mães na mesma situação, pois foi como se tivesse vendo dentro de sua mente a lembrança que a entidade estava tendo da cena: um lugar escuro com muitas mulheres mal vestidas caminhando, onde algumas estavam chorando, e outras com semblante muito triste. Depois da conversação que teve com a Sara, a entidade foi se acalmando, agradeceu e partiu.

Foi interessante perceber o desdobramento de uma situação em tantas ramificações. Uma atitude errada ou impensada de alguém pode gerar tantas consequências desastrosas para muitos... Ainda bem que Deus e a Espiritualidade não perdem uma oportunidade de trabalho, para consertar os estragos que fazemos em nossa ignorância!

Dias depois, a Sara foi a uma consulta com o seu ginecologista, que também é espiritualista, pois estava sentindo algumas reações alérgicas muito estranhas há algum tempo, tendo resolvido fazer uma checagem. No ônibus, como não conseguia ler, foi meditando e escutou internamente: "Fale com ele a respeito dos trabalhos e o gênero de sofredores que estão sendo ajudados". Lembrou-se que após o atendimento ao grupo de sofredores que foi citado acima, começou a sentir coceiras e irritações em áreas íntimas, o que nunca havia sentido antes. Lembrou-se que esses sintomas tiveram início antes do depoimento da Samantha e, por isso, talvez não tenha associado uma coisa à outra. Começou, então, a fazer sentido que talvez estivesse absorvendo algo desses espíritos e que provavelmente não estivesse transmutando a coisa corretamente. Ficou pensando nessa possibilidade enquanto viajava no ônibus. Realmente poderia estar ocorrendo isso, pois mesmo depois da reunião, várias vezes pensava e se penalizava com a situação dos desencarnados em atendimento. Lembrou-se também que não estava fazendo mais o autopasse, que não estava colaborando com o processo de maneira integral. Enfim chegou à consulta com o médico, e estava meio sem graça de abordar o assunto relativo ao Centro. Enquanto a médium explicava o que estava acontecendo, ele apoiou a caneta na mesa, olhou para ela e disse: "É só isso? Você não tem mais nada para me falar?" Foi a "deixa" que ela queria, e falou tudo o que explicou anteriormente, inclusive que achava estar retendo miasmas ou formas-pensamento do trabalho mediúnico. Ele então ficou olhando-a de uma maneira diferente... Parecia que vasculhava a sua mente, e disse: "Se fosse outra pessoa eu não teria essa conversa, mas sendo você vamos lá!" Conversaram então por um bom tempo, sobre a necessidade da limpeza áurica. Elogiou a sua lucidez na explicação do assunto e a boa intuição em perceber essa possibilidade de estar, de fato, ocorrendo com ela essa ligação. Receitou uns remédios para o físico e recomendou que fizesse, sem

interrupção, a técnica do autopasse além de tomar um banho de rosa branca e alecrim (fora da receita dele, é claro!). No ônibus de volta, ficou pensando como seria bom se os médicos tivessem uma visão ampla de tratamento!

Toda essa intrincada história nos mostra como a atividade mediúnica não se restringe somente ao trabalho na casa espírita, mas estamos sempre envolvidos, na vigília do dia a dia ou no repouso noturno, com o Mundo Espiritual. Ora somos estimulados a sermos instrumentos da Misericórdia Divina da forma mais adequada, e ora somos envolvidos por aqueles que não querem que levemos a cabo o compromisso assumido com a Espiritualidade.

Neste ponto, chegamos à conclusão de que o caso havia sido encerrado, e todos os espíritos envolvidos, encarnados e desencarnados, já tinham sido auxiliados.

Entretanto, começaram novas pressões sobre mim, a Samantha e a Mariana.

Chegada a reunião seguinte, após todos os citados acima terem discutido os últimos acontecimentos, iniciei os trabalhos solicitando à Corrente de Omolu que ajudasse aqueles irmãos que insistiam em desestabilizar o grupo mediúnico, por não concordarem com a desativação do bordel astral. Após a movimentação dessas energias, percebida por todos, o ambiente ficou mais leve e concluímos ter, agora, alcançado os chefes maiores.

Qual não foi a nossa surpresa quando a Sara contou um “sonho” que havia tido anteriormente (semanas atrás), onde ela observava uma cena, como se estivesse a flutuar acima do acontecimento, como espectadora. Estava num quarto, onde duas mulheres mantinham um homem amarrado à cama. Ele parecia ser mantido drogado por elas, pois em determinado momento via uma delas espetando uma seringa, e logo ele ficava delirando e meio ausente do que se passava com ele. Em outro momento, elas batiam nele com um pedaço de pau, mesmo ele estando amarrado. Logo depois, em outra cena, ele já estava solto usando uma coleira, parecendo muito abatido, magro e machucado, mas mesmo assim fazia serviços de limpeza dentro da casa. Quando acordou depois do “sonho”, ouviu um ponto cantado de certo guardião (um Exu) em sua mente, que continuou por todo o dia. Em seguida, vivenciou alguns contratemplos no trabalho com seu filho e a sócia de ambos, onde ficou no meio do “quase” incêndio, já estando pronta com um “balde d'água” na mão. Então, passou a sentir certo desconforto físico e mental.

No sábado à noite, Sara estava bastante irritada e quase “sobrou” para o coitado do seu marido. No domingo de manhã procurou ficar distante de tudo, para não dar nenhuma brecha às influências negativas. A sorte é que comentou com o Márcio sobre o seu estado instável e desgastado por conta dos outros. Disse a ele que não conseguia dormir direito e nem meditar, então

ele sugeriu que ela fosse sua “cobaia” num treinamento sobre o que aprendeu nas aulas de "Cura Prânica". Em seguida ele ligou para mim, pedindo autorização para realizar o tratamento. Embora não conhecendo o procedimento, mas tendo confiança no caráter do médium, concordei. No carro, indo para o Centro, a Sara não se sentia confortável pois ainda tinha certa irritação, vindo a sua mente o “sonho” que tivera com as duas mulheres torturando o homem e ouvindo ainda o ponto de Exu. Havia uma energia sexual muito grande naquele ambiente onde ela estivera no “sonho”; elas o escravizavam em todos os sentidos. Já no Centro, durante o tratamento feito pelo Márcio, ficou deitada de olhos fechados enquanto ele fazia todo o procedimento. Observou na tela mental luzes violeta e azul o tempo todo, e sentiu-se muito bem até o ponto em que ele chegou à altura da sua cabeça (ele disse isso depois), onde havia uma “energia agregada” que estava, ao ver da Sara, satisfeita de ficar ali. A médium sentiu isso mesmo fisicamente, pois seu braço e perna direita mexiam-se involuntariamente (como se fosse um espasmo). Percebeu o esforço do Márcio em retirar essa “energia”, e depois que isso foi feito, sentiu agradável alívio. A seguir, percebeu que o ambiente clareava-se, e apesar do Márcio dizer depois que estava sentindo muito calor e que transpirava abundantemente, ela sentia uma brisa maravilhosa a sua volta. Viu então que o Mentor se aproximava! Ele passou a ela uma instrução apenas: dizer tanto para um como para o outro envolvidos no problema do trabalho, que resolvessem a questão. Que ela não absorvesse o problema deles, pois não conseguiria evitar que cada um deles sofresse, ou que tivessem dificuldades. Disse ainda que, como mãe, ela estava querendo evitar os problemas na vida do filho, mas que isso é com toda certeza inevitável, um desperdício de energia desnecessário, e que ela já conhecia bem isso. De qualquer forma, houve um trabalho em realização, atraindo energias negativas (formas-pensamento), que se alimentam da discórdia do ambiente de trabalho. Por isso, por quinze dias, seu chakra umbilical estaria sendo selado como forma de restabelecimento, e que caso algo acontecesse, seria por sua própria invigilância. Nesse momento, sentiu como se uma mão pesada estivesse sobre o seu umbigo. Depois do trabalho, conversaram e Márcio lhe disse que havia uma “energia pesada” na cabeça dela, que foi retirada e que ele recebeu uma orientação de selar o seu chakra umbilical por quinze dias, tendo achado melhor fazer uma verificação na próxima reunião. Ela disse ao Márcio que sentiu a mão pesada dele sobre sua barriga, mas ele falou que não tocou nela em momento nenhum!

Neste dia recebi intuição para substituir a prática de relaxamento, em virtude das energias densas que pairavam no ambiente, por uma palestra. Na mesma, expliquei a importância da respiração, das características de cada chakra e seu funcionamento e o comportamento de cada médium durante o relaxamento, para poder entender e participar corretamente das orientações do

Mentor durante o processo.

Terminada esta fase dos trabalhos, após ligeiro descanso, nos dirigimos para a mesa, onde foi lido pela Sara o texto 258, do livro “Minutos de Sabedoria”, de C. Torres Pastorino: “Seja na terra a pequenina chama que ilumina as trevas em que jazem milhares de criaturas. Seja a água benéfica que dessedenta todos aqueles que atravessam o deserto da existência, sequiosos de carinho e amor. Seja o alimento dos que nos procuram, famintos de compreensão e de incentivo. Procure servir e amar, para ter a alegria de haver passado na terra distribuindo benefícios a todas as criaturas.” A médium encontrava-se muito bem com o tratamento que recebera. Após essa leitura, ouviu em tom zombeteiro e irritado: "Seja você a mão que faz a justiça, já que a justiça não chega; seja você a lei, já que a lei não se cumpre..."; e assim por diante, percebendo, pelo enjoo que agora sentia, que algo já estava ocorrendo. No entanto, para sua surpresa, logo depois estava novamente envolvida por um ambiente agradável, com uma presença feminina, que identificou como sendo de uma Vovó de Umbanda, confirmado pelo ponto cantado em sua mente, deixando então a energia fluir...

Neste momento, incorporou na Rosa Vilhenna um irmão extremamente revoltado, tentando puxar a toalha da mesa e se revirando na cadeira, reclamando que queria “suas meninas de volta”, pois era poderoso e não admitia aquela situação.

A médium sentiu que era um irmão muito desequilibrado, pois estava julgando-se roubado. Além disso, Rosa Vilhenna captou da entidade comunicante que o ambiente recordado pelo irmão era de penumbra, com mesas, cadeiras e um palco contendo aqueles canos verticais onde as moças fazem shows eróticos. Era bem semelhante a boates que encontramos aqui no plano material. Só que o local estava deserto, não tinha absolutamente ninguém, nem as meninas, nem funcionários e nem clientes. Ele se desesperava olhando tudo vazio e repetia que tinha sido roubado. Voltando-se para a Sara, falou diretamente a ela chamando-a de ladra e acusando-a de ter-lhe roubado suas meninas.

Levantei-me e tentei conversar com ele, mas não aceitou conversar comigo, dizendo apenas que tinha muito poder e que nós não sabíamos com quem estávamos lidando. Falei-lhe, energicamente, que se comportasse com o mesmo respeito que estava recebendo e não prejudicasse a médium. Respondeu-me que não estava sendo respeitado, pois se encontrava preso e não lhe era permitido usar seu livre arbítrio. Disse-lhe que, como filho de Deus, estava ali pela misericórdia Divina e nós éramos Seus instrumentos para levar-lhe a paz e a liberdade espiritual. Retrucou, dizendo que não era filho coisa nenhuma e que se sentia perfeitamente livre, logo não precisava de nós. Coloquei a mão sobre o chakra frontal da médium e disse que ele prestasse atenção para

verificar que não era livre de forma alguma, e que aquele que se dizia seu amigo, na verdade se aproveitava de sua capacidade de ação, para sugar-lhe as energias sem que percebesse. Que prestasse atenção no cordão escuro que o ligava ao “maioral”, pelo qual lhe eram sugadas as energias. Ele se debateu não querendo acreditar, afirmando que, eu sim, estava usando de magia para enganá-lo. Ao perceber que a permanência da entidade junto à médium, com aquela disposição, iria prejudicá-la, coloquei uma das mãos no chakra cardíaco e a outra no plexo solar, rogando mentalmente o amparo dos bons espíritos. Então, disse que a partir daquele momento ele sentiria a presença da energia Divina dentro de si, pois, por ele ser um filho de Deus, parte de Sua Essência habitava em seu interior. Forte energia começou a fluir ao irmão e ele passou a se contorcer e a reclamar que nós estávamos lhe enfraquecendo. Também comentou como poderia ser aquilo possível, tendo em vista ser ele tão poderoso. Além disso, acrescentou que não tinha ido ao Centro brigar, pois só queria “suas meninas” de volta. Percebera, neste momento, que não tinha mais como lutar. Expliquei-lhe que aquilo que ele estava perdendo, na verdade não era seu. Mas sim, se tratava de ilusão concentrada, que nada tinha a ver com o amor que residia profundamente em seu coração. À medida que o irmão foi perdendo as forças, direcionei uma prece para que também o “maioral” fosse atingido por aquela energia, de forma que, assim que o cordão se rompesse, voltasse para sua origem como um elástico quando se arrebenta. Logo em seguida, o irmão caiu desfalecido sobre a mesa. Segurei a cabeça da médium, levantei-a e energizei-a para que fosse restabelecida a consciência da entidade. Neste momento a Sara, sob a influência da Vovó que percebera no início, abraçou aquele irmão desgastado com muito carinho e amor, acariciando sua cabeça, enquanto ele chorava compulsivamente. Assim que deu sinal de entendimento, encaminhei-o, afirmando que não lhe havia sido eliminado o livre arbítrio, mas apenas proporcionado as condições de decidir o futuro de sua existência, sem a influência de dominadores. Assinalei também que seria enviado para um local onde descansaria, meditaria e seria amparado por verdadeiros amigos.

Todo o trabalho de amparo aos irmãos necessitados foi acompanhado com vários pontos cantados da Linha das Almas. Depois deste trabalho, alguns pontos de Ogum foram entoados e a Sara percebeu que o ambiente estava sendo tratado dentro e fora do Centro, pois chovia muito! Ao final desta etapa, Sara começou a escutar um ponto das Crianças, e ela e Samantha receberam a influência de duas entidades que usavam forma infantil, contribuindo assim para que o ambiente se tornasse mais agradável, quebrando a tensão que ficara antes nos presentes.

O selamento do chakra umbilical deixou a Sara mais protegida contra as energias densas, permitindo assim maior contato com as boas vibrações dos espíritos amigos, até porque

depois do tratamento que tivera, não podia se expor, permitindo que tudo fosse perdido.

Foi uma experiência preciosa para todos nós. Foi possível percebermos como os mentores organizam e direcionam o trabalho em todos os níveis.

12 – LEGIÃO

Domingo, fevereiro de 2012, dia de reunião espiritual. Saí cedo para fazer compras na feira, deixei o carro no estacionamento e caminhei em direção à floricultura com o objetivo de comprar flores, para enfeitar a nossa mesa de reuniões. No caminho comecei a sentir uma pressão no peito e percebi que se tratava de ação espiritual. Rezei e pedi que fosse encaminhada alguma entidade responsável por aquele mal estar e transmutada a energia deletéria que a acompanhava. Imediatamente melhorei e, até o momento da ida ao Centro, nada mais senti.

Para Sara, a semana e o domingo pela manhã foram muito tranquilos. Chegou até a pegar um sol em casa, tamanho o bem estar! Entretanto, no carro indo para o Centro, senti certo desconforto no pescoço, vieram alguns pontos de boiadeiro e caboclo a sua mente, bocejou um pouco, ficou meio mole, mas chegando à Casa Espírita tudo passou.

Logo depois iniciei a preparação para a reunião do dia, defumando o ambiente e as pessoas e louvando os Orixás. Em seguida fiz a oração de abertura dos estudos e conduzimos, primeiramente, como sempre, uma corrente de amor e paz para o planeta Terra, utilizando, como multiplicador energético, um grande cristal de quartzo incolor. A cada prece, direcionamos através de um pequeno gerador, também de quartzo incolor, seguro entre os dedos polegar, indicador e médio, as energias recebidas dos planos superiores ao cristal maior.

Nesse ínterim, a Sara iniciou a segunda parte do tratamento de cura prânica com o Márcio. Assim que deitou na maca, começou a escutar um ponto de Oxalá e passou a cantá-lo em voz baixa. Em seguida, ocorreu um fenômeno de retrocognição. Surgiu uma imagem na sua mente, onde ela (sendo homem) estava deitada em uma cama enorme e posicionada sobre um piso mais elevado que o das pessoas que estavam no ambiente, havendo alguns degraus para alcançá-lo. “Ele” estava morto com os braços cruzados sobre o peito e as mãos segurando os símbolos reais dos Faraós (cetro conhecido como heqa e o chicote, na verdade um mangual de malhar grãos). Havia um sacerdote careca todo paramentado (que pôde perceber ser o Márcio), que estava andando em volta da cama com uma tigela grande incensando ao redor. Falava algumas palavras repetidamente (em sua língua), como uma oração ou mantra, e que ela entendeu algo como: “liberte essa alma”. Foi uma cena rápida e naquele instante ela não se deu conta da razão daquela imagem. Coincidência ou não, o Márcio naquele momento estava circulando a sua volta e incensando a maca onde estava deitada. Não poderia ter visto aquela cena, porque estava de olhos fechados e quase dormindo.

No salão, eu conduzia o relaxamento dos demais médiuns, introduzindo uma técnica de

aprofundamento em que nos libertamos do corpo, conscientemente, com o amparo do Mentor Espiritual. Terminado o relaxamento, foi dado um tempo para que todos se preparassem para a reunião “de mesa”.

Assim que a Sara sentou-se, estranhou a calma. Por que tudo estava ainda tão tranquilo, já que, normalmente, ela logo começa a perceber as energias dos irmãos que vão ser amparados? Entretanto, a Mariana captou energias pesadas que se achavam no ambiente, além da presença da entidade Rosa Vermelha, o que indicava que o trabalho não ia ser tão calmo como parecia. Após a oração e as leituras da mensagem e da lição do dia, enquanto eu fazia a preleção, a Sara fechou os olhos e sentiu estranha vontade de falar em público, para expor algumas ideias. Mas sentiu logo a seguir também enjoo, o que lhe despertou a atenção para entender que aquela situação não era compatível com uma presença positiva. Então percebeu, pela vidência, a entrada de muitos soldados fortemente armados no salão e começou a sentir forte tonteira, mais enjoo, dor nas mãos, seus pés pareciam estar virando para dentro, seu pescoço estalou e o coração ficou bastante acelerado.

Logo que terminei a explicação do texto lido, notei que a Sara estava se contorcendo sob a influência de energias desequilibradas. Essas energias eram tão desagradáveis, que, pela primeira vez, ela teve medo nessa hora, não pela falta de confiança na Espiritualidade, mas pelo que notou a sua volta. Em sua cabeça sentia como se tivessem aberto as portas do “inferno”, tamanho o mal estar e terror que estava passando. Lutava com todas as suas forças contra “aquilo” que se apresentava. “Alguém” tinha vontade de levantar, mas ela forçava para sentar, queria destruir tudo e a todos ao redor, pois se sentia desprezado e enganado. As médiuns Rosa Vilhenna e Samantha foram as primeiras a irem em seu socorro, seguidas pelo Márcio, buscando acalmar a “entidade”, passando-lhe vibrações positivas. Levantei-me e passei a pedir calma. Segurei a cabeça da médium com as mãos em suas têmporas, de forma a evitar o “controle” daquele ser sobre ela. Pedi que fossem cantados pontos de caboclos que trabalham com esse tipo de energia, para que fosse amenizada aquela situação, que percebi ser muito diferente daquelas que já estávamos acostumados. Não houve incorporação em nenhum dos médiuns por entidades auxiliadoras, o que me fez entender que aquele caso era especial e que deveríamos ter um comportamento mais firme e adequado. Não tive nem vontade de iniciar um esclarecimento, pois ali não cabia um tratamento convencional. Mentalizei a presença do caboclo Bugre, que não incorporou, trabalhando apenas no Astral. Suas energias somadas as dos demais guias presentes foram enfraquecendo a atitude violenta daquela “entidade”, que reclamava constantemente de nossa covardia em termos chamado um exército para combatê-lo, mas que seria em vão, porque também dispunha de um exército para protegê-lo. De

repente, a “entidade” foi retirada e a Sara ficou exausta e cheia de dores pelo corpo, especialmente nos pés. Incorporou em mim um caboclo de forte energia que passou a assisti-la, dissipando os “miasmas” e as sensações incômodas. O caboclo partiu e, após o reequilíbrio, ela incorporou um boiadeiro que terminou a sua limpeza, inclusive a dor nos pés, que pareciam estar quebrados. O amigo espiritual aplicou passes na médium, bateu fortemente os pés no chão, e quando partiu, ela ficou sem dores.

Rosa Vilhenna logo depois que o irmão que estava se comunicando através da Sara foi embora, começou a ouvir uma mulher gargalhando muito intensamente, insistindo em perguntar o que tinham feito com o "senhor" dela e para onde o levaram. Era algo muito insistente. Sentiu que ela queria se comunicar, mas para fazer tumulto. Ela sentia que não havia condições para um esclarecimento. Começou então a falar mentalmente com ela, afirmando que não iria ser usada como instrumento para fazer confusão e que a “moça” se acalmasse, percebendo os amigos ao seu lado, que queriam ajudá-la sinceramente. Mas nada adiantava! Continuava ouvindo as tais gargalhadas, os questionamentos e sentindo muita pressão.

Neste momento, percebendo que a Rosa Vilhenna apresentava expressão facial estranha, perguntei se estava tudo bem para poder encerrar aquela parte da sessão, e ela explicou o que estava acontecendo. Acreditando que, por tratar-se de uma entidade feminina, seria mais humano convocar uma cabocla para assisti-la, cantei um ponto da Cabocla Jurema, que envolvia a energia de Xangô. Contrariando as minhas expectativas, o que Rosa Vilhenna notou através da vidência foram quatro a seis homens muito altos e fortes. Eles não estavam vestidos como índios exatamente, mas usando somente calças. Eles entraram pela porta da frente do Centro, cruzaram parte do salão, ignoraram a mesa física (atravessaram a mesa), e pegaram a mulher que estava um pouco atrás e à direita da médium, arrastando-a para fora. Ela começou a se debater e gritar muito. Nesta hora, eles já tinham passado para a frente da mesa. Ela estava vestida com uma roupa muito bonita, no estilo dos trajes de pomba gira, mas com muito luxo. Então apareceu uma mulher, vestida com um camisolão claro, comprido até os pés, e jogou sobre a entidade que gritava algo como se fosse um pano, um lençol, mas era totalmente transparente. Quando aquele tecido pousou em cima da mulher, suas roupas ficaram feias, o vestido perdeu o rodado, ficou murcho, perdeu todo o brilho, ficando totalmente opaco e desbotado, com aspecto de muito velho, maltrapilho mesmo, algo meio esfarrapado. E ela parou instantaneamente de gritar, como se tivesse caído em sono profundo. A seguir, uma espécie de portal elíptico na vertical se abriu no lugar onde fica o portão da rua. Era como um túnel muito escuro que dava acesso a um caminho também escuro e esquisito, cercado de árvores. Os homens foram carregando a mulher, já na nova apresentação, em direção ao caminho escuro e, em seguida,

o portal se fechou e tudo voltou a ser como antes.

A Rosa Vilhenna disse que sentiu pena dela, pois percebeu que realmente ela não teve possibilidade de tratamento, mas, ao mesmo tempo, pensou que estava fora do seu alcance fazer mais do que tinha feito.

Na sequência cantei à Iansã, de modo que sua corrente vibratória limpasse todo o ambiente físico e espiritual da Casa. Embora, pelos costumes da Umbanda não se cante para os Orixás-Mãe durante o chamado período de quaresma, entendemos pela nossa experiência que os espíritos trabalham em qualquer época, desde que a sua presença se faça realmente necessária.

Preparávamo-nos para terminar, quando perguntei se estavam todos bem, e a Samantha se queixou de muita tristeza e um aperto no peito. Já havíamos cumprido todas as etapas para que não ficasse nenhuma influência negativa com os presentes. Por esta razão, após meditar um pouco, resolvi pedir um copo de água e entreguei-o a ela, dizendo que colocasse as mãos sobre o mesmo e orasse, pedindo ao seu Mentor que descarregasse aquela sensação desagradável. Segui a orientação e, terminando a oração, disse a um médium que despejasse a água na pia. Esta é uma prática que sempre oriento, ou seja, o médium tendo ficado com algum embaraço, ele mesmo busque resolver, para que não crie dependência de outra pessoa ou entidade.

Finalmente chegamos ao encerramento da reunião e, logo em seguida, fomos discutir a experiência por que passamos.

A Sara então descreveu os acontecimentos e acrescentou que durante a influência da “entidade”, esta tinha um imenso ódio de todos que estavam ali, pois um dia usaram de seus favores e agora o desprezavam. Não sentia que havia sido levado para a reunião, pois estava vaidoso por ter penetrado no recinto sem ter sido visto (o que na verdade era uma ilusão sua). Queria dizer palavrões e atacar fisicamente os presentes, e não tinha sido fácil contê-lo. Lembrou-se que ao ouvir a voz do Márcio teve vontade de cuspir nele, e ouviu ele falar algo como: “Largue-me velho sacerdote hipócrita, traidor, explorador...”. Depois sentiu que ele conhecia a todos ali presentes, como velhos usuários de sua energia no passado! Sara viu épocas muito longínquas, onde todos nós em outra roupagem física, trocávamos favores, interesses e poder. Abusamos muito da religião, do sexo, do vício, do poder de todas as formas, e era aquele ser que nos alimentava os desejos. Em determinado momento sentiu que a ligação dela com a “entidade” se afrouxava, e pôde perceber que uma enorme quantidade de espíritos estavam ligados a alguma “coisa maior”. Isto era como se fosse um núcleo com muita coisa em volta... E foi afastado abruptamente, sem tratamento. Depois que se recuperou daquele contato, ainda na mesa, Sara começou a meditar enquanto todos cantavam os

pontos. Não entendia aquilo. Não entendia o sentido de uma incorporação sem tratamento ou encaminhamento. Foi quando começou a escutar o seguinte: “Existem casos onde o doente é encaminhado à emergência, em outros à UTI, em outros à cirurgia e tratamento, e em outros ao necrotério. Nem todos podem ser ajudados ou querem ajuda num primeiro momento. Às vezes recebem ajuda aqui, num primeiro instante, para depois serem levados a outro Centro onde serão encaminhados. Nem tudo se resolve aqui, é bom que saiba disso. Este caso em particular, não fará mais parte de uma nova etapa deste planeta. Mas o grande grupo foi trazido para ver que alguns aqui presentes, que no passado de erros foram associados, tiveram ou podem ter outro destino. Guardaram na memória a imagem de antigos parceiros de crimes que mudaram ou estão transformando seu destino, pelo trabalho e pela alteração de conduta. Foram excluídos mas levam consigo na memória uma imagem de esperança. Deus não nos abandona nunca. Este Centro não foi o único onde este “ser” esteve, muitos se alimentaram de sua energia, mas muitos também afastaram-se de seu convívio, trabalhando agora em nome de Deus. Não é à toa que os livros sobre este assunto caíram em suas mãos. Quando estais lendo ou estudando, aqueles que podem ser ajudados a receberem um primeiro atendimento, estão ao seu lado. Mas nesse caso em particular, a mensagem foi para você. Para preparar o teu emocional, em amplo sentido, de modo a saber que nem todos ao nosso alcance podem ser ajudados. Esta é uma conquista pessoal e individual. Podemos falar ao próximo, podemos mostrar através de exemplos diários, mas não podemos salvar aquele que primeiro não salva sua vida, seu ser ou seu espírito. Não se preocupe, Deus está no comando e nunca nos abandonará, fique em Paz!”

Terminada sua exposição, muitos não conseguiam compreender do que realmente se tratava aquela “massa” disforme ou “multidão”. Considerei que deveria tratar-se de uma rede de espíritos extremamente vinculados por interesses comuns e profundamente comprometidos com ações conjuntas, contrárias à Lei Divina. Provavelmente seriam necessários muitos séculos para que conseguissem se desligar uns dos outros, através das influências do meio para onde seriam encaminhados e das suas próprias decisões em mudar de atitude. Eu mesmo nunca tivera oportunidade de contatar, nos mais de quarenta anos de vivência no esclarecimento de espíritos, com algo parecido. Foi quando me veio à memória a passagem de Marcos 5:1-20, em que Jesus liberta um obsediado que tinha como “hospedeiros espirituais” mais de dois mil espíritos e que por isso se denominavam “legião”.

13 – OS ESCRAVOS

A semana para a Sara foi bastante difícil, do ponto de vista energético. Fisicamente, sentia muito sono, cansaço e desânimo frequentemente. Mentalmente, vinha-lhe à ideia sempre o seu filho Leon, e quando se aproximava dele em alguns momentos no trabalho, sentia certo mal estar... Na quinta-feira, veio-lhe a sugestão mental de colocar o nome dele no Centro. Entrou em contato comigo, por telefone, para saber se podia colocar o nome do rapaz lá e, percebendo o envolvimento energético que estava acontecendo, autorizei. Disse que já no momento de entrada no portão principal, pedisse licença aos guardiões e que eles pudessem tomar conta daquele nome. Depois disso, a pressão piorou dando-lhe até mesmo enjoos e dores de barriga no sábado e no domingo, antes de ir para a reunião. O mal estar que sentia só melhorou quando chegou ao Centro, dando graças a Deus por ainda ter chegado a tempo do trabalho de defumação na entrada, pois o alívio foi imediato.

Depois de conversar com a Mariana, que durante a semana escutara o tempo todo o ponto da Cigana Rosa Vermelha, entendeu que a intuição recebida estava certa, em deixar o nome do filho logo na entrada do Centro. Ficou pensando, então, o porquê de só agora ter ocorrido essa sugestão. Sempre colocara o nome dele na mesa, então porque só agora essa ideia de colocar o nome naquele local específico?

Não lembrou, naquele momento, que a solução das questões que nos incomodam só ocorre quando estamos preparados para colocá-la em prática e assim aproveitarmos integralmente o resultado.

Iniciamos a reunião mediúnica, após discutirmos mais uma vez sobre a “máscara”, uma característica distorcida da personalidade humana. Através de cânticos específicos, convidamos a Corrente das Almas para colaborar nos trabalhos de amparo aos irmãos ali presentes, encarnados e desencarnados. Depois de alguns pontos cantados, a Sara sentiu-se incomodada com a porta de grade do salão fechada, por causa dos cães da casa, que naquele dia resolveram participar mais ativamente da reunião. Ela escutava o som de algumas correntes no chão, e, neste instante, associou o fato com a colocação do nome do filho e o passado de ambos na escravidão (ela tivera experiências de retrocognição, há um bom tempo, que revelaram ela e seu filho vivendo na época da escravatura). Recomendei que fosse aberta a porta e ela sentiu-se melhor.

A Mariana percebeu a presença da Cigana no Centro. Isto foi confirmado pela Safira que vira uma moça bonita, de cabelos negros e longos, vestida de vermelho e com um buquê de

rosas vermelhas nos braços, ao lado da Sara.

Mais à frente, a Sara sentiu o mal estar que vinha lhe acompanhando desde casa, e, imediatamente, começou a escutar um ponto da entidade Rei Cigano. Surgiu em sua tela mental a imagem do Márcio, misturada ou fundida com a imagem de um cigano de estatura elevada. Logo depois escutou o ponto da cigana de sua proteção, e, pela primeira vez, conseguiu sentir uma aproximação mais física, pelo braço esquerdo, como não percebera em outras reuniões. De outras vezes, era algo mais sutil e emotivo, mas nessa oportunidade foi bem diferente, mais intenso e pôde perceber melhor o que deveria ser feito durante o trabalho. Veio-lhe forte emoção pela proximidade da entidade, mas, além disso, entendeu também que ela queria a presença do Márcio. A entidade apresentou-se, convidou o Márcio e comigo fomos todos para fora, junto à Casa de Segurança, onde a Cigana entregou um papel com o nome do rapaz nas mãos do Márcio. Em seguida, fizeram um trabalho com orações comoventes e vibrações intensas.

Foi tudo muito rápido mentalmente falando, mas a Sara compreendeu que a presença do Márcio foi importante para que antigos escravos desencarnados vissem agora, aquele escravo do passado (o Márcio) trabalhando pela libertação de seu cruel “sinhozinho” (Leon), jogando energia de misericórdia para o antigo desafeto de ambos. A Cigana (incorporada na Sara) estava ajoelhada com o Márcio, pedindo a libertação de todos os envolvidos, e a sensação que ficou, foi que tudo havia sido muito bem encaminhado finalmente! Terminado o trabalho, retornamos à mesa e a entidade foi-se.

Assim que a Sara se recuperou, por intuição, sugeriu que fossem dados maiores esclarecimentos a respeito da escravatura. Pensei um pouco, entreguei-me à inspiração e falei:

Guerreiros escravagistas promoviam guerras contra tribos inimigas e, após subjugá-las, aprisionavam seus habitantes e os vendiam a outros escravagistas estrangeiros, que os transportavam a terras distantes para trabalharem como escravos. Durante a viagem por mar, sofriam os maiores constrangimentos, amontoados em porões imundos, comendo pouco e sendo agredidos por qualquer motivo. A fome, a doença e os maus tratos ceifaram várias vidas e os corpos eram jogados ao mar. Aquele povo sofrido só tinha como proteção e a quem pedir apoio, à Senhora dos Mares, Iemanjá, e a ela entregavam seus filhos, esposos, esposas e amigos na hora da morte, sem o direito sequer de fazerem suas cerimônias religiosas fúnebres.

Aqueles que alcançaram o destino final foram negociados como animais e depois explorados através do trabalho forçado e até mesmo do uso sexual, tanto de homens quanto de mulheres. Foi uma vida humilhante e cruel que gerou muito ódio contra os escravagistas. Este

sentimento continuou mesmo após a morte, quando passaram a perseguir seus inimigos ainda encarnados ou mesmo depois de desencarnados. Foram anos e séculos de perseguição sem trégua, quando, por várias vezes, alternavam-se como algozes.

Esqueceram-se, neste tempo, de avaliarem o porquê de tanto sofrimento. Cegos pelo ódio, que os impedia de reavaliarem suas vidas, não percebiam que alguns inimigos do passado desapareciam misteriosamente. Muito menos eram capazes de identificarem que tudo havia sido uma consequência de vida anterior que, quando grandes guerreiros e poderosos senhores, também submetiam os derrotados à escravatura e ao vexame físico, moral e cultural, não lhes permitindo o direito da identidade cultural. Agora vivenciavam na própria carne os constrangimentos impostos aos vencidos. Seu orgulho ferido só lhes permitia enxergar o inimigo presente. A cada encarnação, que tinha o caráter regenerador, ao invés de corrigirem a rota de sua caminhada, alimentavam mais ainda o sentimento de vingança. Vindo o desencarne, eram atraídos, instantaneamente, para o mundo ilusório de trevas onde viviam, rearticulando os ataques àqueles que queriam atingir e assim não eram capazes de perceber que estavam cada vez mais sós nesta luta inglória.

A Misericórdia Divina, entretanto, não deixa ninguém desamparado. Mesmo não tendo eles aproveitado as várias oportunidades que lhes foram oferecidas nas diferentes encarnações, é lhes preparado, nesse derradeiro momento das transformações planetárias, um reencontro de todos os envolvidos nesta trama de aprendizado. Antigos perseguidores e perseguidos que se libertaram da roda viva das retaliações, e agora são trabalhadores do Cristo, se apresentam humildemente com a roupagem de pretos velhos, para recebê-los com os braços abertos e o coração cheio de Amor, numa demonstração de que nada está perdido e que todos, por serem filhos de Deus e por terem uma Centelha Divina habitando em seus corações, tinham direito assegurado à Felicidade e ao encontro com a Luz. Como disse o Mestre Jesus: “Vós sois Deuses (João 10:34)”; “Vós sois a casa onde habita Meu Pai (1Co 3:16)”.

Resolvi então cantar para Iemanjá, pedindo a Ela que encaminhasse aqueles irmãos. Enquanto o ponto era cantado, apareceu-me a imagem de um guerreiro de corpo bronzeado e lindo cocar na cabeça, agradecendo tudo o que havia sido feito por aqueles irmãos. Uma forte emoção tomou conta de mim e chorei de alegria. Terminado o cântico de Iemanjá, iniciei um cântico para Ogum, não só para ajudar na limpeza energética do ambiente, mas também como uma homenagem àqueles antigos guerreiros. Neste momento a Sara viu um guerreiro negro de peito nu, com uma espada de lâmina curva, que dançava e girava essa espada no ar como se estivesse cortando algo, o que, possivelmente, eram os laços energéticos que ainda ligavam aqueles espíritos ao passado, mas

também as correntes deletérias atraídas pelos trabalhos.

Após esse encontro fantástico e os esclarecimentos já comentados anteriormente, todos se renderam àquela Verdade e não conseguiram mais opor-se. Foi um momento maravilhoso, em que luzes das mais diferentes tonalidades iluminavam o ambiente e cânticos angelicais se ouviam, como se o ar fosse composto por eles. O perdão, a compreensão e o entrelaçamento daqueles corações acabaram com tudo o que havia separado aqueles irmãos por tanto tempo.

14 – RESQUÍCIOS DAS CRUZADAS – parte 1

Desde o início da semana, a Sara começou a se lembrar muito da Martha e a escutar mentalmente o ponto do caboclo que trabalha através dela. Achou estranho isso, pois não sabe o ponto ao certo e este não parava de “tocar no seu ouvido”! À noite, começou a “escutar” um ponto de Ogum, e antes de dormir ainda estava “escutando”. Na manhã seguinte, assim que acordou, já estava “ouvindo” outro ponto de Ogum. Nesta hora pensou consigo: “De novo!? Devo estar sintonizada na rádio particular de Ogum!”

Quando a noite chegou, sonhou que estava observando uma espécie de excursão com várias pessoas usando roupas antigas, como uniformes. Percebia os sentimentos da tropa indo para algum lugar distante e de difícil acesso. Já estavam cansados de tanto andar quando, avistaram um castelo antigo, em cima de uma colina, ainda muito à frente de onde estavam. Observando melhor, reparou no tamanho do castelo, que apresentava abóbadas arredondadas no alto de suas quatro torres. De manhã, acordou ainda “escutando” o mesmo ponto, o que continuou com frequência pelo resto da semana.

No domingo da reunião, tudo parecia muito normal e tranquilo. Enquanto se dirigia para o Centro, a única coisa que a incomodava no carro era uma dor nas costas bastante persistente, e logo a seguir certa irritação e desconforto na nuca. Chegando ao Centro, após as saudações habituais, sentiu certo mal estar. Algo lhe aborrecia e logo depois ficou com muito sono.

Era chegado o momento dos estudos e eu não havia percebido o que estava acontecendo com a Sara, e ela também não falou nada comigo. Fiz a prece de abertura e iríamos iniciar a vibração energética em favor da paz no nosso planeta. Quando apresentei a prece que a Sara deveria fazer, é que percebi que ela estava dormindo, pois se assustou ao receber o papel. Ela não havia conseguido conter a sonolência e realmente dormiu, vindo a perceber uma presença como de um doente próximo a si. Não conseguiu ler o texto que lhe havia indicado, não tanto pelo sono, mas porque “alguém” não se sentia digno daquele tipo de leitura e por certo contragosto de estar ali. Apliquei-lhe passes de limpeza e ela sentiu melhora, mas o mal estar ainda estava presente. Com a sua melhora, dei continuidade à sessão.

Após ligeiro intervalo, fiz a abertura dos trabalhos na mesa, explicando a lição que havia lido. Em seguida, aproveitando as sugestões da Sara com relação aos pontos de Ogum que ela havia “escutado” a semana toda, comecei a cantá-los. Mentalizei para que aquela corrente astral nos ajudasse nos trabalhos daquele dia.

Os pontos continuavam a “tocar” na cabeça da Sara, independentemente daqueles que estavam sendo cantados por nós. Em certo momento, ela percebeu uma energia pesada, autoritária, agressiva, como de um homem enorme. Sentia que estava segurando uma imensa espada, fincada ao chão, onde suas duas mãos estavam apoiadas no cabo (guarda-mão). Ele observava o local, as pessoas, e acompanhava o que eu estava falando. Nessa parte a Sara pôde notar que, o que eu explicava, era traduzido para o inglês (isso ela percebia em sua mente). Foi uma experiência estranha e muito rápida de ser acompanhada pela médium. Em seguida, surgiram cenas na mente dela. Via um acampamento, muitos homens com roupas antigas, cheiro de animais e de ferro, barulho de metal, tendas de pano. Mesmo sem saber como aquilo estava acontecendo, ela captava as lembranças da entidade guerreira. Depois, o desencarnado reconheceu alguns ali presentes: Márcio, Marcel e uma pessoa da assistência (irmão da médium Cristal). O espírito guerreiro então lembrou de Pablo e de Hércio, que não estavam na reunião. Parecia, ainda, que ele procurava mais alguém que não se encontrava ali no momento, e que não era conhecido da Sara. Ela sentiu também o mal estar dele pela proximidade de uma mulher na mesa (Samantha) e, provavelmente, não percebeu que estava acoplado em uma mulher (a própria Sara). Neste instante se expressou através da médium, contrariado: “Que faz esta mulher num lugar que não lhe compete? Isto é um desrespeito para conosco!”

Procurei conversar com ele pedindo-lhe calma e, como não aceitava a minha intervenção, ministrei-lhe passes de limpeza para que não prejudicasse a médium. Reclamou da minha atitude, pois não reconhecia em mim autoridade para dirigir-me a ele. Apresentou-se como um guerreiro de prestígio, que sempre agiu de acordo com as regras. Tentei convencê-lo de que as guerras eram contrárias às Leis de Deus, mas ele, afirmando que eu estava blasfemando, foi-se.

A impressão que ficou com a médium a respeito do estado emocional do irmão em questão, foi de um espírito que estava apenas cumprindo ordens, sem se importar com as consequências de seus atos no futuro ou em sua consciência.

Possivelmente os pontos de Ogum foram uma forma de atração, por conterem letras que falam de espadas, lanças, força e guerra. Depois da saída do irmão, a Sara sentiu-se bem novamente, apenas mantendo a dor nas costas.

Terminada esta fase, sentei-me à mesa e quando ia iniciar uma palestra de esclarecimentos para algumas entidades presentes no Astral e percebidas pela Sara, a Martha começou a se contorcer, apresentando o corpo extremamente tenso. Fui em sua direção para iniciar uma conversa, mas a entidade presente não queria de forma alguma dialogar. Depois de algumas tentativas de orientação sem sucesso, considerando as declarações da entidade, que não queria saber

nem ver nada, procurei fazer a técnica da tela mental (nesta técnica são projetadas imagens ao campo visual do espírito perturbado, de modo que ele recorde/entenda acontecimentos de uma ou mais vidas pregressas). Neste momento, o irmão, tentando fugir da técnica, esgueirou-se pela cadeira até o chão e foi engatinhando para a porta de saída (a médium não teve o equilíbrio necessário para tolher os excessos da entidade comunicante). Fui acompanhando e energizando o irmão, mas não permiti que ele saísse do salão. Como estava cada vez mais rebelde, chamei a Corrente de Xangô, mas o desencarnado ficou mais irritado. Neste momento, a Mariana recebeu a entidade Rosa Vermelha e veio em socorro. Com muita dificuldade segurei-lhe pelos pulsos, invocando a Corrente de Xangô. O espírito sentiu a forte vibração, que o deixou meio atordoado. Enquanto a Rosa Vermelha tentava convencê-lo a aceitar o amparo, aproveitei o atordoamento do irmão e canalizei nova corrente energética de Xangô. Ele não suportou mais e se despreendeu da médium, que já estava cansada. Em seguida incorporou uma entidade guardiã na Martha, que veio limpar a sua aura e dizer que o trabalho com aquele irmão não seria fácil. Afirmei-lhe que não existe poder maior que o de Deus e confiando Nele conseguiríamos dar prosseguimento ao trabalho. Ela olhou-me firmemente e despediu-se, dizendo que o irmão retornaria. Assim aconteceu, mas ele agora se apresentou mais calmo, porém reclamando muito e afirmando que não acreditava em nada, pois estava acostumado a viver sozinho nas fossas astrais já que havia sido humilhado, abandonado e desterrado. Questionou-me se eu era capaz de entender tudo por que tinha passado, ao que respondi que já havia passado por tudo aquilo um dia, mas que agora, por ter reconhecido ser filho de Deus, tudo havia melhorado. Reclamou ainda que ninguém queria ser seu amigo, além de não ter o direito de ver a luz. Neste momento, uma das cadelas do Centro entrou no salão e se achegou até nós. Aproveitei a oportunidade para colocar o braço da médium ao redor do pescoço do animal e disse ao espírito sofredor que ele estava enganado. Assinalei que antes havia amigos próximos, mas que não havia percebido, por estar fixado nas correntes negativas com as quais se ligara. Ali estava aquele cão, que veio provar-lhe que não estava sozinho. O irmão se abraçou ao animal e afirmou que foi o único companheiro que sempre esteve ao seu lado. Envolvido naquele ambiente de emoção, fixei-me na questão da luz para ajudá-lo e coloquei a mão sobre os olhos da médium, dizendo que acreditasse no direito que tinha de conviver na luz. Mesmo dizendo que não tinha essa possibilidade, por já ter se acostumado com as trevas, fui exortando a sua confiança e coragem, que foram as suas características para encarar aquela experiência, da qual eu garantia que não iria se arrepender. Pedi o amparo dos irmãos do grupo, para que enviassem àquele ser todo o amor que desejavam para si mesmos. Solicitei aos mensageiros divinos presentes que mostrassem a ele toda a luz que poderia perceber. Gradativamente ele foi se transformando e mostrando alegria por poder ver a luz novamente. Para que a médium não ficasse mais tempo sob sua influência desgastante,

sugeri que ele seguisse aqueles irmãos amorosos que estavam ali para encaminhá-lo. Despediu-se e foi.

Aliviado e satisfeito pelo dever cumprido, retornei à mesa pensando como aquela experiência foi importante para o fortalecimento da confiança em Deus e em seus mensageiros.

A Sara, aproveitando a presença da Rosa Vermelha, pediu-lhe que verificasse a dor de suas costas. A entidade colocou a mão no local da queixa e disse tratar-se apenas de um problema físico. A médium, chegando em casa, fez aplicação de uma pomada e passou tudo! Era físico mesmo... É comum entre os médiuns que trabalham em descarrego, que apresentam algum incômodo físico, achar que se trata de um problema espiritual, uma carga deixada durante os trabalhos, recorrendo aos espíritos para os auxiliarem.

A limpeza astral que sempre é feita após os trabalhos, e a água magnetizada que é ingerida ao final da reunião, nos deixam limpos e harmonizados.

15 – RESQUÍCIOS DAS CRUZADAS – parte 2

Após a última reunião, a Sara teve a intuição de que os últimos trabalhos estavam relacionados. O processo teria se iniciado com aquela “energia viva” (“Legião”), de proporções descomunais, que parecia alimentar-se de outros seres sofredores. Sentiu que estávamos lidando com o nosso passado, de cada um de nós do Centro. Tudo estaria interligado. Como aquela energia foi desarticulada, os nossos desafetos estavam aproximando-se meio que perdidos, sem a força ou o direcionamento de antes.

Durante a semana da reunião seguinte, a Sara começou a “ouvir” o ponto de determinado guardião e entrou em contato comigo para saber se eu havia feito algum planejamento para trabalhar com Exu. Disse-lhe que não, pois sigo as intuições que surgem no início da sessão propriamente dita e que aguardássemos o dia para verificar se haveria alguma orientação nesse sentido.

Chegado o dia da reunião, na qual faríamos uma homenagem à Ogum, tudo transcorreu normalmente. Fizemos nosso estudo com bastante participação dos presentes nas discussões e, após ligeiro intervalo, passamos à mesa. Feita a leitura e os esclarecimentos, apresentei uma rápida explicação sobre a Corrente de Ogum e dei início aos trabalhos mediúnicos, cantando os pontos deste Orixá. Tinha a expectativa de que poderiam aparecer membros das correntes que estavam sendo amparadas, mas estava tudo muito calmo. Algumas entidades da Corrente de Ogum se manifestaram e não fizeram nenhum comentário sobre a possível presença dos irmãos esperados.

Quando me preparava para mudar a corrente, a Sara tornou a perguntar se não iria “cantar para Exu”. Respondi, após pequena reflexão, que não haveria necessidade já que havíamos recebido a visita dos guias da Corrente de Ogum e que nada havia sido recomendado. Logo em seguida, a Cristal também advertiu que estava sentindo algo pesado no ambiente. Perguntei à Rosa Vilhenna o que ela percebia e fui informado que realmente algo não estava bem. Resolvi, então, “cantar para Oxossi”, puxando pontos de trabalho mais densos para reequilibrar o ambiente. Não demorou muito e a Cristal incorporou uma entidade bastante agressiva, que estava disposta a virar a mesa. Apressei-me em prestar-lhe amparo, sugerindo calma, mas a entidade não estava disposta a ouvir-me, proferindo expressões de ódio e vingança contra o irmão da Samantha, presente à reunião. Isto me obrigou a ser bastante enérgico, exigindo respeito ao ambiente que o havia recebido em paz. Desloquei a médium para junto do encosto da cadeira, de forma a afastá-la da mesa e ao mesmo tempo ficar em posição de receber melhor as energias tranquilizadoras.

Entretanto, a energia que acompanhava a entidade era extremamente pesada. Encostei a minha cabeça na nuca da médium, para controlar melhor as ações daquele irmão. Foi uma luta mental poderosa que me deixou apreensivo, pois os presentes estavam assustados e não mantinham uma concentração adequada. Solicitei que cantassem o ponto do Caboclo Bugre, mas ninguém conseguiu fazê-lo, inclusive eu, que parecia estar com a mente vazia.

Foi quando um Exu disse intuitivamente, para a Sara, que era chegado o momento dele agir, pois aquele caso lhe pertencia. Rapidamente o irmão perturbado foi afastado e, logo em seguida, convoquei o caboclo da Cristal para fazer a limpeza da sua aura.

Tudo voltou ao normal e pudemos terminar a reunião em paz. Ficou, entretanto, a lição de que eu não havia sido suficientemente humilde, para entender a orientação que a Espiritualidade estava enviando, através dos meus companheiros de trabalho mediúnico.

16 – RESQUÍCIOS DAS CRUZADAS – parte 3

Depois que a primeira reunião desta série acabou, a Sara preferiu guardar tudo o que percebeu através da vidência, por insegurança. Somente depois que pediu orientações e esclarecimentos aos seus guias, foi que resolveu relatar integralmente a experiência.

Durante o trabalho na mesa percebeu a presença de um homem enorme, louro ou ruivo, parecendo um inglês ou escocês, com uma espada gigantesca que, segundo ela, só ele conseguiria carregar. Estava muito maltratado, como se tivesse sido torturado intensamente, e com um ódio desmedido de uma pessoa na reunião, o irmão de Samantha. Captou ainda que aquela entidade que se manifestara através da mediunidade da Cristal, não era o único problema do irmão de Samantha, pois outros mais guardavam o mesmo tipo de sentimento expressado naquela oportunidade.

Surgiu então na mente da Sara, toda uma história: primeiramente o sonho relatado na Parte 1 desta série, em que muitos soldados medievais marchavam em direção a um castelo, chefiados pelo cruzado louro. Depois, percebeu uma guerra sendo travada nesse castelo, onde inúmeras barbaridades foram praticadas. Observou o guerreiro louro segurando, pelos cabelos, cabeças decepadas. Ele as atirava a distância como forma de brincadeira. Posteriormente surgiu outra cena de batalha, onde esses mesmos soldados, entre os quais percebeu o médium Márcio, foram vencidos. Os sobreviventes foram levados para um local, como um forte muçulmano. Lá, foram torturados de forma terrível e lentamente durante anos, até o fim de suas vidas. A sensação da Sara é que ela estava vendo o que ele memorava ou sentia ali perto dela. Depois percebeu que o ódio da entidade pelo irmão da Samantha, se devia ao fato dele ter sido seu torturador no passado e de muitos outros.

Sentiu também algo interessante nisso tudo, pois aquele espírito não queria falar comigo. Não queria conversar com um bárbaro (segundo ele), e sim com o Márcio, antigo companheiro dele. Verificou ainda que a recusa daquele irmão em ouvir-me, era devido a eu ter sido um religioso muçulmano importante, responsável por todo o processo pelo qual eles passaram quando estavam presos, e por ser de outra fé religiosa (na época). A seu ver, não havia motivos para conversarmos. Continuando a percepção da Sara, ela captou através da mente daquele irmão, que após estes fatos, ele e o Márcio separaram-se. Márcio renasceu como muçulmano, naquelas terras, coisa que o fez revoltar-se profundamente e a observá-lo sempre que possível.

No dia imediato à última reunião do Centro, a Sara acordou sentindo certo cansaço ou enfraquecimento de propósitos. Mais tarde, já na cozinha preparando o almoço, de repente surgiu do

nada, na sua mente, toda uma cena parecendo um filme antigo de guerra medieval! A princípio ficou meio perdida com o fato, mas depois não conseguia parar de pensar no assunto. Posteriormente, quando estava escrevendo a esse respeito, começou a sentir-se mal enquanto arrumava as ideias e, ao digitá-las, o computador apagou sem motivo lógico. A pressão sobre ela piorou, e decidiu sair do quarto. Novamente sentiu a presença tensa lhe acompanhando como no Centro. Somente dois dias depois conseguiu retornar a escrever e o computador estava perfeito. Ainda pela manhã, pediu ajuda a sua entidade cigana, para direcionar-lhe melhor nessa história toda, e então surgiu a ideia de ligar para o Márcio, perguntando se ele tinha alguma novidade, desde o último domingo. Para sua surpresa, disse que ele e a sua esposa (Samantha) estavam exaustos desde então, e que ele sentia-se sendo observado de perto. Que desde domingo ele estava “conversando mentalmente” com alguém! Pedia que esse alguém aceitasse a nossa ajuda no Centro, e que isso lhe faria muito bem! Disse também que tudo começou, quando o irmão da Samantha esteve na casa deles, por duas semanas, fazendo uma obra no banheiro.

Neste momento, tudo o que estava acontecendo, começou a fazer sentido. Contou ao Márcio o que ocorreu com ela, sobre as visões no Centro e em casa. Então, ele lembrou à Sara outro fato do seu passado, e que ela já havia esquecido. Certa vez Sara dissera a ele, que enquanto escutava um mantra, havia visto uma cena em sua mente, onde Márcio estava numa cela, em um país distante, todo em frangalhos. Sara era um velho muçulmano que, escondido, alimentava e cuidava dos presos com consideração, sem importar-se com a religião. Dava pão e água, e lhe falava que o seu Deus e o dele eram o mesmo, mas com nomes diferentes. O velho muçulmano (Sara) ficou ao seu lado até a sua morte. Isso já fazia uns dez anos, pelo menos, e ela nem lembrava mais. Nesse instante, ocorreu à Sara que aquele irmão desencarnado podia estar vendo a mudança e o trabalho do Márcio, até mesmo aquele que haviam realizado há algumas semanas, no episódio apresentado neste livro como “Os escravos”. Além disso, era relevante a participação dele em outra religião, o que era muito interessante, para que percebesse que o “seu Deus” não é verdade exclusiva e absoluta!

Tomando conhecimento de todo esse drama, resolvi preparar-me para a próxima reunião, elaborando uma palestra sobre a atitude ética dos verdadeiros guerreiros.

17 – RESQUÍCIOS DAS CRUZADAS – parte 4

Quatro dias antes da nova reunião do Centro, a Sara, em diferentes situações, via cenas de tortura, produzindo-lhe profundo mal estar. Em certos momentos, teve melancolia e desânimo. Parecia estar sentindo a tristeza de outra pessoa. Apesar de estar aplicando técnicas de limpeza da aura à noite, dormia mal e sentia dores pelo corpo com frequência.

Chegado o dia da reunião, ela, desde cedo, não estava com vontade de falar. Sinceramente, preferiria ter ficado em casa. Uma energia de imenso cansaço e até de prostração parecia envolvê-la. Algo como um esgotamento completo de energia, como se mais nada valesse a pena fazer. Às vezes um ponto de Ogum vinha a sua lembrança, mas nem isso melhorava o seu espírito adequadamente.

Quando chegou ao Centro, encontrou-me fazendo os preparativos para a reunião e cumprimentou-me bastante desanimada, perguntando-me sobre a linha de conduta para a reunião. Expliquei-lhe que dias antes, de madrugada, veio-me a intuição de fazer uma dissertação sobre os mandamentos ao invés de falar da ética entre os guerreiros. Neste mesmo momento abri a bíblia em Êxodo 20: 1-17 e anotei em um papel as palavras de acordo com o texto, para que não ficasse nenhuma dúvida entre os irmãos desencarnados que ouviriam.

Durante os estudos incomodou-me o seu silêncio, pois costuma participar ativamente das discussões. Entretanto, não fiz nenhuma exigência para a sua atuação. Segundo me informou posteriormente, não estava com vontade de falar, e, se pudesse, preferiria estar deitada numa cama durante o estudo, antes da reunião de mesa.

Após o término do nosso estudo, quando ela avistou o irmão da Samantha, sentiu imenso mal estar, preferindo ficar distante dele sem nem cumprimentá-lo, como os outros fizeram. A presença dele a incomodava, tendo quase certeza que essa era uma sensação sua, bem particular, e não somente o reflexo de algum irmão espiritual. Como nessa história toda que estamos contando, ela fazia parte do grupo muçulmano, assim como eu, e que cuidava dos prisioneiros que eram torturados desumanamente, sendo ele (o irmão de Samantha) um dos torturadores, talvez esteja aí nesse ponto, o seu desconforto na presença dele.

Na mesa, aproveitei o assunto da lição do dia para enveredar pelas exortações que a discussão dos mandamentos exigia. Assim sendo iniciei:

- Moisés recebeu as tábuas com os dez mandamentos no Monte Sinai e os ensinou a todo o povo

hebreu. Posteriormente, esta Lei de Deus passou a fazer parte de muitas religiões do mundo, que guardaram a essência desses ensinamentos:

1 – ***Eu Sou o Senhor teu Deus e não terás outros deuses diante de mim e faço misericórdia em milhas aos que me amam e guardam os meus mandamentos.*** Entretanto, aqueles que se arvoraram em representar Deus na terra, assumiram de tal forma o poder temporal, ditando inclusive quem deveria viver ou morrer, que passaram a se achar o verdadeiro Deus e assim reconhecidos por muitos.

2 – ***Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.*** Quantas vezes, em nome de Deus, foram tomadas decisões de guerra e outros crimes, justamente por aqueles que deveriam honrá-Lo mais plenamente, os dirigentes religiosos.

3 – ***Lembra-te do dia do sábado para o santificar.*** O dia em que todos deveriam utilizá-lo para reverenciar o Senhor, entrar em comunhão com Ele, mas que foi sempre desrespeitado para dele usufruir bens materiais.

4 – ***Seis dias trabalharás e descansarás no sétimo.*** É o direito de todo trabalhador, de todo filho de Deus, não só de descansar, mas também poder vivenciar a presença Dele em si. Porém o que se viu? Guerras fratricidas ou com outros povos, escravizando os vencidos e não lhes permitindo comungar com Deus nem descansar.

5 – ***Honra a teu pai e a tua mãe para que se prolonguem os seus dias na terra.*** O que mais se presenciou neste mundo, foram os assassinatos dos pais para poder ficar com suas fortunas.

6 – ***Não matarás.*** Várias vidas foram ceifadas para que fossem afastados aqueles que, de alguma forma, incomodavam alguém. As próprias guerras de expansão territorial, muitas vezes contra vizinhos amistosos, levaram vidas sem conta.

7 – ***Não adulterarás.*** No interior dos palácios o adultério era comum e usado para se aproximar do poder e muitas vezes tomá-lo de quem de direito. Um crime frequentemente praticado, até por religiosos.

Neste ponto fui obrigado a interromper a fala, pois a Sara percebeu uma profunda indignação de alguém muito próximo a ela, no Astral. Estava indignado por eu estar falando de algo tão sublime e tão nobre. Era quase uma blasfêmia aquelas palavras saírem de minha boca “infiel”. Profundo mal estar tomava conta da Sara e, não fossem as mãos da entidade estarem manietadas por

laços energéticos do Plano Astral e pela mente controladora da médium, ela teria feito algum estrago, pois se apresentou socando a mesa. A médium sentia doer seu peito, sua cabeça, seus braços, seus pés.

Fui em seu amparo, pedindo calma ao irmão e que se mantivesse coerente com o ambiente que o acolheu, mas de nada adiantou. Firmei a cabeça da médium com as mãos e joguei bastante energia para tranquilizar a entidade, mas ela não aceitava a minha interferência. Como estava se exaltando cada vez mais, pedi a Corrente de Omolu que tomasse conta do caso. Assim que os irmãos dessa corrente começaram a agir, a entidade passou a reclamar, perguntando o que estávamos fazendo com ele. Sentia-se enfraquecer. Colocou que já havíamos tirado dele todos os seus soldados e agora, como estava só, o que queríamos fazer com ele? Aproveitei aquele momento e convoquei o Márcio para conversar com a entidade, tendo em vista que eu sabia que ele aceitaria melhor as palavras daquele antigo companheiro.

Enquanto o Márcio conversava com ele, a Sara sentia o tormento daquele irmão, toda a sua dor. Eu continuava apoiando o trabalho, cantando pontos de Ogum. O irmão não entendia a razão de o Márcio estar em situação oposta a sua, mas, em função dos passes espirituais que recebia, foi se acalmando, embora lamentando muito. Nesse momento, a Sara teve a visão de um cavaleiro templário cheio de luz (parecia um Ogum trajado de branco e prata) que chegou para encaminhá-lo. Ele ficou tão contente com a presença daquele cavaleiro, que não reclamou de mais nada, aceitando acompanhá-lo. Foi algo lindo e muito importante como referência para aquele espírito, ao sentir-se acolhido por um dos seus.

Logo em seguida iniciei um passe de limpeza na Sara, até que ela incorporou um guia, que assumiu o seu reequilíbrio. Voltei aos mandamentos para terminar as explicações:

8 – ***Não furtarás.*** Quantos saques foram feitos nas guerras religiosas!

9 – ***Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.*** Quantos falsos testemunhos foram dados para que inocentes perdessem a vida ou seus bens, em favor dos poderosos.

10 – ***Não cobiçarás a casa de teu próximo, nem a sua mulher, nem o seu servo, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.*** Foi exatamente pela cobiça sobre tudo o que pertencia ao próximo que foram destruídos muitos lares, propriedades, famílias inteiras e até nações.

Quando terminei, incorporou o espírito de um cardeal na Rosa Vilhenna e, todo empertigado, virou-se para mim e perguntou por que eu culpava Roma de tudo de mal que aconteceu no mundo. Respondi-lhe que desde o tempo em que Constantino reuniu um grupo de cristãos, afastados da essência dos ensinamentos de Jesus, que o interesse pelo poder temporal prevaleceu e muitos crimes foram cometidos. Isto ocorreu como forma de evitar a influência dos verdadeiros cristãos, não só o povo como também os religiosos de fato. Ficou pensativo e continuou explicando que, graças à Igreja, a cultura havia se espalhado pelo mundo. Eu disse então que muito dessa obra foi a custa de vidas inocentes. Acrescentei que Alexandre Magno também fora o maior divulgador da cultura helênica no mundo, a sua época, mas não deixou por isso de ser um assassino. Calou-se mais uma vez e depois retomou a palavra, justificando que houve necessidade de agir com firmeza para que os povos do oriente aderissem ao Cristianismo. Mostrei-lhe que Jesus resumiu os mandamentos em apenas dois, sintetizando tudo no “Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. A isso, adicionei que Jesus não disse que o próximo eram apenas os cristãos. Durante o tempo que pregou o evangelho, foi a todos que quisessem ouvi-lo. Curou os doentes sem perguntar de onde eram. Distribuiu o pão e o peixe à multidão que o ouvia, sem fazer nenhuma distinção de classe, raça ou nação. Só distribuiu amor. O irmão manteve-se calado e entristecido, até que disse que agia da forma como lhe haviam ensinado. Lembrei-lhe que ninguém é obrigado a fazer aquilo em que não acredita e nem cumprir ordens que contrariam a sua consciência. Pedi que me trouxessem a Bíblia e coloquei diante do irmão. Ele colocou suas mãos sobre ela e disse: “Aqui encontramos muitas verdades, mas também muitos erros.” E começou a chorar. Aproveitei a oportunidade e, por intuição, pedi-lhe que observasse o padre que estava diante dele e havia vindo para ajudá-lo. Olhou para frente e comentou que aquele padre tinha sido um grande amigo seu, mas que quando recebeu a veste cardinalícia ele se afastou e nunca mais o viu. Agradeceu as orientações e a presença do antigo companheiro, despedindo-se.

Felizmente terminamos a reunião com um grande saldo positivo e com todas as nossas energias equilibradas.

Quando a Sara estava para sair do Centro, a Samantha pediu carona para ela e o seu irmão, bem como para o seu marido (Márcio). Sua primeira intenção foi esquivar-se, chegando a procurar um motivo, mas não teve como negar. Para complicar mais a situação, o rapaz sentou-se bem ao seu lado na frente. No mesmo instante, o mal estar da presença dele envolveu-a, dando dor de cabeça até chegar em casa. Mesmo orando muito, sentiu-se irritada, triste e foi deitar chorando sem motivo aparente e pensando que ainda “havia muito carço nesse angu”!

Posteriormente, conversando comigo sobre a impressão que ficou com ela e o Márcio, a

respeito da entidade guerreira, conjecturou que ele ainda precisasse conversar mais com o Márcio. Mesmo que uma carga de energia tenha sido liberada e trabalhada no Centro e no Astral, pensou que ainda existam esclarecimentos e informações, a serem dados. Ocorreu-lhe também que ele precisasse ser perdoado e outros, da mesma forma, deveriam pedir perdão a ele. Diante de uma cultura católica, esse tipo de atitude é importante, e talvez fizesse parte do processo de cura dele.

Três dias depois da reunião ela acordou, ouvindo um trecho de um ponto que dizia assim: “Na porteira tem vigia, oh na porteira tem vigia, e a meia noite o galo canta...” Enquanto escutava internamente esse ponto, e já se arrumando para ir ao seu trabalho material, teve a certeza de que o irmão guerreiro havia sido encaminhado por Ogum para as falanges de Exu. Não sabia explicar como tinha essa certeza, mas sentia que isso havia ocorrido assim. Havia um resquício de imagem em sua memória, onde estava numa espécie de despedida, e esse ponto era cantado até que ela despertou em sua cama. Sentia ser estranha a lembrança fragmentada, mas a sensação que ficou era muito forte.

Embora não tenhamos a confirmação deste fato, ele é perfeitamente viável. Muitos espíritos que por longo tempo estiveram envolvidos com as trevas e fizeram uso de seu livre arbítrio para prejudicar o seu semelhante, quando são amparados pela Espiritualidade, após os esclarecimentos necessários, podem escolher entre reencarnar várias vezes em experiências dolorosas ou se engajar na Linha de Exu. Então, seguem trabalhando na caridade e ajudando, principalmente, àqueles que eles perseguiram, mas também resgatando antigos companheiros em desequilíbrio.

Para completar este trabalho, na reunião seguinte, durante a abertura dos trabalhos na mesa, fiz uma exortação ao perdão, não só pedindo em meu nome, mas recomendando a todos os presentes, encarnados e desencarnados, que o fizessem.

PARTE 3
COMENTÁRIOS E REFLEXÕES
(Pablo de Salamanca)

ENTIDADES DA UMBANDA

Objetivo do capítulo

Até aqui, foi possível notar que o amigo Néelson Vilhenna cita frequentemente que recorreu a Ogum, Iemanjá, Oxum, dentre outras das chamadas “linhas de Umbanda”. Também é comum o fato dele citar a presença e atuação de entidades (espíritos) como o Caboclo Bugre, a Cigana Rosa Vermelha e outros mais. Quanto às “linhas de Umbanda” pretendo apenas lembrar que elas são correntes energéticas ou campo vibratórios, dentro dos quais as entidades (espíritos) trabalham. Não vou discorrer, nem conceituar as diversas correntes vibratórias da Umbanda, pois há bastante literatura disponível sobre o tema. Apenas assinalo que cada um desses campos magnéticos (de Xangô, de Ogum, de Oxossi etc.) trabalha de forma integrada com os demais, permitindo uma grande eficácia naquilo que a Umbanda, como um todo, propõe. Portanto o que pretendo, neste capítulo, é comentar e compartilhar o que aprendi, na prática, sobre as entidades (guias e trabalhadores espirituais) que atuam dentro das “linhas de Umbanda”. Não vou discorrer sobre a presença e atuação das forças elementais, embora sejam apontadas como relativamente comuns nas sessões umbandistas, por alguns estudiosos e adeptos.

Formas de apresentação das entidades

Chamo de “formas de apresentação” das entidades da Umbanda, à maneira como se manifestam nas “incorporações”. Como exemplo cito os caboclos, pretos velhos, crianças e exus. Há um padrão para uma manifestação incorporante na forma “caboclo”, bem como para cada um dos exemplos citados, embora ocorram variações devido a vários motivos, dentre os quais, a participação anímica do médium. Exemplifiquemos o assunto com a manifestação no formato “preto velho”. Geralmente as entidades que incorporam desta maneira, fazem com que o médium fique vergado, como se fosse uma pessoa muito idosa. A expressão verbal costuma ser lenta e pausada, como um idoso cansado normalmente se comunica. Esta forma de apresentação faz parte da cultura umbandista, e os espíritos respeitam esse padrão, de modo que os encarnados participantes sintam-se à vontade no culto, conforme a tradição. Alguns colocam que o fato do médium ficar vergado durante a incorporação por um preto velho, é devido a questões energéticas (pontos de acoplamento específicos da entidade comunicante, nos chacras do médium). Também há outras explicações, mas meu objetivo não é discutir isso, mas sim apresentar um pouco da minha experiência com o tema.

Logo que comecei meu desenvolvimento mediúnico, devido a minha visão universalista já em meados da década de 90, nunca repeli qualquer tipo de entidade ou forma de incorporação. Conforme seguia meu treinamento e de acordo com o ganho de vivência mediúnica, fui percebendo que um mesmo espírito apresentava-se de maneiras diferentes, em oportunidades diversas. Por exemplo, às vezes a entidade vinha como preto velho numa sessão umbandista, mas, num ambiente espírita-cristão, manifestava-se como um mentor tipicamente “kardecista”. Neste caso, havia uma adequação ao meio cultural dos trabalhos mediúnicos. Também notei que um caboclo vinha no seu formato tradicional dentro de uma sessão umbandista, mas, na mesma sessão, no horário destinado aos guardiões, o mesmo espírito apresentava-se como exu. Nesta situação, a entidade adequava sua vibração às necessidades energéticas do trabalho a ser executado. De início, essas situações me confundiam, pois, apesar de captar essa realidade pela via intuitiva, nos ambientes umbandistas que eu frequentava e pelos livros que estudava, nada encontrei que corroborasse o que vinha percebendo. Apenas Néelson Vilhenna e alguns poucos amigos mais chegados ouviam-me, acreditando nessa possibilidade. Na Umbanda tradicional “caboclo é caboclo”, “preto velho é preto velho”, “exu é exu” e assim por diante. Num centro espírita-cristão que frequentei, também repeliava-se a ideia de que entidades da corrente umbandista se manifestassem ali, por exemplo, na forma de um guia médico.

Apesar da minha dúvida pessoal, com o tempo, as entidades que usavam as minhas possibilidades mediúnicas passaram a explicar aquilo que eu vislumbrava: o espírito manifestante usa a forma mais adequada ao trabalho em si, e também de acordo com a cultura local. Em outras palavras, o que mais importa é a finalidade do trabalho mediúnico, e não o meio (a forma de apresentação) para a realização do mesmo. Assim, um guia espiritual não importa-se em ser reconhecido como caboclo ou exu, mas sim se a sua tarefa foi bem cumprida. Um espírito mentor comunicante se preocupa muito mais em auxiliar e educar, do que com sua roupagem externa (forma de manifestação). As entidades com maior entendimento espiritual, simplesmente transcendem à questão da forma. Apenas tencionam cumprir sua missão, deixando de lado preconceitos e tabus.

Bem, àquela altura da minha caminhada mediúnica, aos poucos encontrei confirmação para estes ensinamentos que vinha recebendo dos amigos espirituais, que me usavam como “aparelho mediúnico”. Então, de forma reservada, entidades que utilizavam outros médiuns, passaram a dizer-me que aquilo estava correto. Depois, tive várias oportunidades de “sentir na pele”, na semiconsciência de alguns processos de “incorporação”, a modificação da forma de apresentação da entidade comunicante *in loco*, sem descontinuidades (por exemplo o guia

manifestava-se como “preto velho”, para em seguida, sem desacoplar-se, apresentar-se como exu). Mais à frente, para minha surpresa, visitei uma determinada irmandade espiritualista, a convite de uma amiga, onde se ensinava a seus integrantes que os mentores usavam a forma que lhes aprouvesse, em conformidade com cada situação. Então, não tive mais dúvidas sobre esse fato. Infelizmente, os dirigentes e participantes de vários centros espíritas/espiritualistas, mesmo hoje, mantêm a mente fechada para certas questões como essa. No entanto, tudo tem o seu devido tempo de maturação! O véu ainda há de ser levantado...

Os diferentes níveis evolutivos das entidades de Umbanda

Os vários espíritos manifestantes no ambiente umbandista, como em qualquer outro meio espiritualista, possuem níveis evolutivos diferenciados. Ou seja, cada um tem/vivencia um grau de harmonia distinto. Alguns são mais “terra a terra”, enquanto outros vêm ao Plano Físico numa tarefa de autossacrifício, pois poderiam permanecer em dimensões mais sutis. Posso afirmar, por experiência própria, que as várias correntes vibratórias da Umbanda (as “linhas de Umbanda”) diferenciam-se entre si em termos de “densidade” energética. As Linhas “de Exu” e “das Almas”, por exemplo, estão mais próximas da vibração dos encarnados. No entanto, não tenho a intenção de comparar ou classificar as diferentes “linhas de Umbanda”, pois este aspecto não é objetivo deste capítulo, nem do livro como um todo.

Gostaria de assinalar que, dentro de cada linha umbandista, os espíritos que ali atuam, apresentam diversos graus de compreensão sobre a vida. Alguns trabalham, exercendo tarefas bastante simples, como a de higienização de ambientes, ou fazendo a segurança energética de pessoas, lares e templos. Estes estão, ainda, cumprindo aprendizados mais primários, enquanto auxiliam seus irmãos de caminhada, dentro da Corrente Astral de Umbanda. Conheci, inclusive, casos de entidades desse nível vibratório, que estagiaram por anos em casas umbandistas, até que se despediram dos médiuns e frequentadores, pois iriam reencarnar em pouco tempo. Uma dessas entidades, hoje, está reencarnada em família próxima, onde foi acolhida com muito amor.

No outro extremo, estão as entidades de Umbanda que cumprem papel de coordenadores/instrutores. Estes seres atuam com mais intensidade na organização das falanges de trabalho, orientando quanto às atividades em si e tomando decisões mais complexas. Estes espíritos têm elevado autoconhecimento e grande compreensão quanto às fragilidades humanas, bem como profundo entendimento sobre as leis espirituais e funcionamento energético das diversas dimensões. Às vezes, estas entidades incorporam numa sessão umbandista para passar uma

mensagem/orientação, mas é algo mais raro. Geralmente elas trabalham nos “bastidores”.

Relação das entidades da Umbanda com outras correntes espiritualistas

A Umbanda, nas suas origens e na sua prática cotidiana, é essencialmente universalista. Isso é visível no seu sincretismo com o Catolicismo, bem como na fusão com tradições religiosas africanas e indígenas. Mas, este universalismo não para por aí! Por exemplo, nos cultos umbandistas, não é raro encontrar um espaço para manifestações do chamado “Povo do Oriente”, que alberga entidades de diversas “nacionalidades”, como hindus e árabes. Além do que foi comentado, assinalo a presença dos denominados “guias médicos”, em certos templos umbandistas, salientando que esses orientadores espirituais são típicos do Espiritismo (chamado também de “Kardecismo” ou de “Espiritismo Cristão”). Portanto, não é difícil compreender que a Umbanda “abraça” outras correntes espiritualistas, ou seja, as entidades consideradas tipicamente umbandistas atuam integradamente a seres que pertenceram a outros meios filosófico-religiosos.

Passemos a alguns exemplos, os quais vi acontecerem em centros de Umbanda. Um caso que notei, sendo relativamente comum em variados templos, é a situação de antigos religiosos católicos, como frades, manifestarem-se dentro da “Linha das Almas”. Portanto, estes ex-sacerdotes cristãos atuam juntamente com os pretos velhos, não raramente. Quanto à “Linha de Ogum”, nela agregam-se entidades com espírito combativo, que tiveram experiências passadas belicosas, lidando com a disciplina militar. Estes seres, que pertenceram a outras culturas religiosas, acabam por se reunir no campo vibratório de Ogum. Assim, nesta “linha” apresentam-se antigos guerreiros e chefes militares que foram árabe-muçulmanos, católico-romanos etc. Também posso exemplificar com a “Linha das Crianças”, onde espíritos usam uma forma infantil para se comunicarem com os encarnados (geralmente não são simplesmente crianças desencarnadas, mas sim seres maduros que manifestam-se de modo infantil para atingirem certos objetivos). Ao longo de minha vida mediúnica tive contato com diversas “crianças” (denominadas também de erês e ibejadas) que contaram-me suas origens. Uma delas narrou-me que tivera vida na Turquia (fora muçulmano), outra teve vivência feminina em Portugal (fora católica) e uma terceira, um grande amigo espiritual, viveu e morreu como escravo no Brasil (disse-me que conheceu o Catolicismo, mas que praticara “macumba” no passado). Paro por aqui, para não me estender muito com casos específicos.

Portanto, é fácil compreender que a Espiritualidade que se manifesta através da Umbanda, tem representantes em praticamente todas correntes espiritualistas do nosso mundo. É até mesmo difícil distinguir qual tipo de entidade que seria considerada “tipicamente de Umbanda”,

pois boa parte dos espíritos de nosso planeta já deve ter vivenciado, ao longo de suas encarnações, vários ambientes filosófico-religiosos.

CONEXÃO À DISTÂNCIA

Este capítulo trata da conexão de médiuns à distância, seja à egrégora do grupo espiritualista com o qual tenha laços, seja a outras pessoas de sua convivência.

Inicialmente, posso dizer que a motivação em escrever sobre este tema, foi o fato de eu ter (em 2001) me desligado fisicamente do C.E.F.J., grupo de trabalhos e estudos espiritualistas dirigido por Néelson Vilhenna, mas, nos anos seguintes e até hoje, sentir as influências de suas atividades mediúnicas, mesmo à distância. É claro que isso não ocorre sempre, mas é algo frequente, sobretudo nas épocas em que as sessões espiritualistas tenham uma maior necessidade de sustentação mediúnica. Às vezes, há urgência de uso abundante de bioenergias dos médiuns, para o tratamento de encarnados e desencarnados, bem como para os chamados “trabalhos de antimagia”. Então, os mentores do Centro buscam o suporte mediúnico para além dos médiuns presentes fisicamente à sessão, inclusive naqueles que não frequentam mais o templo, mas possuem afinidade espiritual com o mesmo.

Passo, a seguir, a exemplificar com o meu caso específico junto ao C.E.F.J. Nos dias de hoje, sei que o C.E.F.J. faz reuniões quinzenalmente, aos domingos. Não sei de memória o calendário de sessões do grupo de Néelson Vilhenna, mas posso acertar com boa precisão em quais domingos do mês elas ocorreram, pois durante os dias da semana e sobretudo na véspera de cada sessão, meu “clima mental” muda drasticamente. Nessas oportunidades, passo a sentir o assédio de entidades que desejam perturbar os trabalhos mediúnicos do C.E.F.J., porque as atividades deste Centro interferem significativamente nas ações negativas de certas falanges de espíritos desequilibrados. Assim, não é incomum que eu ouça as ameaças e lamentos de entidades perturbadas, que já estejam sendo atraídas para a egrégora do C.E.F.J. Isto causa-me, à noite (principalmente na data imediatamente anterior à sessão), problemas como insônia ou sono com sonhos desagradáveis. Não é incomum, também, em noites anteriores à data da reunião, projetar-me lucidamente no Astral (experiência fora do corpo), e encontrar-me com o Néelson Vilhenna (e/ou com outros médiuns do seu grupo) e ajudá-lo(s) em tarefas preparatórias extrafísicas, com vistas ao sucesso nas atividades terrenas posteriores. Além disso, é relevante destacar as horas em que a reunião do C.E.F.J. está ocorrendo, de fato, no plano físico. Durante este período, eu, em minha residência, fico um tanto letárgico. O raciocínio fica limitado e o corpo pede repouso. Às vezes preciso, mesmo, deitar-me um pouco, pois qualquer atividade que eu queira fazer, sobretudo intelectual, ficaria prejudicada. É melhor relaxar e permitir o livre fluxo de energias. É bastante comum, nestes momentos, eu “ouvir mentalmente” diversos cânticos (pontos cantados da

Umbanda), que se usam no C.E.F.J. Mas, após o término da sessão do grupo de Nélon Vilhenna, no início da noite de domingo, volto ao meu padrão energético normal. Então, já sei que os trabalhos lá no Centro de meu amigo findaram.

Bem, agora gostaria de discorrer sobre um outro tipo de conexão à distância, que assinalei no primeiro parágrafo deste capítulo: a conexão com pessoas de sua própria convivência. Alguns indivíduos, mesmo não sendo médiuns ostensivos, possuem forte ligação entre si por laços de afinidade espiritual. Um exemplo notadamente simples é a conexão entre mãe e filho, que, mesmo estando bastante distantes fisicamente, percebem os problemas e aflições por quais o outro passa, pela via intuitiva/bioenergética. Mas, por quê estaria eu citando este tipo de conexão aqui neste livro? Com um objetivo: destacar que, se além dos laços de afinidade entre pessoas, ocorrer que também elas tenham uma mediunidade intensa, a conexão ainda será mais forte, pois permitirá uma troca bioenergética mais rápida e efetiva. E é justamente esta situação que eu tenho observado entre algumas pessoas nos últimos anos. Vou exemplificar. Tenho uma determinada amiga que, sempre que passa mal ou fica doente, afeta à distância mais três pessoas próximas. Essas decaem energeticamente, apresentando um ou mais sintomas do que ela está sofrendo. Isto ocorre há muito tempo e evidencia os laços espirituais entre esses seres. Todas essas pessoas do exemplo têm mediunidade ostensiva, o que proporciona a intensa troca energética que assinalei. Notei também, que alguns indivíduos médiuns do C.E.F.J., mesmo não tendo grau de parentesco terreno, apresentam esta forte conexão à distância. Esta realidade observei identicamente em outros agrupamentos espiritualistas que frequentei no passado. Este aspecto entendo ser bastante importante e, com este capítulo, espero chamar a atenção dos leitores para as suas próprias vidas. Não será difícil perceber essas conexões e, após notá-las, creio que será mais fácil vislumbrar que a humanidade forma um todo. Caminhamos juntos e, por mais que tenhamos ainda severas arestas individuais a aparar, estamos rumando para uma harmonia maior.

VIAGEM ASTRAL E ATIVIDADE MEDIÚNICA

Este capítulo apresenta um aspecto importante do que ocorre nos mais variados centros espíritas/espiritualistas, que usam intensivamente o recurso mediúnico, como no caso do C.E.F.J., dirigido pelo Néelson Vilhenna. Refiro-me à relação entre a chamada viagem astral e as atividades mediúnicas. Mas, de início, é bom lembrar o que é uma viagem astral (também denominada desdobramento espiritual, projeção astral ou projeção da consciência), que consiste basicamente numa experiência fora do corpo. Ou seja, é o fenômeno da libertação momentânea de um veículo sutil de manifestação do espírito (chamado de perispírito pelos espíritas e de corpo astral pelos teosofistas), de forma a se obter informações no Mundo Espiritual (Plano Astral) ou atuar diretamente lá. A projeção astral é um fato fortemente conectado às atividades mediúnicas de um centro, quer os médiuns saibam disso ou não. Muitos médiuns têm experiências fora do corpo, mas não possuem boa capacidade de rememoração do que lhes sucedeu. Até possuem boa lucidez quando estão fora da matéria, mas, logo depois que retornam ao plano físico, não se lembram do que ocorreu, ou apresentam memórias distorcidas, chamando-as de “sonhos”.

Voltando ao objetivo fundamental deste capítulo, que é assinalar a relação entre viagem astral e atividade mediúnica, esclarecemos, a partir de agora, o porquê da correlação entre ambos. Bem, fundamentalmente, para que um trabalho espiritual funcione a contento, não basta apenas a realização da atividade mediúnica no dia marcado para a sessão no templo. Antes disso, no Mundo Espiritual, existem preparativos para o que precisará ser feito no plano terreno. E esta preparação prévia no Astral, muitas vezes requer a presença *in loco* de um ou mais médiuns, que são retirados de seus corpos físicos (ou atraídos) por mentores especializados. Então, uma vez no Mundo Sutil, esses médiuns recebem instruções ou mesmo já iniciam uma atividade energética preliminar, que os conecta às entidades que serão tratadas no templo terreno, no dia programado para a sessão mediúnica. Em algumas narrativas do Néelson Vilhenna, neste livro, este trabalho prévio de médiuns no Astral ficou facilmente evidenciável.

Além do que foi comentado, aponta-se que há mais duas situações de relação entre projeção astral e atividade mediúnica nos centros espíritas/espiritualistas. Uma delas é a correlação entre os fenômenos, no próprio período da sessão mediúnica. Não é tão raro que um ou mais médiuns, durante os trabalhos práticos, acabe saindo de seu corpo para cumprir tarefa no Astral, seja para atuar bioenergeticamente (de forma passiva, como doador de ectoplasma, ou de forma mais ativa, aplicando passes magnéticos em desencarnados, por exemplo), ou ainda para obter informações sobre o ambiente circundante, quando podem até receber instruções diretamente dos mentores presentes.

A outra correlação relevante entre viagem astral e atividade mediúnica é a que se dá após a sessão de trabalhos no centro, quando os médiuns já retornaram para as suas residências. É frequente que algumas tarefas só terminem posteriormente, no Astral, com o concurso direto de alguns médiuns, em desdobramento espiritual. Essas atividades posteriores à sessão espírita/espiritualista podem perdurar vários dias, quando um ou mais trabalhadores encarnados serão induzidos a saírem do corpo, geralmente durante à noite.

Portanto, em resumo, assinale-se que a atividade mediúnica de vários tipos de agrupamentos espiritualistas está intrinsecamente relacionada ao fenômeno da viagem astral. E esta correlação acontece nos momentos distintos apontados, mas para execução de um plano comum, que é o de auxiliar bioenergeticamente a desencarnados e também a encarnados. Embora grande parte dos sensitivos/médiuns não tenha boa consciência de sua atuação fora do ambiente físico, cremos que a tendência futura é de elevação desta conscientização.

A seguir, apresento um relato que consta no meu livro “Experiências Extrafísicas”, que exemplifica razoavelmente a ação de médiuns no Astral. Este relato foi intitulado “Projeções conectadas” e ocorreu em 1994:

Logo no início de minhas atividades mediúnicas, ocorreu uma projeção astral muito significativa para mim. Realizei uma tarefa no Mundo Extrafísico, acompanhado pelo professor Nélon. Ele era o dirigente de um dos dois centros onde eu atuava e também lecionava na mesma universidade que eu frequentava.

Durante o início da viagem astral, eu caminhava solitariamente por uma estrada, rumo a um local desconhecido. Cheguei a uma localidade onde haviam vários prédios, como se fosse um conjunto habitacional. Numa espécie de praça estaquei, observando que a uma certa distância estavam muitas pessoas com aspecto humilde, algumas sentadas no chão, aparentemente gente sem moradia. Confesso que cheguei até o lugar sem saber bem o porquê. Talvez estivesse sendo guiado por algum amparador invisível.

Então, resolvi me aproximar de um grupo, quando, para minha surpresa, avistei o Nélon. Ele parecia estar ajudando de algum jeito aquele pessoal. Notei, agora que eu estava mais próximo, que os indivíduos ali eram todos índios. Homens, mulheres e crianças possuíam pele morena, rostos arredondados e olhos um pouco oblíquos, como os indígenas brasileiros. No entanto, eles trajavam vestuário normal de pessoas das cidades grandes. Fui retirado do meu estado de surpresa e inoperância, por alguém que exclamou: “- puxa! Que bom! Chegou mais um para ajudar!” De imediato, passei a me integrar ao trabalho. No entanto, não me recordo ao certo o que fiz de bom para aquelas pessoas. Era algo ligado à cura, mas minha mente material

não conseguiu registrar exatamente o meu papel ali. Logo em seguida, depois de um tempo impreciso no Astral, despertei no corpo material.

Fui à universidade feliz porque me encontraria com o Néelson, podendo-lhe contar que estivéramos juntos no Plano Espiritual, fazendo algo de útil a algumas entidades necessitadas. Eu concluía que aqueles “índios” eram desencarnados que precisavam de algum aporte de bioenergia de nós, médiuns do centro espírita recém-fundado. Quando encontrei-me com o Néelson, eu lhe disse de supetão: “- sonhei com você!” Ele, de bate-pronto, retrucou: “- eu também sonhei com você!” Então pedi que ele contasse, primeiramente, o que “sonhara”. Néelson disse que lembrava ter ajudado a um grupo de pessoas, atuando como médico. Após um certo tempo de auxílio, ele narrou que eu havia chegado e me juntado ao trabalho. Em seguida a esta fase do serviço espiritual, segundo ele, nós saímos juntos do local e fomos para uma outra região, onde atingimos um vilarejo cheio de casas. Fomos em várias residências para verificar a saúde das pessoas. Nós éramos considerados como médicos naquele lugar. Depois ele retornou ao corpo, guardando na memória os fatos aqui relatados.

A seguir, contei ao Néelson a minha versão da viagem astral. Nós ficamos muito satisfeitos, por termos nos lembrado de alguns detalhes das experiências extrafísicas que coincidiram entre si. Pode-se verificar que estivemos no mesmo local, a princípio, pois ambos vimos inúmeras pessoas que precisavam de ajuda. No meu relato, quando eu cheguei, ele já estava lá. Na narrativa de Néelson, eu cheguei após ele já estar executando uma tarefa. Ou seja, há perfeita coerência. No entanto, ocorreu uma discordância, que foi quanto ao aspecto dos desencarnados. Eu os vi como sendo de etnia indígena, enquanto Néelson os viu como pessoas comuns de uma grande cidade brasileira, com diversas miscigenações. Acredito que a minha rememoração da projeção tenha sido de qualidade inferior a de Néelson neste ponto. Entendo que, às vezes, o nosso cérebro físico provoca algumas “distorções” quanto às experiências extracorpóreas, introduzindo ou suprimindo detalhes, ou ainda transformando algumas imagens astrais em algo ou alguém com quem estamos mais acostumados, no nosso dia-a-dia terreno. É importante destacar também, que eu não entendi exatamente qual era a nossa função, tendo interpretado que fora uma atuação no sentido de curar as pessoas. Já o Néelson compreendera que agíamos como médicos. Desta forma, pode-se concluir que também há boa coerência entre os relatos nesta questão. Mais à frente, o Néelson lembrou de uma segunda fase da projeção, quando fomos no vilarejo de casas. Eu, por minha parte, não recordo deste período. Minha “mente consciente” não foi capaz de reter ou registrar estes outros fatos, embora eu estivesse lá de forma lúcida e atuante, conforme a narrativa de meu amigo. Aqui, é possível notar um fenômeno comum no Astral: podemos estar acordados e agindo lucidamente, mas corremos o

risco de não trazer a memória das ocorrências para o cérebro físico. Isto caracteriza o que se chama “falta de capacidade de rememoração”.

Finalizando este relato, é relevante assinalar que eu e o Nelson, naquela época, não tínhamos conhecimento de que poderíamos nos projetar pelos nossos próprios meios. Entendíamos o fenômeno exclusivamente sob a ótica do Espiritismo, que basicamente o denomina “desdobramento espiritual”. Compreendíamos que principalmente através dos guias espirituais é que poderíamos libertar os nossos perispíritos do corpo material, para que pudéssemos ir até o Plano Astral e auxiliar em alguma tarefa, através das nossas bioenergias.

PARTE 4

PALAVRAS FINAIS

(Nélson Vilhenna & Pablo de Salamanca)

Nélson Vilhenna

Com palavras simples e objetivas chego ao final deste livro. Não digo despretenso porque teve ele a pretensão de fazer chegar, ao leitor amigo, uma experiência de vida que possa servir de estímulo ao estudo da vida integral e ao autoaperfeiçoamento, bem como de encorajamento para libertar-se das “crenças” impostas pela sociedade. Lembro que disse o Mestre Jesus, *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará* (João 8:32), se dirigindo aos homens preconceituosos e acorrentados às tradições equivocadas de quase sempre. Se eu tiver conseguido manter o leitor até esta página do livro, estarei satisfeito e com o sentimento de dever cumprido, conforme a intuição original recebida.

Encerro minhas considerações finais, agradecendo a paciência de todos durante a leitura e conclamo para que não se esqueçam da advertência do Mestre Jesus, *Vós sois deuses* (João 10:34), e busquem encontrar essa presença divina em si, para, assim, encontrarmos a Paz Interior, contribuindo com a Paz no Planeta.

Pablo de Salamanca

Caros amigos leitores, espero que esta Jornada Espiritual lhes tenha sido bastante útil. Embora não possamos caminhar pelos pés alheios, nem seguir pelas mesmas estradas e vielas, assinalo que podemos, ao menos, sentir as impressões deixadas por outros viajantes. Estas impressões não serão como roteiros definitivos para o sucesso e harmonia, pois cada um tem sua forma de discernir e arbítrio, bem como suas próprias definições para o que é sucesso ou o que é harmonia. No entanto, creio firmemente em algo que li um dia, mas não recordo mais a fonte: *Quem aprende com os próprios erros é inteligente, mas quem aprende com os erros dos outros é sábio!* Bem, esta Jornada Espiritual de Nélson Vilhenna, na qual tive o prazer de compartilhar alguns trechos, durante um certo tempo, está bem exemplificada com “erros” e “acertos” de diversos tipos, sob o arbítrio de variados personagens. Então, desejo que os leitores desta obra tenham sido sábios em aproveitar os conteúdos aqui oferecidos, utilizando-os o quanto possível em suas jornadas pessoais, evitando algumas pedras do caminho.